

Polo Diadema

O chão, o envolvimento e a família

PRG0021 - Educação, Saúde e Assistência Social:
Redes Complementares na Proteção Social Básica
13 de dezembro de 2021

Apresentação da pesquisa-ação desenvolvida ao longo do 2º semestre de 2021

Diadema

Participantes

Silvia Aparecida Deco
Patrícia Scolástico
Jaqueline C. Moura
Marcia dos Santos
Renata Carolina Nogueira
Maressa Tosetti Lamonica Crespo
Letícia Cristine Lopes Marcondes
Deusolita Ferreira da Silva
Monica Guarnieri Machado
Marta Cirera
Renata Nunes Sousa
Ana Paula Terrabuio
Elisabete Pereira Sant'Anna Cruz
Luciana dos Santos Oliveira
Marilza de Campos de Almeida

USP

Sonia Maria Portella Kruppa (FEUSP)
Christian Kendi Kohatsu Tanigava
Murilo Falciorlli Amorim
Giorgia Soares Agostini
Lucas Marques Silva
Sophia Furucho Rabelo
Rodrigo dos Santos Silva
João Vitor Pinheiro Reis

Sumário

Apresentação.....	5
Diadema - uma história em movimento.....	8
Promissão - seu chão e suas histórias.....	16
Portfólio do Promissão.....	29
Revisitando as Políticas do Território do Promissão	31
A Assistência Social.....	32
A Educação.....	47
A Saúde.....	71
Conclusão/Desafios para 2022.....	75
Referências.....	77
Apêndices:	
1. Sínteses das entrevistas.....	78
2. Relatos.....	83
3. Relatórios de estágio de estudantes no 2º semestre: Os equipamentos como formadores parceiros da Universidade	86
Anexos:	
1. Transcrição das entrevistas realizadas.....	110
2. Fotografias.....	170

Diadema: Cidade de Participação Popular

Diadema tem na origem

na cultura nordestina

de cearense, de baiano, de piauiense e

de pernambucano, como os Freireanos,

Mas também dos paulistanos.

Cidade vermelha como fogo

que lateja por justiça social.

Que sua população

sofrida e guerreira

luta por terra,

por Habitação,

por Trabalho,

por Saúde, Segurança,

Assistência e Educação

Dentre todos os bairros ,

tem o Jardim Promissão,

Que promete a esperança e

Que pulsa gente dia e noite

em busca do pão.

São mulheres e meninas,

homens e meninos

idosas e idosos

crianças e jovens

em busca das escolas,

Das escolas da região: Quintanilha, Zélia e Drummond ,

Yamamoto e Arco-Íris... e

Sagrado Coração...

Assim, vamos caminhando e nos juntando

Em busca dessa união ...

Para a transformação da nação.

Apresentação

Este texto relata e comenta as atividades realizadas pelos integrantes do Polo de Diadema junto à disciplina PRG0021 - Educação, Saúde e Assistência Social: Redes Complementares na Proteção Social Básica, realizada, de forma pioneira, ao longo do 2º semestre de 2021.

Esta disciplina reuniu professoras e estudantes de três unidades, da USP - Faculdade de Saúde Pública, A Escola de Enfermagem e a Faculdade de Educação - ao Núcleo de Estudos e Pesquisas de Seguridade e Assistência Social (NEPSAS) da PUC, aproximando-se, ainda, de profissionais das três áreas estudadas, atuantes em equipamentos de quatro pólos territoriais situados na grande São Paulo.

Segundo os alunos e profissionais, que trabalharam em seus respectivos polos durante o semestre, a palavra “desafiadora” resume a disciplina.

A referência a essa palavra pode ser explicada pelo ineditismo da disciplina, que buscou relacionar a teoria às práticas profissionais das três áreas estudadas, aproximando também a população usuária do ambiente acadêmico, valendo-se, para tanto, da metodologia da pesquisa-ação.

As atividades aqui relatadas referem-se ao Polo Diadema/Promissão. O grupo de Diadema se constituiu por alunos da graduação de diferentes áreas (Licenciatura em Matemática, Pedagogia, Saúde Pública, Letras) e profissionais que atuam na promoção da Saúde, da Educação e da Assistência Social na região de Promissão, em Diadema. Além disso, uma das docentes responsáveis pela disciplina, participou da coordenação e das ações desenvolvidas.

O texto está organizado da seguinte forma:

- **Diadema - uma história em movimento**: a história do município é trazida a partir de uma pesquisa realizada junto ao Centro de Memória da cidade, cujos profissionais foram extremamente solícitos ao disponibilizar diferentes materiais para consulta do grupo.

- Região Leste de Diadema (onde se localiza o Bairro Promissão) – O que revelam os seus mapas: O levantamento dos mapas foi feito tendo como base os estudos anteriormente realizados pelo setor de assistência social. Tem como objetivo principal situar a área estudada - o Promissão - no contexto dos bairros que compõem o município, localizando os equipamentos desses serviços.
- Promissão - seu chão e suas histórias: Relata as informações obtidas junto a moradores antigos do bairro, bem como junto a servidores públicos que iniciaram o atendimento local desses serviços. Discussões sobre o território onde se situam os equipamentos do polo estudado, seus conselhos, o orçamento participativo e a participação popular são temas debatidos nesse item. O item se encerra com uma linha do tempo, que situa a ordem pela qual os moradores do bairro tiveram acesso a cada uma das políticas. As entrevistas transcritas encontram-se anexadas e um resumo, feito a partir de algumas categorias, é apresentado como apêndice desta publicação. Cabe dizer que uma das primeiras atividades realizadas no polo de Diadema, ocorrida em 16/10/2021, foi uma reunião realizada na Escola Municipal , que contou com a presença das lideranças das duas associações e que foi seguida de um reconhecimento do território, numa caminhada do grupo pelo bairro e visita a cada um dos serviços, resultando não só no conhecimento dos equipamentos, mas também numa maior aproximação dos participantes do grupo e integrantes da disciplina - trabalhadores e estudantes. Um conjunto de fotos foi feito, compondo o acervo dos documentos, descrito no item a seguir.
- Portfólio do Promissão: como uma metodologia coletiva da pesquisa realizada, os integrantes do Polo recolheram e passaram a armazenar em uma pasta do *Google Drive* um conjunto de materiais (fotos, relatórios, vídeos e outros), inclusive registros do trabalho e arquivos importantes que foram encaminhados pelas profissionais que atuam nessa localidade. Esse item descreve, brevemente, a forma como esse acervo vem sendo montado e como é acessível aos integrantes do grupo e a outros que se interessem. O material e as atividades

relatadas formaram uma base para a participação na disciplina, podendo ajudar na mobilização de ações futuras no território.

- Revisitando as Políticas - De forma sucinta, faz-se o relato de cada uma das políticas estudadas, trazendo o registro da exposição realizada por cada grupo de servidores. As apresentações referidas nesse item ocorreram ao longo do semestre e foram muito importantes para o início do entrosamento local entre os serviços e as políticas, objetivo maior da disciplina. Elas ocorreram na seguinte sequência: Assistência Social, em 10/11; Educação, em 17/11 e a Saúde em 24/11. Essas apresentações foram gravadas e compõem o acervo do Pólo.
- Conclusão - Desafios para 2022 - Caminhando para as primeiras conclusões e para o desenho de possíveis atividades em 2022. O estudo realizado pelo grupo destacou possíveis laços de articulação entre as políticas, centrados no olhar comum dos serviços sobre as famílias e na possibilidade de articulação dos serviços com as associações e conselhos - uma ação intencional de retomar práticas da participação popular. Outro item fundamental foi a articulação com a Universidade - estágios/licenciandos e propostas de formação continuada integrada aos serviços e à comunidade tiveram início.
- Anexos: transcrição das entrevistas realizadas.
- Apêndices:
 - Sistematização das entrevistas
 - Relatórios Diversos e ainda: - os equipamentos como formadores parceiros da Universidade - Relatórios dos estágios de estudantes no 2º semestre (João Vitor, Rodrigo e Lucas)
- Referências

Diadema - uma história em movimento

Baseado em documentos e entrevistas cedidos pelo Centro de Memória de Diadema, pôde-se traçar um breve histórico do local que começou com apenas quatro povoados (Piraporinha, Eldorado, Taboão e Vila Conceição) e hoje com 429.450 habitantes (população estimada pelo IBGE para 1º de julho de 2021), numa área de 30,732 km², uma densidade demográfica de 13.977,3 hab/km², é a 14º cidade mais populosa do estado de São Paulo, a cidade de Diadema.

Emancipada como município em 1959 (antes, um distrito de São Bernardo do Campo), Diadema possui uma trajetória de mudanças, crescimento e lutas que vêm muito antes de sua emancipação político-administrativa. Com os primeiros indícios de ocupação no século XVIII, Diadema era uma região rural com poucos habitantes, chácaras, olarias e manufaturas.

Com a industrialização crescente no ABC na década de 60 e a maior utilização da rodovia Anchieta para escoamento de mercadorias, Diadema passou a ser um atrativo para imigrantes de outros estados que vinham trabalhar nas indústrias em crescimento na região. Sem um apoio do Estado no que tange a viabilização de políticas públicas eficientes, as pessoas que se instalavam no território careciam de direitos básicos como saúde e educação.

Atrelado ao interesse levantado sobre a região, nos anos seguintes a cidade vivenciou uma explosão demográfica e o crescimento desordenado. Sem políticas públicas que acompanhassem esse crescimento, os habitantes tiveram que conquistar seus direitos básicos através da luta, nasce então o que é uma das principais marcas de Diadema, a força do movimento popular.

O município de Diadema tem 30,84 Km² e localiza-se entre os municípios de São Bernardo do Campo e São Paulo, a uma distância de 17 km da Capital. De acordo com o IBGE, a população estimada em 2020 é de 426.757 habitantes, sendo a segunda maior densidade demográfica nacional (aproximadamente 13.837 habitantes por km²). Possui 13 territórios intra urbanos, onde a concentração populacional varia em até seis vezes. A reivindicação popular fez com que Diadema partisse de um local com poucos

grupos escolares até a década de 1960 e chegasse, hoje, num total de cerca de 90 escolas municipais, sendo de administração direta e indireta, em toda a cidade, o que mostra o crescimento do território e dos equipamentos de educação conquistados pela população.

Os primeiros passos rumo a uma cidade urbanizada e em direção aos direitos humanos, possuem suas raízes na luta da comunidade e nos governos populares que governaram a cidade nos anos seguintes.

É importante deixar viva na memória dos atuais moradores que a realidade pode ser mudada através da coesão popular, assim como foi feito durante os primeiros anos da cidade. Isto posto, ter equipamentos como o Centro de Memória, faz com que através da história se faça entender as raízes dos problemas encontrados na atualidade e se busque lutar em prol dos direitos da comunidade e contra qualquer tipo de opressão.

Governos Progressistas em Diadema

Diadema é uma cidade jovem com 62 anos. A criação do município é de 1959, sendo Evandro Caiaffa Esquível seu primeiro prefeito eleito.

Desde 1983, com o governo municipal do prefeito Gilson Menezes, Diadema recebeu as marcas de sucessivas administrações progressistas, sendo a primeira cidade a ser administrada pelo Partido dos Trabalhadores no Brasil, por esta razão, por muitos chamada de o “berço do PT”.

O PT (Partido dos Trabalhadores) tinha como bandeira de luta a garantia dos direitos à Educação, à Moradia, à Saúde e uma melhor qualidade de vida para todos e todas.

As gestões propulsionaram a participação popular através dos orçamentos participativos, em que incentivava a decisão sobre as prioridades locais para os investimentos públicos, assim como a constituição dos Conselhos de Escola e outros fóruns deliberativos.

As pesquisas realizadas no Centro de Memória da Cidade de Diadema, por meio de acervos de reportagem dos períodos de 1973 a 1977, durante o governo de Ricardo Putz do partido do MDB - Movimento Democrático Brasileiro, confirmam que as reivindicações por atendimento pré-primário foram iniciadas a partir de 1975 na cidade.

De acordo com os registros na Proposta Curricular de Educação para Jovens e Adultos (2007), as primeiras classes foram iniciadas em 1965 e eram de responsabilidade da Delegacia de Ensino de 1965 a 1973. No período de 1973 a 1986 as classes de EJA ficaram sob responsabilidade do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e da Fundação Educar, restringindo a concepção de alfabetização à escrita do nome.

Em 1987, na administração do prefeito Gilson Menezes, através do parecer do Conselho Estadual de Educação de São Paulo, nº 409/87 de 11 de março, foi instituído oficialmente o SEJA (Serviço de Educação de Jovens e Adultos) na cidade para atender de 1ª a 4ª série, tendo como concepção da proposta curricular pedagógica os ensinamentos de Paulo Freire.

No período de 1993 a 1996, na gestão do prefeito José de Filippi, houve ampliação de salas de aulas e investimento na formação de professores, porém devido ao número de evasão dos estudantes, foi realizada uma pesquisa sobre o tema, coordenada pela professora-doutora Maria Nilde Mascellani.

O resultado da pesquisa trouxe indicadores sobre a importância de maior aproximação entre a proposta curricular e a realidade dos estudantes. As classes de EJA foram ampliadas para outros locais como empresas e centros comunitários da cidade, estreitando, ainda mais, o diálogo do conhecimento escolar com os da realidade social.

Em 1995, na abertura ao II Congresso de Educação em Diadema, com a presença do Ministro de Educação Paulo Renato e do Professor Paulo Freire, foi lançada a frente popular de erradicação do analfabetismo com a implementação do MOVA - Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, sendo Diadema a segunda cidade à implementar o amplo compromisso com a educação popular em parceria com diversos movimentos e entidades sociais.

Em 1996, houve a criação de EJA II, de 5ª a 8ª série, considerando que as escolas estaduais não atendiam nem ampliavam o número de classes para matricular os estudantes que estavam sendo formados através do amplo movimento da educação que se instaurou na cidade para combater o analfabetismo.

Hoje, em termos de atendimento são:

- Na saúde - 20 UBS, 5 CAPs e 1 Centro de Referência.
- Na Assistência Social, na execução direta temos 05 CRAS, 02 CREAS, 01 Centro Pop, 01 Centro de Cadastro dos Programas Sociais, além da Casa Beth Lobo, CCMI (Centro de Convivência da Melhor Idade) e as Organizações Sociais conveniadas referenciadas na Proteção Básica e Especial.
- Na Educação: 61 escolas da rede direta, incluindo o CAIS (Centro de Atenção à Inclusão Social) e 29 conveniadas, sendo 28 creches e a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais).

A municipalização do Ensino Fundamental se efetivou na gestão do prefeito Mário Reali, sendo uma estratégia para a ampliação do Ensino Fundamental Regular e para a ampliação da Educação Infantil.

Um novo e importante atendimento foi instalado em 2021, configurando uma modalidade de EJA que se volta aos moradores de rua.

Na linha do tempo das Administrações, podemos constatar que, durante vinte e seis anos, a cidade de Diadema foi administrada pelo Partido dos Trabalhadores, o que teve reflexos importantes na ampliação dos serviços de educação, saúde e assistência social.

Linha do Tempo das Administrações

1960 - 1964 Governo de Evandro Caiaffa Esquivel (PTN)

1964 - 1969 Governo de Lauro Michels (PTB)

1969 - 1973 Governo de Evandro Caiaffa Esquivel (ARENA)

1973 - 1977 Governo de Ricardo Putz (ARENA)

1977 - 1983 Governo de Lauro Michels (MDB)

1983 – 1988 Governo de Gilson Menezes (PT)

1989 – 1992 Governo de José Augusto da Silva Ramos (PT)

1993 – 1996 Governo de José de Fillipi Junior (PT)

1997 – 2000 Governo de Gilson Menezes (PSB)

2001 – 2008 Governo de José de Fillipi Junior (PT)

2009 – 2012 Governo de Mário Reali (PT)

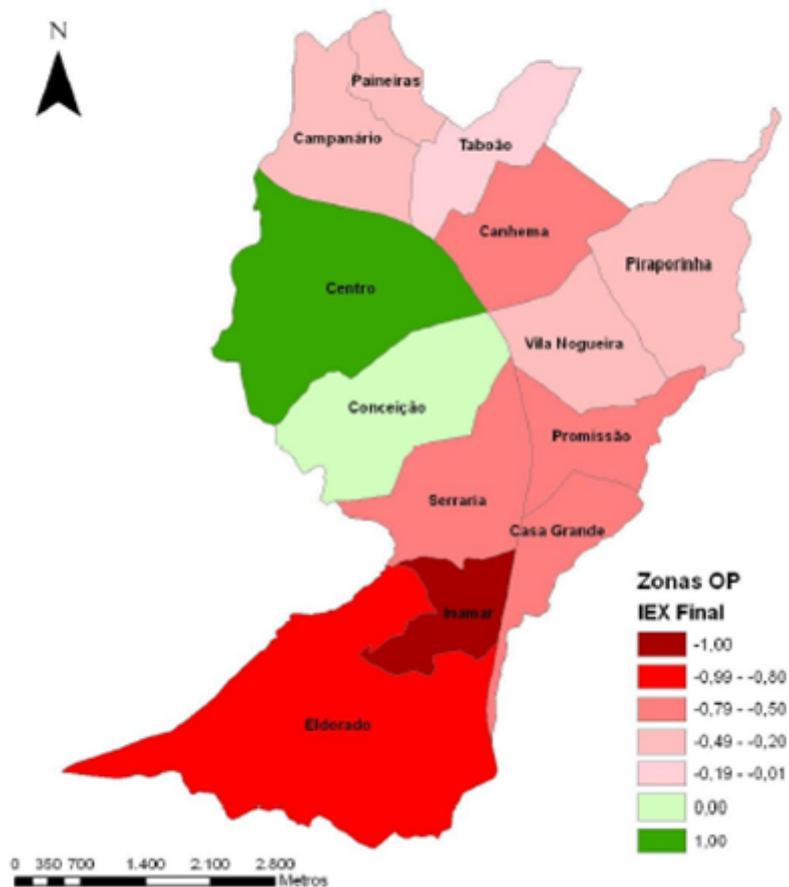
2013 – 2020 Governo de Lauro Michels (PV)

2021 - 2024 Governo de José de Fillipi Junior (PT)

A região leste de Diadema possui uma área de abrangência territorial de expressiva dimensão que contempla os bairros Casa Grande, Piraporinha e Vila Nogueira. Possui uma área topográfica profundamente acidentada e bastante populosa, com 97.735 habitantes.

Os bairros que compreendem a região leste correspondem a 30,6% da população total do município. O bairro do Promissão, destacado no mapa abaixo, faz parte da divisão das 13 regiões do Orçamento Participativo mas na atual divisão de OP em 2020 ele não mais aparece e está inserido na área de abrangência do Vila Nogueira. Essa é uma questão importante para ser trabalhada com identidade deste local.

mapa 11 – mapa da exclusão/inclusão social de Diadema. Cedest, 2008

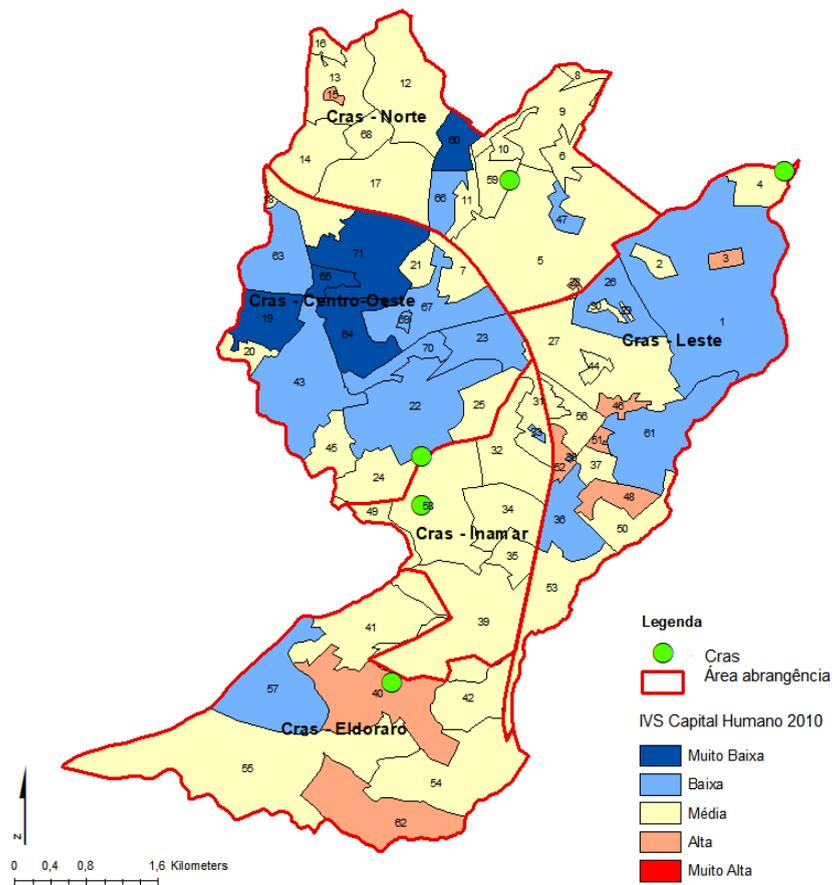


FONTE: Mapa da Exclusão/Inclusão Social de Diadema (SPOSATI et al., 2007)

Segundo dados do Mapa de Exclusão Social de Diadema (2007), a maior incidência de precariedade de renda num mesmo território encontra-se na região leste do município, em particular no bairro de Piraporinha, seguido de Promissão e Casa Grande. Nesses três bairros concentram-se o maior número de domicílios em núcleos habitacionais.

Com relação ao Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, os bairros do Promissão e Casa Grande encontram-se respectivamente nos 2º e 3º lugar de maiores índices de exclusão social. Sendo que o bairro do Piraporinha também se encontra no 7º lugar.

A Topografia Social de Diadema (2018) mostra que a região Leste apresenta expressivas vulnerabilidades, principalmente nas UDHs (Unidade de Desenvolvimento Humano) referentes à região do Piraporinha, Nogueira (Marilene) e Casa Grande. O bairro Piraporinha, embora seja aparentemente o mais desenvolvido dos quatro, com a presença de diversos comércios, bancos, empresas e linhas de tróibus, possui áreas com maiores índices de vulnerabilidade e risco social.



FONTE: Topografia Social de Diadema (2018)

Dentro de Piraporinha, destacam-se os bairros de Nova Conquista e o Núcleo Habitacional Naval, localidades que, a partir dos atendimentos e discussões com a rede de serviços, observamos um alto índice de violência urbana, dependência química,

peças em situação de rua , desemprego e baixa escolaridade. O Núcleo Habitacional Naval, localizado na extremidade da região e área limite entre os municípios de Diadema e São Bernardo do Campo, possui histórico de vulnerabilidades, devido à violência, enchentes e incêndios. Ao longo dos anos e sucessivas intervenções do município, foi se modificando e reurbanizando. Inicialmente contavam apenas com a presença da UBS Vila São José e a Base Comunitária da Polícia Militar. Nos três últimos anos, a região contou com a presença de outros serviços, tais como o CRAS, Conselho Tutelar III, Creche Naval e Ecoponto.

Promissão - seu chão e suas histórias¹

Promissão “É uma ação ou efeito de prometer. Aquilo que se promete.”

Os moradores mais antigos contam que o Promissão era um matagal, com poucas casas, bem distantes umas das outras, como uma área rural. A moradora Rosângela que chegou ao Promissão com menos de um ano de idade em 1963 e hoje tem 58 anos, filha de Dona Geni, relata: "...eles vieram de São Bernardo para cá, compraram um terreno e vieram para cá, só que aqui tinham poucas casas dava para contar nos dedos..."

A moradora Dona Geni, de 82 anos de idade, mãe de Rosângela, chegou ao Promissão com 24 anos, há 58 anos e conta sobre àquela época: "Tinha os lotes de terreno, mas só tinha o lugar de passar..., sem nada e poucos moradores, aí depois, conforme o povo foi comprando foi limpando e construindo, né? Aí, num instante formou o Arco-íris (uma área dentro do Promissão), mas era puro mato aqui, para ir no Marilene (uma das área, também, dentro do Promissão, cerca de 02 km de distância) você passava dentro do mato uma trilha de mato que as pessoas iam passando e amassando e formavam um trilho no meio do mataréu". Nessas áreas construíram suas casas de madeira. Dona Geni, completa: "...não tinha luz, não tinha água, não tinha esgoto, não tinha asfalto.”

O morador, Seu Adão, chegou no bairro com 29 anos de idade e hoje tem 70, há exatos 41 anos, diz sobre a época: “Quando eu cheguei aqui,...isso aqui era só barro”, em seguida, enfatiza novamente: ...”era barro, tudo barro. Esse núcleo aí, tinha umas 500 famílias...Ah, não tinha quase ninguém. Era aquilo que eu falei, não tinha nada aqui.”

A história dos moradores se mesclam em todas as áreas, Seu Vicente, de 72 anos de idade chegou no Promissão em 1973 com 25 anos, há quase 50 anos, contou: “...era

¹ Esta síntese, “O Chão”, foi feita a partir dos relatos, dos moradores mais antigos, de agentes comunitárias de saúde e da assistente social que trabalhava naquela época na UBS Promissão. As entrevistas com os relatos e sínteses compõem os Anexos e Apêndices desta publicação.

mato mesmo, só tinha um trilhozinho. Por onde os animais andavam, formava um trilhozinho no chão e o matinho de lado, aí, você andava no meio”.



Fotos Ilustrativas: Imagens identificadas pelos moradores como situação próxima à realidade vivida por eles

Os moradores conseguiam seus lotes de terra através de ocupações feitas ilegalmente ou pela compra de terrenos de donos incertos, que se diziam donos da terra, mas muitos moradores ainda não possuem sua escritura, até hoje.

A água não era tratada, relatam casos sobre poços e minas de onde a conseguiam e como a preparavam para o consumo próprio e o uso doméstico. Com sua simplicidade Dona Geni, contou: “Muita gente costumava pegar água e lavar roupa neste lugar...Em casa tinha que ferver e tratar em casa pra beber, né? Ou então, coar no paninho, né? Que às vezes tem aqueles bichinhos de rabinho...”



FONTE: olive.com



FONTE: livemint.com



FONTE: noticias.r7.com

Fotos Ilustrativas: Imagens identificadas pelos moradores como situação próxima à realidade vivida por eles

Moradores explicam que o esgoto corria a céu aberto, relatam o uso de fossas próximas aos poços e às cisternas (uma maneira de “guardarem” a água). Moradores, ainda explicam, como se “sentiam mal” ao consumirem e usarem daquela água.



Acervo de Fotos - UBS Promissão - Década de 1990

Em muitos casos o dono do poço conseguia ou comprava uma bomba elétrica que tirava água do poço de terra, os vizinhos que também pegavam dessa água para seu consumo rateavam a conta de luz para dividirem o valor do gasto com a energia elétrica usada pela bomba. O morador, Seu Vicente foi um dos moradores que furou um poço em seu quintal e conta: "...vizinho jogava mangueira por cima da parede, enchia os tambor, depois devolvia (a mangueira), quando chegava perto de pagar as contas eles davam um dinheirinho para ajudar." (explicando como os vizinhos pegavam a água do poço).



FONTE: dreamstime.com



FONTE: [Youtube](#)²



FONTE: capecentralhigh.com

² Captura de tela do vídeo disponível em [youtube.com/watch?v=edkppf1ZPsw](https://www.youtube.com/watch?v=edkppf1ZPsw) >. Acesso em 18 de janeiro de 2022

Fotos Ilustrativas: Imagens identificadas pelos moradores como situação próxima à realidade vivida por eles

A água limpa chegou às torneiras e com a água encanada houve a necessidade de caixas d'água para poder armazená-la, pois a falta de água era constante. Muitos moradores ainda precisavam reservar água em baldes e até enchê-los com água dos vizinhos para abastecer o uso de suas próprias residências. Essa foi uma realidade na infância de Cristina Gomes, com 45 anos de idade, uma Agente Comunitária de Saúde - ACS da UBS Promissão e moradora do bairro desde que nasceu, explica que parte da água que usavam vinham dos vizinhos. Ela diz: "...as crianças que iam pegar os baldes d'água, era até divertido, a gente voltava brincando..." (Risos).

Outra dificuldade era a locomoção, não havia travessas ou ruas, apenas trilhas pelo meio do mato onde havia muito barro quando chovia e muita, mas muita poeira quando a terra secava. O transporte era muito precário, pouquíssimos ônibus passavam pelas ruas estreitas de chão de terra batida. Assim a população recebeu o apelido de "pés de barro" e o ônibus de "poeirinha". Seu Vicente conta sobre o ônibus: "...porque só passava ele, lotado. Passava e você tinha que pegar pendurado na porta, você tinha que esperar mais uma ou duas horas no ponto, porque era uma linha de um ônibus só..."

Ao ritmo que a urbanização veio chegando e crescendo. As lamparinas à querosene foram substituídas por energia elétrica, através de ligações clandestinas, "de uma casa para outra", com nenhuma engenharia, fiscalização ou controle. No início, ainda não usavam chuveiro quente, pois não chegava a energia de 220 volts.

A luz na porta das casas que era responsável pela claridade, assim cada morador "colocava" e mantia acesa a luz conforme sua necessidade e quando apagadas a escuridão predominava e era necessário se manter dentro das casas, sem condições de caminhar a noite.

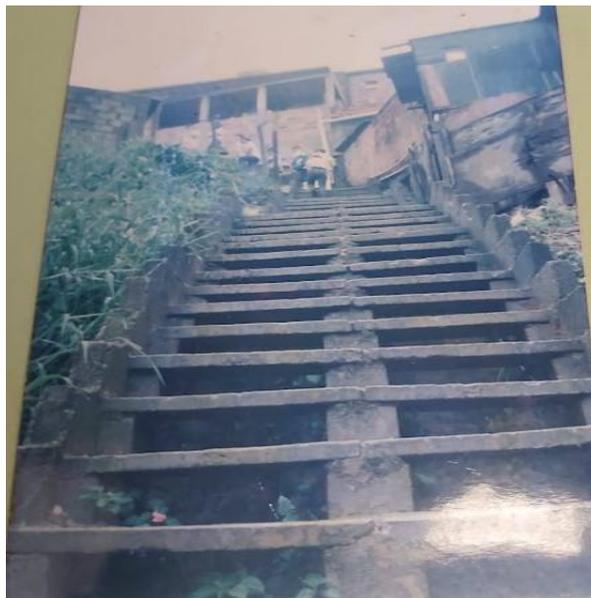
Sônia, a assistente social que começou a trabalhar no Promissão por volta de 1990, disse sobre aquela época: "...pois eram muitos barracos e caíam muitos barrancos,

muita gente chegou a morrer soterrada quando chovia, era uma coisa muito triste, muito triste mesmo, assim começou a urbanização.”



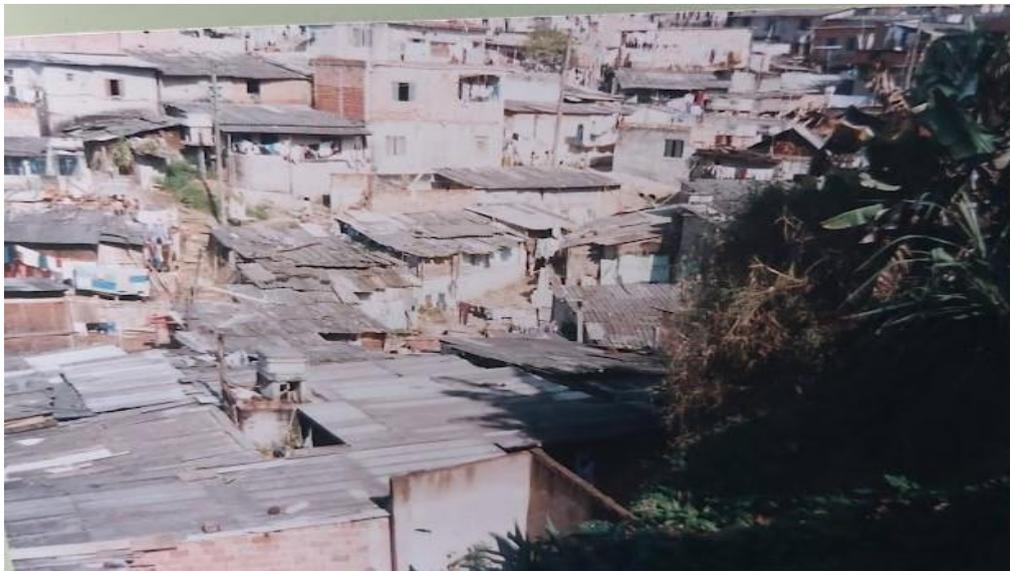
Acervo de Fotos - UBS Promissão - Década de 1990

Antigamente as escadarias eram de madeira, o que causou muitos acidentes entre os moradores, pois quando molhadas, ficavam extremamente escorregadias, com o aumento do planejamento da infra-estrutura, hoje são de alvenaria. Mas, a grande maioria ainda carece de iluminação e corrimãos.



Acervo de Fotos - UBS Promissão - Década de 1990

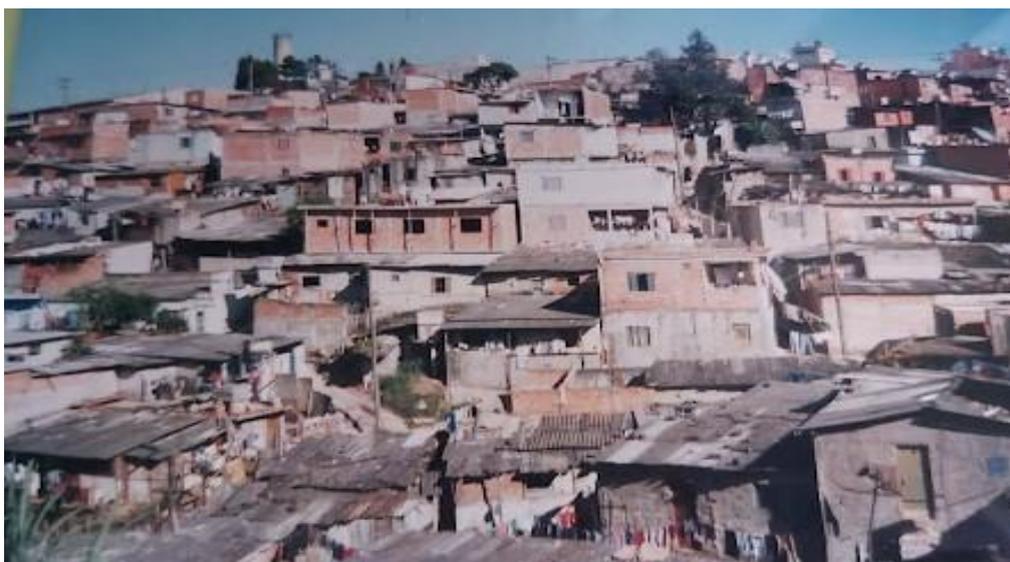
As casas de madeira, lentamente, foram trocadas pelas de alvenaria, mas ainda não havia uma infra-estrutura adequada para a formação de um bairro. Hoje não existe mais, o que chamavam vulgarmente de “barraco”, “invasão” e “favela”.



Acervo de Fotos - UBS Promissão - Década de 1990



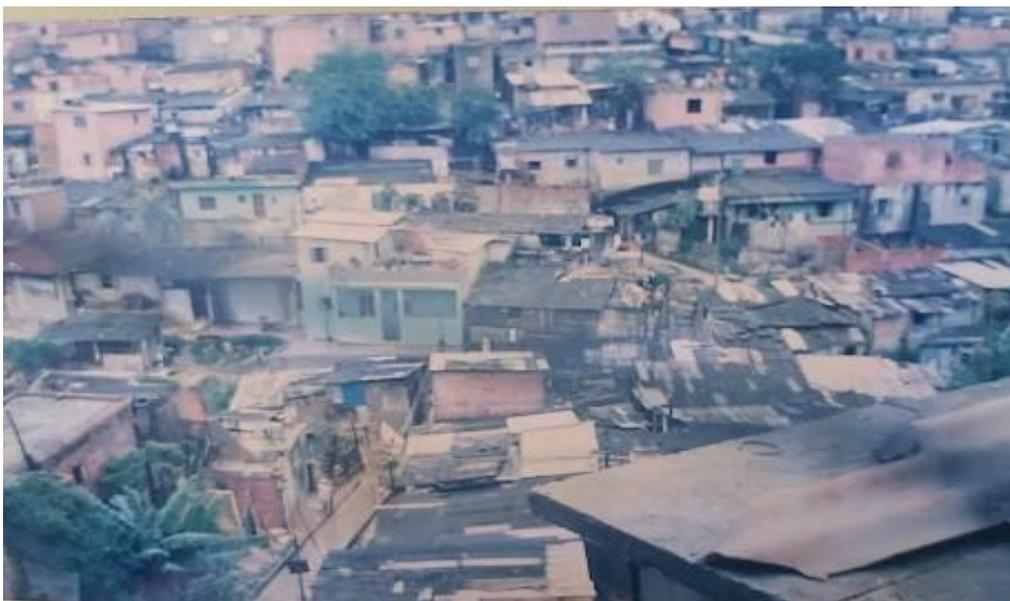
Acervo de Fotos - UBS Promissão - Década de 1990



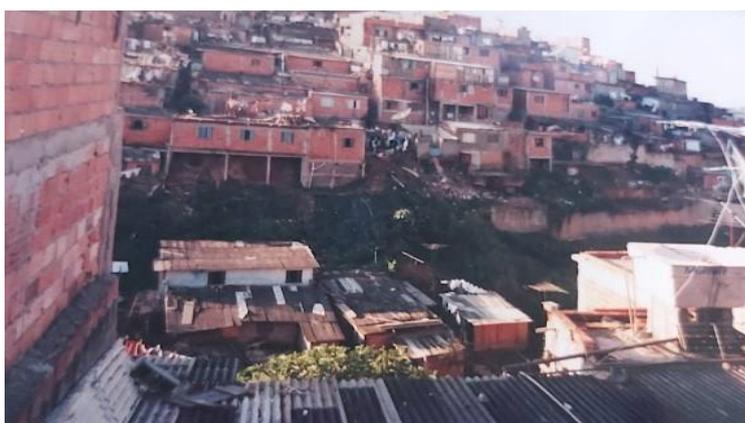
Acervo de Fotos - UBS Promissão - Década de 1990



Foto - Acervo Década de 1990 - UBS Promissão



Acervo de Fotos - UBS Promissão - Década de 1990



Acervo de Fotos - UBS Promissão - Década de 1990

O lixo também era jogado a céu aberto, não havia coleta de lixo, que permanecia bem próximo às casas. Como as ruas ainda não existiam, a coleta de lixo não tinha acesso a elas. Sobre este ponto, a moradora Rosângela, fez um relato: “A mãe lavava roupa ali. E eram uns buracos, tanto é que o pessoal enchia de lixo ali. Muito depois que veio o aterro. Aí aterraram tudo, aí o pessoal aproveitou e invadiu. Porque só tinha casa desse lado e outro lado, que é a Beethoven. Nesse meio não tinha. Era vazio. Tinham as minas que o pessoal pegava a água e era isso. Mais para cima, fizeram uma vala, onde tem uma quadra. Era onde o pessoal jogava lixo. Porque não tinha coleta de lixo

naquela época. Muitos anos depois que começaram a asfaltar e fazer a coleta de lixo. Ai aterraram, fizeram o aterro ali. Ai que o pessoal começou a usar ali pra fazer as casas”.



Acervo de Fotos - UBS Promissão - Década de 1990



Acervo de Fotos - UBS Promissão - Década de 1990

A ACS e moradora Cristina, explica que, na sua época (bem mais recente que a de Rosângela), a coleta de lixo era feita uma vez por semana, por um caminhão de lixo, mas atualmente o caminhão de lixo faz a coleta 3 vezes por semana, infelizmente ainda

não é suficiente, podemos ver o monte de lixo que se acumula em alguns lugares estreitos, onde o caminhão não tem acesso e completa: “tudo aqui no Promissão melhorou com o passar do tempo, mas sempre queremos mais para ser melhor”. Vê-se a população sempre afoita e almejando por uma melhor qualidade de vida. Buscando conquistar tudo o que é de seu direito, para alcançar seu bem-estar e o das gerações futuras.

O Promissão que cresceu com a industrialização dos anos 80 e 90 da cidade e se desenvolveu com a ampliação do comércio e oferta de serviço na região. As fotos retratam a realidade daquela época. Quando chovia, se formavam as enxurradas que inundavam as casas, não havia encanamentos para que a água escoasse. As casas de madeira predominavam por todo o bairro e segundo os relatos dos moradores, quando os barrancos caíam, muitas pessoas morreram soterradas. Essas casas não eram resistentes e firmes, com a densidade demográfica aumentando descontroladamente, as casas eram construídas bem próximas uma das outras, “madeirite com madeirite”.



Foto - Acervo Década de 1990 - UBS Promissão

Através das manifestações realizadas pelos moradores, organizadas pelas Associações, é que eles conseguiram, aos poucos, o aprimoramento e crescimento dos serviços e equipamentos necessários no bairro. Todos os entrevistados falaram sobre as conquistas que trouxeram algo novo para o Promissão, como, energia elétrica,

saneamento básico, abertura de ruas, asfaltamento, entre inúmeras necessidades, além dos serviços e equipamentos que hoje servem o bairro.



Foto - Acervo Década de 1990 - UBS Promissão

Todos comentaram como a “vida melhorou”. Em janeiro de 2022, pudemos ver o Presidente de uma das Associações de Moradores do Promissão, no terminal de ônibus do Piraporinha, conferindo e comemorando a inclusão de mais ônibus (de modelo pequeno) na linha que passa pelas ruas mais estreitas do Promissão. Isso mostra mais uma vez a luta constante e a conquista de melhorias para o bairro.

Localizado próximo a São Bernardo do Campo, muitos moradores ainda buscam emprego e seu sustento em municípios vizinhos, porém, utilizam frequentemente os serviços públicos presentes na região: Saúde, Assistência Social e Educação que são primordiais aos moradores do território. Conforme o Mapa da Exclusão, o Promissão apresentava um índice alto de vulnerabilidade social. Consideramos, que após esses dois anos de pandemia a situação se agravou, pois muitas famílias relatavam que estavam sobrevivendo com os valores do Cartão Merenda proporcionado pela prefeitura.

Descobrimo a história da Rua Pau do Café

O memorialista Walter Adão Carreiro, morador da Vila Nogueira, realizou um extenso estudo sobre a história de aproximadamente 2200 ruas do município de Diadema, nos dando a oportunidade de conhecer a história da Rua Pau do Café no Jardim Promissão:

“No início do século XX, existiam alguns pés de café no atual Jardim Promissão. Antigos moradores de Piraporinha, usavam como referência e também como divisa de suas propriedades ao se dirigirem às matas para cortar lenha e fazer carvão, diziam uns aos outros: “Nos encontramos no pau do café”. Esse apelido ficou até os dias de hoje.” (CARREIRO, 2011)

Uma linha do tempo dos serviços.

1977 - Escola Estadual de 1º Grau do Jardim Promissão (atual EM Ministro Francisco de Paula Quintanilha Ribeiro) .

Década de 1980 - Posto de Saúde do Promissão (Um Barraco de madeira com divisões precárias), situado na Rua Pau do Café, 1500, local onde se situa o atual Centro Cultural. No final de 1980, substituído por um prédio de alvenaria, já como

UBS Promissão - Saúde da Família.

1981 - São implantadas duas salas de aula que, posteriormente, vão originar a EM do Jardim Promissão

1987 - Primeiras salas de EJA na EM do Jardim Promissão.

1991 - Ampliação da EM do Jardim Promissão, renomeada como EM Carlos Drummond de Andrade.

1995 - inaugurada a Creche do Jardim Arco Iris, atual EM Zélia Gattai Amado.

Por volta de 1995 - UBS Promissão

(Rua Prudente de Moraes, 300 - A 300 m da antiga UBS)

Infra-estrutura, novas instalações, equipamentos, insumos, aumento da equipe profissional

Início da década de 2000 - Apenas 02 equipes de Estratégia de Saúde da Família

2003 - Escola Quintanilha - Instituição de EJA / Ensino Médio noturno.

2008 - UBS Promissão - Saúde da Família

(Rua Prudente de Moraes, 300)

Mais 04 Equipes de Estratégia de Saúde da Família são formadas

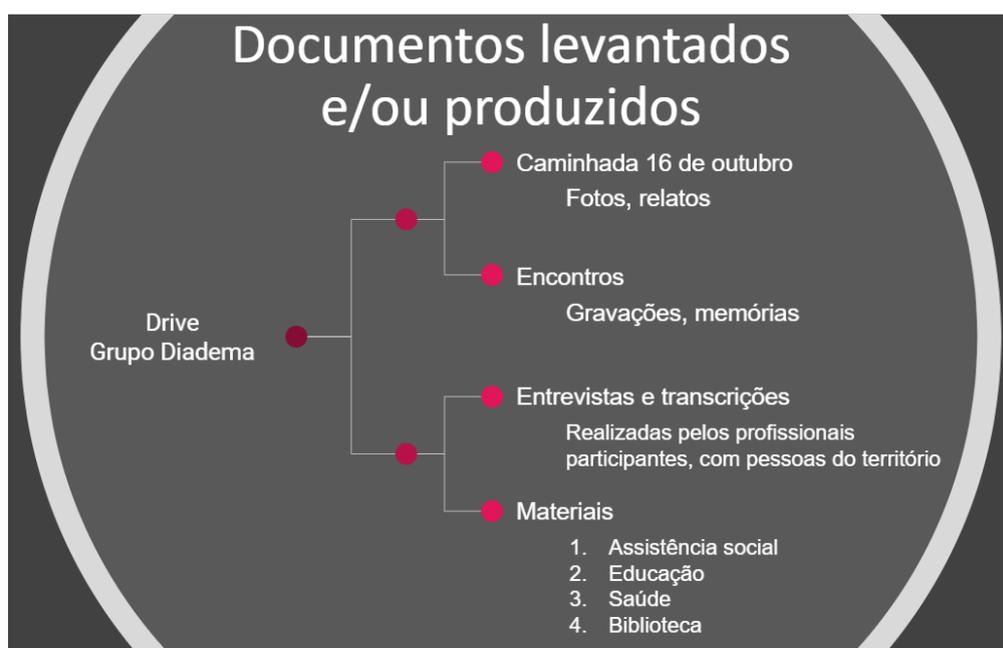
2011 - Municipalização da Escola Ministro Francisco Quintanilha de Paula

2013 - Reforma da UBS/ESF Promissão - Melhoria das Instalações

Portfólio do Promissão

O percurso de pesquisa-ação compartilhado pelos participantes do Polo Diadema ao longo do segundo semestre de 2021 está registrado em forma de um diário de campo digital, o *Portfólio do Promissão*. Desde o início da atuação do grupo, atendendo às orientações da ementa da disciplina, os estudantes que compõem esse polo vêm recolhendo um conjunto diversificado de documentos - fotos, vídeos, entrevistas (em áudio e já transcritas), relatos, atas de reuniões e memórias de conversas, e documentos oficiais, tais como os Projetos Político-Pedagógico das escolas envolvidas, teses e artigos selecionados pelos participantes e pela docente da disciplina que acompanhou o trabalho, a professora Sonia Kruppa, portarias e ofícios das Secretarias, e ainda produções textuais dos participantes que dialogam com as ações desenvolvidas, como o poema *Diadema: cidade de participação popular*.

Assim, o *Portfólio do Promissão*, uma pasta do *Google Drive* com acesso aberto via compartilhamento de link, sob organização centralizada via o perfil do e-mail USP do NAI-FEUSP, expõe um conjunto de materiais com os registros do nosso trabalho e arquivos importantes que foram encaminhados pelas profissionais que atuam no bairro Promissão, em Diadema.



A fim de facilitar os encontros síncronos, o grupo foi subdividido de acordo com as esferas temáticas envolvidas: saúde, assistência social e educação. Similarmente, o *Portfólio* está organizado de acordo com as atividades realizadas dentro de cada subgrupo, e em um movimento concatenador, na apresentação de slides cuja gravação está registrada na aula do dia 13 de dezembro de 2021.

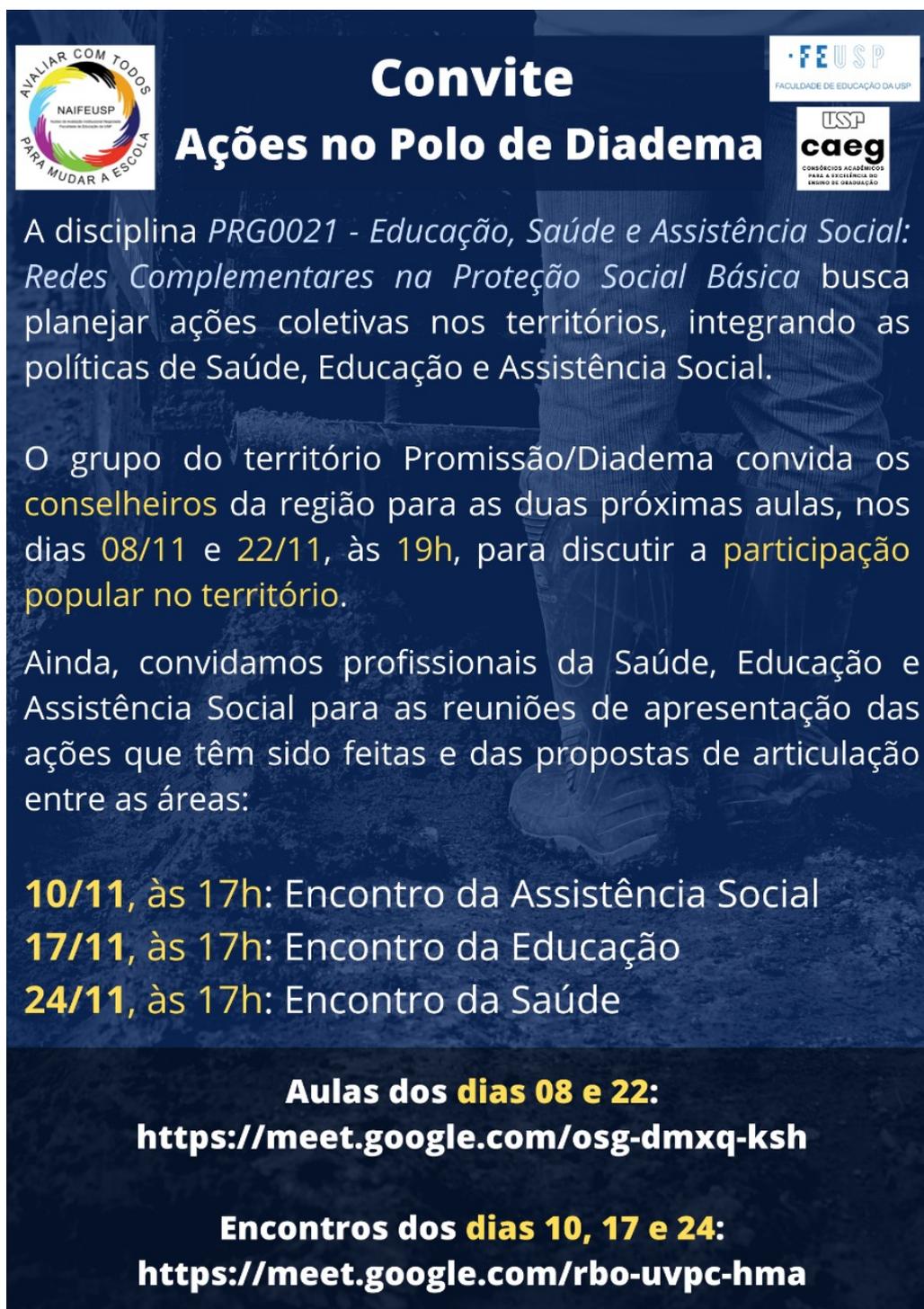
A pasta “Caminhada - 16/10” é um espaço fundamental para o semestre pois concentra nela registros do primeiro e único encontro presencial possível em tempos de pandemia, que contou com a presença quase total dos participantes, quando foi realizada uma caminhada pelo bairro e uma conversa no pátio da Escola Municipal Ministro Francisco de Paula Quintanilha. O momento de sensibilização e contato direto não apenas com o terreno, mas com as pessoas do território, foi fundamental para encaminhar reflexões e ações mais efetivas com a memória dos moradores, motivando a sequência do projeto com a realização de entrevistas de figuras contatadas pelos profissionais e estudantes, concentradas na pasta “entrevistas e transcrições”. Os demais encontros realizados remotamente, gravados ou registrados em forma de ata e/ou memória, podem ser acessados pela pasta “encontros”.

Um vídeo-síntese das apresentações realizadas por cada área, ao longo do semestre, para os participantes do Polo, em um movimento de aprofundamento e compartilhamento da realidade e cotidiano de cada uma - estas também disponíveis na pasta “encontros”, na íntegra - está disponível na pasta “materiais”, assim como pastas para materiais compartilhados por cada subgrupo e uma pasta “biblioteca”, com materiais motivadores para o tema do resgate e preservação da memória, central para o caminho cujos primeiros passos foram dados neste ano.

O acervo, público, constitui assim campo que abriga não apenas mero registro estático de uma ação finalizada, mas sim espaço para florescer continuamente e ser expandido, à medida em que novos participantes se juntem e acrescentem seus olhares e atitudes.

Revisitando as Políticas do Território do Promissão

Neste item são relatadas as apresentações realizadas conforme convite do cartaz, a seguir. Ele é o início de uma agenda que se espera seja mantida em 2022.



Convite
Ações no Polo de Diadema

A disciplina *PRG0021 - Educação, Saúde e Assistência Social: Redes Complementares na Proteção Social Básica* busca planejar ações coletivas nos territórios, integrando as políticas de Saúde, Educação e Assistência Social.

O grupo do território Promissão/Diadema convida os **conselheiros** da região para as duas próximas aulas, nos dias **08/11** e **22/11**, às **19h**, para discutir a **participação popular no território**.

Ainda, convidamos profissionais da Saúde, Educação e Assistência Social para as reuniões de apresentação das ações que têm sido feitas e das propostas de articulação entre as áreas:

10/11, às 17h: Encontro da Assistência Social
17/11, às 17h: Encontro da Educação
24/11, às 17h: Encontro da Saúde

Aulas dos dias 08 e 22:
<https://meet.google.com/osg-dmxq-ksh>

Encontros dos dias 10, 17 e 24:
<https://meet.google.com/rbo-uvpc-hma>

A Assistência Social

O Histórico do CRAS

Em 2005 inaugurou a CASA DE FAMÍLIA que funcionava em parceria com Organização Social no bairro do Casa Grande.

Em 2008 já com nome atual CRAS LESTE, mudou para salão alugado na Rua Prudente de Moraes – Promissão.

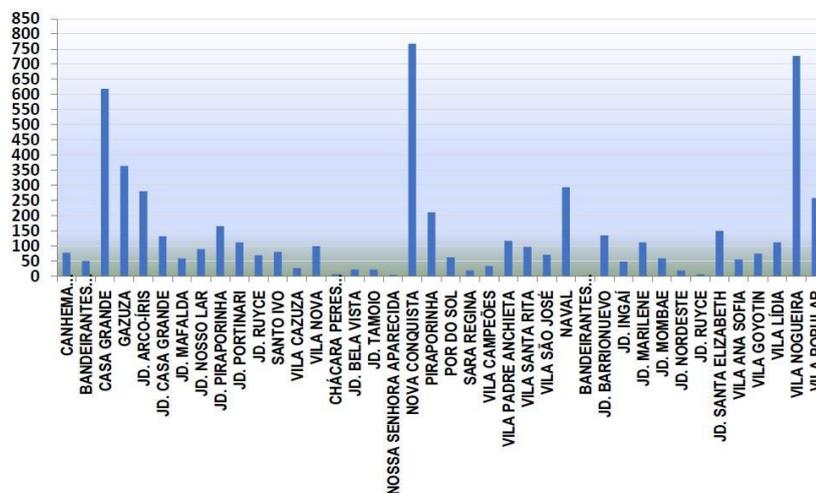
Em 2010 foi inaugurado em prédio próprio (Antigo NAPs) na mesma rua , ao lado do Ginásio Poliesportivo e UBS Promissão.

Em 2013 passou por uma reforma mas em 2016 já estava em condições insalubres de funcionamento devido a infiltrações e inundações ocasionadas por problemas estruturais e urbanos de escoamento de água na região em períodos de chuvas.

Em julho de 2017 o CRAS Leste mudou-se para Região do Piraporinha, especificamente na região da Naval. 16 Essa mudança foi positiva referente às condições de trabalho ,pois passou a contar com uma infraestrutura mais adequada e novo mobiliário, passando a prestar um atendimento qualificado e acolhedor às famílias. Porém a localização e o acesso ao equipamento tem suas dificuldades logísticas em relação ao transporte público na região, visto que a linha mais próxima de ônibus fica a aproximadamente 500 metros do CRAS, prejudicando outros bairros mais afastados e com bastante demanda.

Porém mesmo com mudança de endereço o CRAS Leste continuou atendendo toda região, principalmente da região do Promissão , visto que essas famílias já tem identificado o serviço como local de garantia de acesso aos direitos, conforme gráfico abaixo:

Bairros atendidos no CRAS Leste - 2019



Em 2019, foi realizado o reordenamento do território dos CRAS, a fim de facilitar o acesso das famílias. Foram redefinidas 23 ruas do bairro Jardim Ruyce que passaram para CRAS Inamar e redefinidas 18 ruas de abrangência do CRAS Norte, que contempla os bairros Vila Oriental e parte do Canhema, que passaram para CRAS Leste.

Conforme mencionado no histórico do Serviço, seguem fotos de alguns desses momentos:



Cras Leste 2008 – Feira de Trocas



Cras Leste - 2009



Cras Leste – Feira de Trocas 2010



Cras Leste 2016 – comprometida por infiltrações



CRAS Leste 2016/2017 – já comprometido com alagamentos

A mudança do equipamento físico da região do Promissão, causou muitas mobilizações e reivindicações da comunidade do entorno e sua nova implementação foi sendo estudada ao longo desses anos. Em 2020, foi iniciado o projeto de reforma

estruturais no prédio e na região para planejamento da abertura e implementação do que será o segundo CRAS na região Leste. A previsão de entrega será em 2022/2023.

Os Atendimentos

O CRAS é uma unidade pública estatal de base territorial localizada em áreas de vulnerabilidade social e atua com famílias e/ou indivíduos em seu contexto familiar e comunitário. Tem como objetivo prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Destina-se à população que vive em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, privação (ausência ou insuficiência de renda) e/ou fragilização de vínculos afetivos - relacionais e de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras).

Em Diadema, temos 05 unidades de CRAS, cada um com suas particularidades de território, porém com horizontes comuns dentro da Política de Assistência Social, Foi construídos pelos coordenadores e diretora do serviço da Proteção Social Básica de Diadema, a Nota Técnica N.º 001/2020 – Manual do CRAS institui normas acerca da competência e funcionamento dos serviços de CRAS no município.

De acordo com esse documento e das atividades desempenhadas no serviço, ressaltamos os instrumentos técnicos operativos utilizado pelas equipes :

- **Acolhida:** É o contato inicial do usuário com qualquer trabalhador do equipamento e poderá desdobrar em orientações e encaminhamentos. A acolhida das famílias é estratégia fundamental para a criação e fortalecimento do vínculo entre o serviço, a família e o território.
- **Busca Ativa:** Refere-se à procura intencional das ocorrências que influenciam o modo de vida da população em determinado território. Tem como objetivo identificar as situações de vulnerabilidade e risco social, ampliar o conhecimento e a compreensão da realidade social, para além dos estudos e estatísticas. É operacionalizada por meio de ações intencionais a indivíduos, famílias e/ou territórios;

- **Visita Domiciliar:** Atenção individualizada à família e seus indivíduos prestada pelo trabalhador social em uma unidade domiciliar. A visita domiciliar deve se pautar nos princípios de respeito à privacidade da família, dialogicidade e protagonismo, tanto no que diz respeito à receptividade quanto à disponibilidade para responder às perguntas específicas. Pode ser realizada pelos diversos trabalhadores da equipe, como indicado no campo das atribuições, e se organiza de acordo com as necessidades apresentadas;
- **Atendimento individualizado:** Procedimento de escuta e identificação da demanda do indivíduo e/ou família que busca realizar intervenções pertinentes ao serviço. Pode ser realizado por qualquer trabalhador da equipe e se encerra na resolução de uma demanda específica. A partir de avaliação, pode ser direcionada ao atendimento coletivo, acompanhamento familiar e oficinas;
- **Atendimento Coletivo:** Consiste no reconhecimento das demandas do indivíduo ou da família e na problematização das expressões da Questão Social comuns ao território. Deve ser realizado por um dos trabalhadores da equipe de referência técnica e as informações serão registradas em prontuário;
- **Acompanhamento Familiar:** Requer o estabelecimento de vínculos e compromissos entre as famílias usuárias e o serviço, bem como a construção de processos de planejamento e avaliação conjunta do percurso a ser trilhado na superação das situações de vulnerabilidade vivenciadas. O processo se inicia após o primeiro atendimento, momento em que deve ser realizada pela equipe técnica a análise das demandas, vulnerabilidades vivenciadas e de suas potencialidades, sempre em conjunto com as famílias, apresentando os objetivos e compromissos do acompanhamento familiar bem como com a escolha do tipo de acompanhamento a ser utilizado: se em grupo ou individualizado, como também a para a construção do Plano de Acompanhamento Familiar - PAF.
- **Oficinas com Famílias:** Têm por intuito suscitar reflexão sobre um tema de interesse das famílias, sobre vulnerabilidades e riscos, ou potencialidades, identificados no território, contribuindo para o alcance de aquisições, em

especial, o fortalecimento dos laços comunitários, o acesso a direitos, o protagonismo, a participação social e a prevenção a riscos;

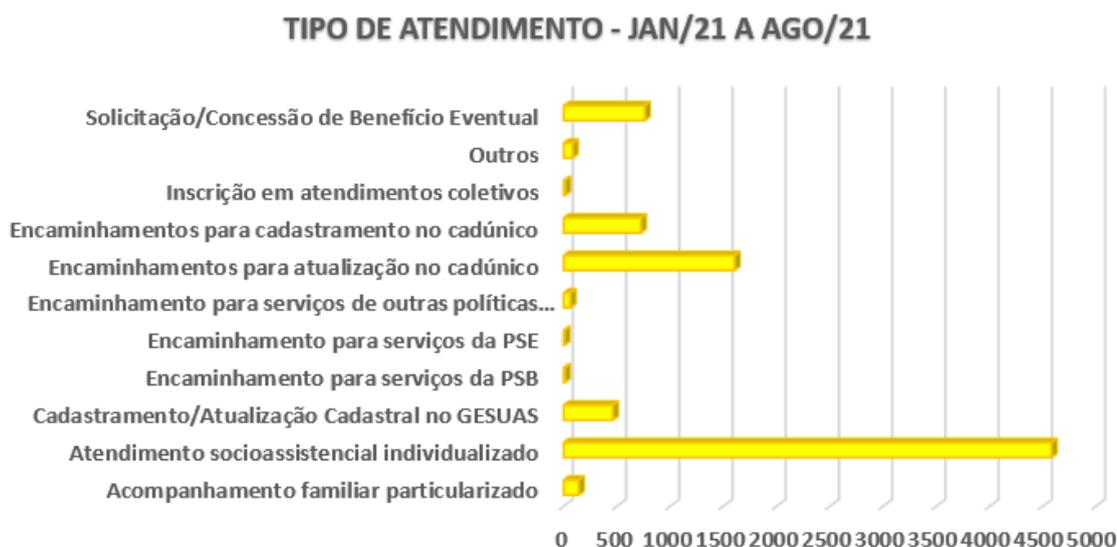
- **Ações Comunitárias:** Atividades desenvolvidas com e para a comunidade, de caráter coletivo, voltadas à dinamização das relações nos territórios. Objetiva promover a comunicação comunitária, a mobilização social e o protagonismo da comunidade, visa também fortalecer os vínculos entre as diversas famílias do território, desenvolver a sociabilidade, o sentimento de coletividade e a organização comunitária.
- **Encaminhamento:** É um instrumento presente nos diversos atendimentos realizados no âmbito do PAIF. Tem características próprias e seu intuito, assim como o de todas as ações da política de assistência social, é o de garantir a proteção social de indivíduos e suas famílias. Os encaminhamentos devem orientar e direcionar as famílias para o atendimento das suas necessidades, desde a obtenção de documentação pessoal até o acesso a serviços da rede socioassistencial da rede direta e da indireta, como a de outras políticas públicas.

Devido a Pandemia por Covid-19 a partir de março/2020, tivemos um grande desafio - manter a oferta dos serviços e acompanhamento familiar. A forma e frequência dos atendimentos e acesso das famílias foram modificadas e adotou-se o uso de estratégias pra continuidade de algumas ações. O uso de aplicativos para realização de reuniões virtuais e atendimentos via telefone, foram exemplos de estratégias utilizadas pela equipe do PAIF. Foi decretado o Teletrabalho de 23 de março até 10 de maio de 2020 e as pessoas do grupo de risco - pessoas idosas, com doenças crônicas e gestantes, foram afastadas Foi implantado em março, o serviço de “Plantão da SASC”, cujo objetivo foi realizar atendimentos por meio de plantão telefônico ou WhatsApp para as situações emergenciais, acompanhamentos familiares, visitas domiciliares e fornecimento de benefícios eventuais, para mitigar a ausência do atendimento presencial nos serviços socioassistenciais. No início de maio de 2020 o equipamento retornou ao atendimento presencial em horário reduzido e logo posteriormente retornou às atividades em horário integral.

No ano de 2020 foram realizadas 110 visitas domiciliares. Essa ação é uma estratégia que faz parte da busca ativa e do acompanhamento familiar. Algumas dificuldades encontradas para realização das visitas, foram a menor disponibilidade de motoristas, veículos e assim como equipe reduzida de CRAS Leste, visto que a orientação é que esse atendimento seja feito em dupla, permanecendo uma referência no equipamento.

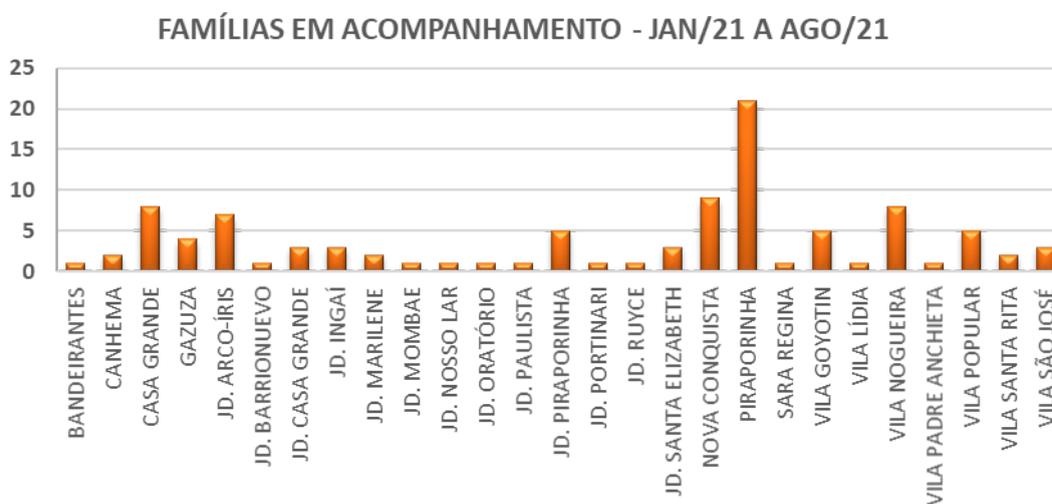
Foi implantado pelo Governo do Estado o programa temporário “Ação Alimento Solidário”, como medida de enfrentamento da pandemia. O programa focou as famílias com Cadastro Único, em situação de extrema pobreza e com renda familiar/per capita de até R\$89,00. Em Diadema ocorreram duas etapas, a primeira com a distribuição das cestas básicas entre os meses de junho e julho, contemplando 17.688 famílias. E na segunda, com duração até dezembro, foram alcançadas mais 14.500 famílias. A entrega foi realizada de forma regionalizada em 7 locais diversos, a localização das famílias ocorreu por meio de divulgação em site e outras formas nas redes sociais, cartazes, telefonemas, cartas e algumas entregas diretamente nos domicílios.

Em 2021, de janeiro a agosto foram realizadas 4.996 atendimentos individualizados, sendo que os tipos de atendimentos individuais foram:



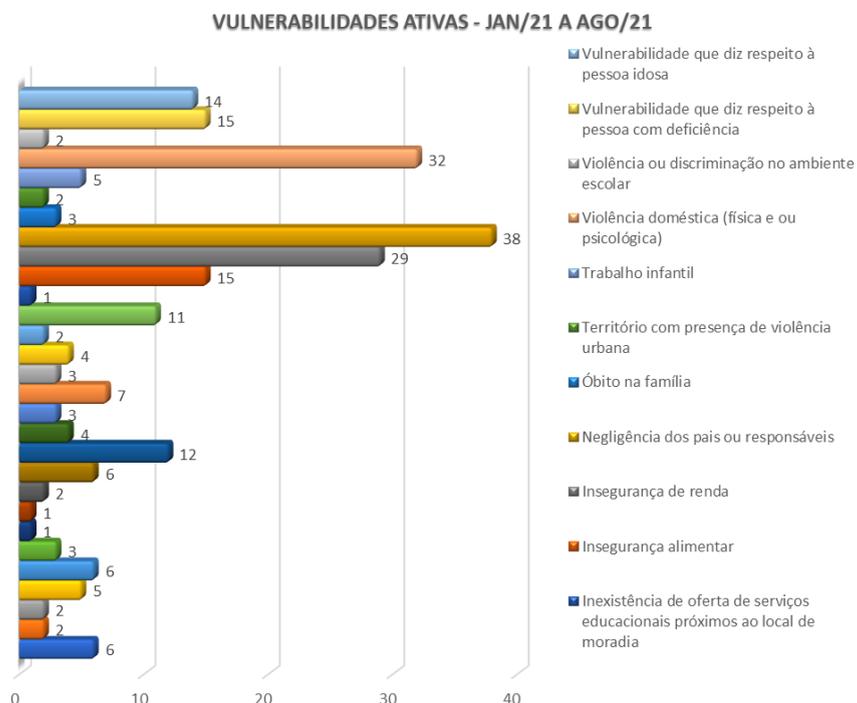
FONTE: Relatório Anual de Atividades 2021 - CRAS Leste

As famílias que estão em acompanhamento familiar nesse período, pertencem aos seguinte bairros:



FONTE: Relatório Anual de Atividades 2021 - CRAS Leste

O gráfico abaixo aponta as principais vulnerabilidades registradas pelos técnicos nesse período de janeiro a agosto de 2021.



FONTE: Relatório Anual de Atividades 2021 - CRAS Leste

Essas demandas apontam a importância da necessidade da articulação das Políticas de Proteção Social para poder enfrentar as demandas apresentadas.

Experiências de Articulação Territorial na Gestão da Proteção Social Básica no SUAS em Diadema

O CRAS é responsável pela execução do PAIF - Serviço de Proteção e Atendimento Integral à família, que consiste no trabalho social com famílias, de caráter continuado, com a finalidade de fortalecer a função protetiva das famílias, prevenir a ruptura dos seus vínculos, promover seu acesso a direitos e o usufruto deles e contribuir na melhoria de sua qualidade de vida.

Tem como uma de suas principais funções a Gestão Territorial que pressupõe a articulação da rede socioassistencial e intersetorial, contribuindo para articulação de fluxos e das estratégias de busca ativa das famílias da sua área de abrangência.

O CRAS Leste de Diadema tem se empenhado nas articulações com esse território da região de abrangência que conta com o desafio da grande extensão territorial e do número elevado de áreas de grande vulnerabilidade social.

Seguem alguns exemplos de ações de Articulação Territorial no território da Região Leste :

- Reuniões de Rede de Serviços e Lideranças por regiões/territórios, com calendário fixo e mensal;



Identificação no mapa dos serviços existentes no território



Reunião de Rede descentralizada, no Centro Cultural Jd. Ruyce.

- Grupos de trabalho focalizados em aspectos específicos de cada território;



Reunião na Associação de Moradores do Jd. Gazuzza para discussões das demandas do bairro.

- Institucionalização de Comitês InterSecretariais do Programa Bolsa Família e do BPC na Escola;

- Acolhidas Coletivas nos Territórios;



Apresentação do CRAS e dos Programas Sociais na Paróquia Santa Rita na Vila São José



Acolhida Coletiva no Salão de Festas do Conjunto Habitacional no Portinari

- Reuniões em todas as 20 UBS para qualificar acompanhamento das condicionalidades da Saúde (PBF), tendo impacto no fortalecimento das proteções sociais e aumento no índice municipal do IGD-BF (48% para 81% em 1 ano);



Reunião de Condicionalidades da Saúde no Programa Bolsa Família na UBS Nova Conquista



Visita no Território com UBS São José

- Participação na Formação dos Agentes de Saúde;
- Ampliação da cobertura dos SCFV e identificação dos serviços atuantes nos território para encaminhamento de situações prioritárias (parceria escola, UBS e lideranças comunitárias);
- Ações de acompanhamento da Baixa Frequência Escolar com Escolas Municipais/Núcleo Social da Educação, CRAS, SCFV e Conselho Tutelar.



Reunião com Gestão escolar, Núcleo social da Secretaria de Educação e atores da Secretaria de Assistência Social.

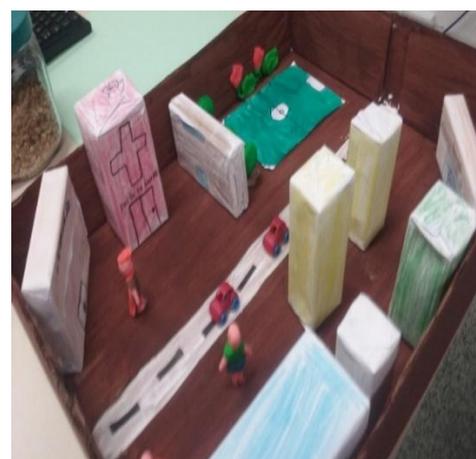
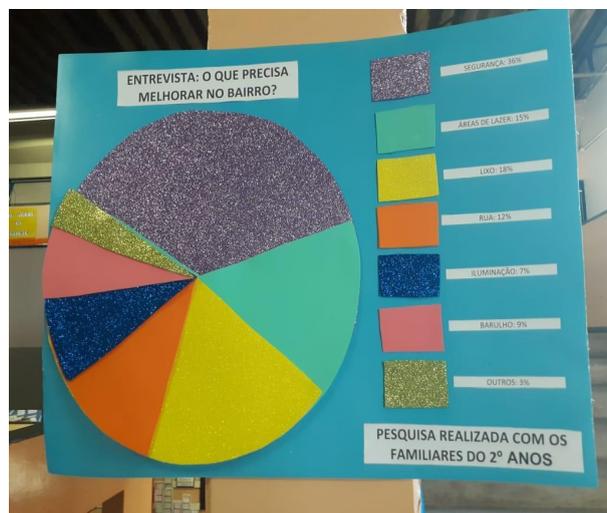
- Ação com CRAS, SCFV , UBS e Secretaria Meio Ambiente (Ecoponto)



Dentro de todas essas ações, destacamos o *Projeto “Raízes do Coração”*, esse projeto foi realizado pela Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus em articulação com CRAS Leste, Organizações Sociais (TABEA e ABENCO) e Comunidade no Bairro do Jardim Gazuza/Diadema – SP. Foram realizadas o resgate da história do bairro e diagnóstico das necessidades da comunidade a partir de relatos, vivências e leituras do livro “Gazuza” que conta história de ocupação da região, dos dados e atividades realizadas pelas crianças do 1º ao 5º ano do ensino Fundamental I.



Resultados do trabalho foram expostos em uma exposição na escola aberta para toda comunidade.



Essas ações são possibilidades de articulações para serem expandidas em outros serviços e unidades escolares da região leste. Sempre levando em conta que os serviços precisam ter agendas fixas para poder fazer aproximações que são pontos de partida

para que a integração aconteça e as famílias tenham ampliado a estrutura municipal de proteção.

A Agenda proposta nos encaminhamentos finais deste relatório deverá enfrentar esse desafio.

A Educação

A disciplina PRG0021 proporcionou um novo olhar para o nosso território de trabalho e nos levou a revisitar ou a conhecer o processo histórico local da implantação dos serviços de Educação nos Jd. Promissão e Jd. Arco-Íris.

As escolas municipais participantes: Escola Ministro Francisco de Paula Quintanilha Ribeiro, EM Carlos Drummond de Andrade e EM Zélia Gattai Amado, atendem dos segmentos de Educação Infantil Integral de 0 a 3 anos; parcial dos 4 a 5 anos; Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano e EJA (Educação para Jovens e Adultos) de 1ª a 8ª séries no período noturno.

Realizamos muitas reuniões para fazer o levantamento das necessidades e dos desafios encontrados no bairro, na perspectiva de articular os 3 serviços públicos Educação, Saúde e Assistência Social, em prol de um atendimento ao público de melhor qualidade e agilidade na compatibilização e compartilhamento de informações sobre as famílias que são acompanhadas pelas três áreas.

Durante o desenvolvimento da disciplina, das aulas teóricas, que abordou os avanços das conquistas do direito à educação primária em âmbito internacional e nacional, fomos estabelecendo a relação com os movimentos de lutas da comunidade local no território do Jd. Promissão e do Arco-Íris na perspectiva de conquistarem o direito à creche para as crianças para os pais poderem trabalhar, à pré-escola, ao Ensino Fundamental regular e modalidade de EJA, assim como ao Ensino Médio a partir de 1975.

Apresentamos o atendimento atual das referidas escolas e a revisitação histórica das memórias adquiridas através de pesquisas no Centro de Memória da cidade; de entrevistas com a professora Nair da Silva; com a ex-diretora Dila, com a ex-assistente pedagógica Maria Helena Magela; com a conselheira escolar Hosana Maria dos Reis Souza.

A escola Francisco Quintanilha por ser a mais antiga, construída em 1977, vai mostrando em sua arquitetura, através dos “puxadinhos”, ou seja, do acréscimo de salas

de aula e dos espaços de depósitos, a ampliação da construção sem planejamento arquitetônico, mas que simbolizam a conquista por uma educação como direito para as crianças, jovens e adultos conforme vamos descrever, posteriormente, com a linha do tempo dos atendimentos nas referidas escolas. Refletindo que o movimento e a luta pela efetivação dos direitos à Educação Básica é mais complexa e intensa, extrapolando os marcos legais.

A Instituição dos Direitos à Educação

De acordo com a L.D.B 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Base da Educação – prevê, no artigo 4º do Direito à Educação e do Dever de Educar.

O dever do Estado com a educação de escolas públicas será efetivado mediante a garantia de:

I – Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

II – Progressiva extensão de obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;

III – Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV – Atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade.

Por mais que a Constituição e a L.D.B estabeleçam os investimentos e gratuidade nas modalidades de Ensino, sempre houve muita mobilização em Diadema para a ampliação do atendimento de Educação Infantil em creche à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Movimentos Curriculares em Diadema

A revisitação sobre a história da Educação proporcionou que levantássemos os Movimentos Curriculares Municipais como também a sistematização de cadernos sobre o processo histórico das escolas:

De 1993 a 1996, foi realizada a sistematização dos projetos pedagógicos desenvolvidos em cada escola intitulada: Série: “A Escola conta sua História”, além de um intenso programa de formação permanente dos professores, tendo como premissa o diálogo, a relação horizontalizada e participativa, de acordo com a concepção de Paulo Freire.

Em 2007, foi publicada a Proposta Curricular Municipal em vários cadernos: Áreas de Conhecimento, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Caderno Introdutório e Diversidade na Escola.

A proposta curricular estava fundamentada em eixos de aprendizagem:

- Dignidade e humanismo
- Cuidar e Educar
- Meio Ambiente
- Cultura
- Diferentes Linguagens
- Gestão Democrática
- Corpo e Movimento

A proposta curricular foi elaborada com a ampla participação dos(as) professores(as); gestores e equipe de apoio em um movimento de ação-reflexão-ação. A partir dos projetos pedagógicos que as escolas desenvolveram, foram sendo fundamentadas e sistematizadas as práticas educativas por uma equipe de professores e equipe de formadores da Secretaria de Educação. Foram dois anos de intenso processo de reuniões coletivas de formação, reflexão, debate e sistematização da proposta.

Em 2019, foi realizada a Revisão e adequação da proposta com a BNCC.

Em 2021, foi realizada a Priorização Curricular considerando a pandemia.

Apresentação das Escolas no Território

1. Escola Ministro Francisco de Paula Quintanilha Ribeiro

A) Revisitando a História, de acordo com os registros elaborados pela ex-diretora Maria de Fátima Rodrigues da Silva e a ex-coordenadora Jane Tavares, conseguimos informações sobre as mudanças no atendimento proporcionados.

A E.E. Francisco de Paula Quintanilha Ribeiro, Ministro, jurisdicionada à Diretoria de Ensino de Diadema, teve como nome original: EEPG do Jardim Promissão, criada pelo Decreto nº 9491 de 11/02/1977, publicada no D.O.E de 12/02/1977 e instalada conforme Res.SE 167 de 27/10/1977, publicada em 28/10/1977. Situa-se na Rua Pau do Café, 1552 – Jardim Promissão - Diadema (São Paulo). Seu funcionamento, em dois períodos no diurno, teve início em 03/10/1977, com 21 classes de 1ª à 4ª séries, todas correspondentes à EEPG do Jardim Marilene, cujo prédio necessitava de reforma geral. Em 1980 a Lei nº 2682, passou a ser denominada EEPG Francisco de Paula Quintanilha Ribeiro, Ministro conforme publicação no D.O.E de 31/12/1980.

Em 1978, foi criado o ensino de 5ª a 8ª séries, atendendo no diurno, classes de 1ª a 8ª séries e no noturno de 5ª a 8ª séries; no ano de 1996 passou a funcionar com classes de 1ª a 4ª séries no diurno e de 5ª a 8ª séries no noturno; em 1998 adota o sistema de flexibilização curricular em algumas classes do Ciclo II do Ensino Fundamental, no noturno, enquanto outras, em cursos regulares, até o final do ano de 2000; Em 2001, implantou o Ciclo II do Ensino Fundamental, modalidade EJA no noturno; no 2º semestre de 2003, institui-se o Ensino Médio, modalidade EJA, período noturno, para atender a demanda, uma vez que o bairro não ofereceria esta oportunidade aos moradores da região.

Em 2010, atendia 969 alunos do Ciclo I distribuídos em 26 classes em dois períodos no diurno e 419 alunos do E.M. - EJA – noturno, distribuídos em 10 classes,

totalizando 1388 alunos oriundos da comunidade local, alguns pais de alunos do diurno, e outros de bairros distantes.

Em fevereiro de 2011, a E.E. Ministro de Paula Quintanilha Ribeiro foi municipalizada, de acordo com a Lei nº 11.126/98, que possibilitava formas de colaboração entre estado e os municípios na oferta do Ensino Fundamental, passando a ser administrada pela Prefeitura Municipal de Diadema. O acervo da unidade escolar foi destinado à E.E. Jardim Arco-Íris.

A escola tem como patrono Francisco de Paula Quintanilha Ribeiro (Franca 1915 – 1972), advogado, soldado da revolução constitucionalista e ministro-chefe do Gabinete Civil no governo de Jânio Quadros em 1961. De acordo com os registros, a escolha do patrono da escola não passou por uma consulta ampla com a comunidade.

Entrevistando a professora Nair Silva, obtivemos a memória que na década de 90, iniciou-se o “Projeto Educacional Escola Padrão”, como parte do “Programa de Reforma do Ensino Público do Estado de São Paulo” pelo então governador Luiz Antônio Fleury Filho. O projeto foi implantado aos poucos, e em 1993 a escola Quintanilha passou a ser “padrão”, ou seja, ela devia ser diferente da escola que existia, propondo-se a construir um novo padrão de qualidade.

A escola padrão passou a ter carga horária de seis horas diárias com Educação Física dentro do horário regular de aulas e não mais no contraturno; o mínimo de 200 dias letivos e 1200 horas-aula para cada série. As mudanças observadas foram induzidas por importantes alterações no marco legal federal, como a Constituição de 1988, visando a estruturação de um sistema monitorado de avaliação educacional.

B) Linha do Tempo da Ampliação do Atendimento na EM Francisco Quintanilha.

11/02/1977	Criação da escola EEPG do Jd. Promissão pelo decreto nº 9491.
03/10/1977	Início de 21 classes de 1ª a 4ª séries, oriundas da EEPG do Jd. Marilene.
1978	Instituição de ensino de 1ª a 8ª série no diurno e de 5ª a 8ª séries no período noturno.
1993	Torna-se “Escola Padrão”.

1996	Funcionamento de 1ª a 4ª séries no diurno e de 5ª a 8ª séries no noturno.
1998	Flexibilização curricular no Ciclo II do Ensino Fundamental.
2001	Implantação do Ciclo II do Ensino Fundamental em EJA (Educação de Jovens e Adultos).
2003	Instituição do Ensino Médio noturno em modalidade de EJA.
2011	Processo de municipalização da Escola.
2020	A EM atende o Ensino Fundamental e Educação para Jovens e Adultos e conta com a equipe gestora.

C) Equipe Gestora e Atendimento de 2021.

- Diretora: Eliana Gallo
- Vice-diretora: Beatriz Miranda
- Vice-diretora: Débora Stefani Cano
- Vice-diretora: Márcia dos Santos
- Coordenadora Pedagógica: Maressa Crespo

Total de Alunos: 925

Ensino Fundamental – 7h00 às 18h00

EJA – 19h00 às 23h00

D) Fotografias da Escola.



Entrada da EMEB Ministro Francisco de Paula Quintanilha Ribeiro



Parte externa da escola



Refeitório



Ampliação de uma sala no refeitório para atender as crianças do Programa Mais Educação



Acesso a duas salas de aula no subsolo



Parte interna da escola

2. EMEB Carlos Drummond de Andrade

A) Revisitando a História.

Em 1981, foram implantadas duas salas de aula para atendimento de Educação Infantil, sendo denominada Escola Municipal de Educação Infantil do Jardim Promissão. No ano de 1987, a escola começou a atender ao Serviço de Educação para Jovens e Adultos (S.E.J.A) no período noturno com duas salas.

De acordo com o caderno: Série: “A Escola conta sua História”, em 1989 houve uma mobilização dos pais reivindicando a ampliação do atendimento, porque havia uma lista de espera de crianças e os pais dormiam na fila para conseguirem vagas. Em 1991, foi inaugurada a nova escola com a ampliação do número de salas, assim como houve a eleição do nome do patrono da escola, Carlos Drummond de Andrade.

A conselheira escolar Hosana Maria dos Reis Souza, da EM Quintanilha, contou em entrevista realizada pelos estudantes de EJA, Jeovani dos Santos Silva e Adriano, que foi conselheira da EM Carlos Drummond desde que os filhos dela estudavam quando eram crianças. Relata a importância da participação dos pais no conselho escolar.

“Acho muito importante os pais saberem o que está acontecendo na escola e poderem de alguma forma ajudar.”

Cita que foram os cursos de artesanato oferecidos pela Fundação Florestan Fernandes que ajudaram a sair de um quadro depressivo, por não visualizar oportunidades de emprego. Ressalta que esse momento passou em sua vida, deixando-a mais forte.

B) Linha do Tempo da Ampliação do Atendimento.

1981	Instalação de 2 salas de aula da E.M. de Educação Infantil Jd. Promissão.
1987	Implantação do S.E.J.A (Serviço de Educação de Jovens e Adultos).
1989	Mobilização dos pais para ampliação do atendimento.
1991	Inauguração da escola e eleição do patrono Carlos Drummond de Andrade.

C) Equipe Gestora e Atendimento de 2021.

- Diretora: Silvia Deco
- Vice-diretora: Patrícia Scolástico
- Coordenadora Pedagógica: Jaqueline Conte

Total de Alunos: 412

Horários: 7h30 às 11h30 – 13h30 às 17h30

Ensino Infantil (Parcial): 4 e 5 anos.

Situada na Rua Antônio C. Barros, 87 – Jardim Promissão.

D) Fotografias da Escola.



Fachada - Google Maps, 2019



Parte externa da escola



Parte interna da escola



Brinquedoteca



Biblioteca

3. EMEB Zélia Gattai Amado

A) Revisitando a História.

A escola foi inaugurada em 01/04/1995, sendo resultado do movimento popular das mães que precisavam de um local para deixar os filhos enquanto estavam trabalhando. Com a invasão do Jd. Gazuza, as mães se organizaram e ocuparam um espaço de construção de madeira, reivindicando a construção de uma creche. A creche constava do plano de expansão da gestão do prefeito Fillipi – 93/96. A comunidade era muito participativa, com muitas presenças nas reuniões de pais e possuía um conselho muito atuante. As visitas domiciliares precediam a matrícula e as mães trabalhadoras tinham prioridade.

De acordo com as entrevistas realizadas com a ex-diretora Dila Scaldelai (de 94 a 95) e a ex-assistente técnica pedagógica Maria Helena Magela, na época da inauguração da escola, foram feitas mil inscrições. Considerando que o número de vagas não era suficiente, foram estabelecidos critérios para a seleção das crianças. Os profissionais da creche eram formados pelos assistentes sociais e psicólogos da prefeitura para a realização das visitas domiciliares. Todas as visitas foram realizadas num processo coletivo que durou cinco meses e as aulas iniciaram em setembro de 1995.

Dila relatou sobre a importância da compra comunitária de materiais escolares que era realizada pela Secretaria de Educação. A escola realizava o orçamento dos materiais e apresentava aos pais comparando os valores, e os pais faziam uma adesão para a compra dos materiais que seriam utilizados durante o ano. A ex-diretora considera que foi um marco na história de participação em Diadema.

Relembra que a constituição dos conselhos escolares era feita de forma tranquila, porque já havia uma cultura de participação popular naquela comunidade, depois do conselho escolar instituído aconteciam as reuniões permanentes durante à noite e, também, eram feitas as reuniões formativas tanto sobre o Conselho Tutelar quanto sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, que subsidiavam as reflexões dos

pais para que as decisões não fossem em nível de senso comum. Durante a formação dos pais, os funcionários ficavam com as crianças, relata Dila.

Outro aspecto de participação coletiva era o projeto pedagógico da escola em que se desenvolvia um tema para toda a escola e cada turma desenvolvia um eixo de acordo com o perfil. Em todos os momentos, a rotina era planejada e organizada para que houvesse interação entre todas as faixas etárias. As crianças maiores liam para as crianças menores.

A creche apresentava muitas dificuldades financeiras, de manutenção, de limpeza e aquisição, por isso que a equipe realizava campanha para a coleta de latinhas de alumínio para comprar equipamentos como televisão e vídeo cassete. Entretanto, a ex-diretora reafirma que a trajetória profissional dela foi marcada positivamente sobre essa experiência em Diadema.

B) Equipe Gestora e Atendimento de 2021.

- Diretora: Letícia Cristine Lopes Marcondes
- Vice-diretora: Roberta Signori
- Coordenadora Pedagógica: Renata Nunes

Total de Alunos: 189

Creche com atendimento a alunos de 0 a 3 anos.

C) Fotografias da Escola.

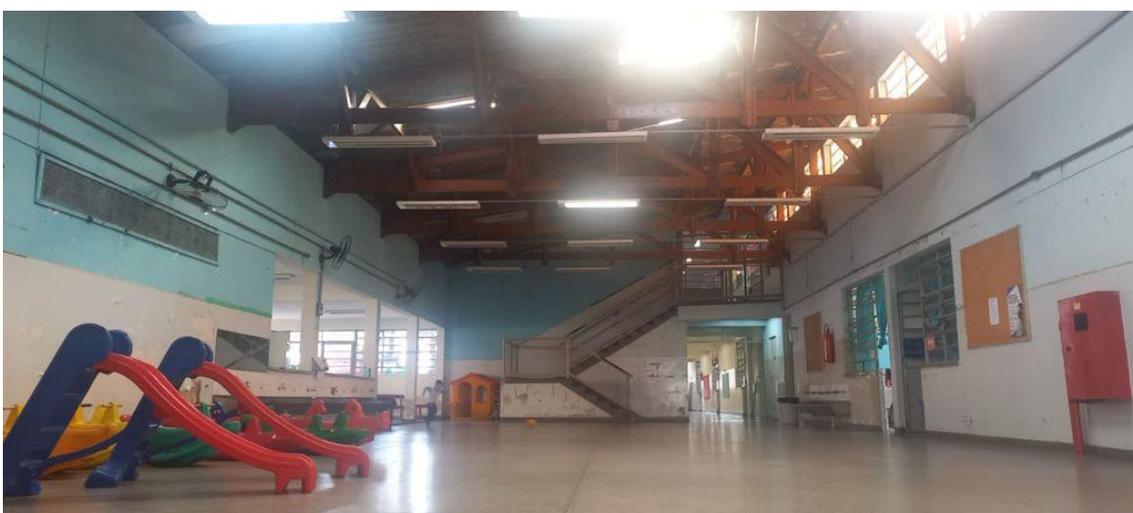


Refeitório





Parque Externo



Parque Interno

Construção do Projeto Político Pedagógico Participativo

Com o retorno do PT à gestão da prefeitura de Diadema no ano de 2021, foram retomados projetos antes não priorizados pelas gestões anteriores e, um deles, talvez o mais importante, foi o de dar voz a comunidade escolar, por meio do conselho escolar, buscando uma gestão mais democrática e participativa, na construção do PPPp (Projeto Político Pedagógico Participativo) da escola, com o intuito de uma escola ideal. Para a construção desse Projeto, houve reuniões com parte da comunidade escolar, realizando

o levantamento de sonhos e questionamentos sobre o que ela esperava ser uma escola ideal. De início, as reuniões aconteceram, separadamente, cada segmento com os seus pares, professores e funcionários da escola, para que ninguém se sentisse inibido em falar e expor suas opiniões. A equipe gestora ficou encarregada de realizar os registros e ir construindo os desejos de todos de forma a não excluir nenhuma fala. Esse movimento de revisitar a história do bairro foi muito importante nesse momento de elaboração do PPPp da escola Zélia Gattai, pois realizou-se junto aos pais e professores um resgate da história, mostrando a importância da participação de todos nesse processo de construção. Com o PPP participativo, demos o pontapé inicial para que todos se percebessem corresponsáveis para a construção de uma escola ideal e que entendessem que ali é um espaço coletivo.

Assim como na escola Zélia Gattai, na escola Quintanilha a construção do PPPp foi importante para que os alunos e toda a comunidade escolar pudesse expor o que esperam para a escola do futuro. Acreditamos que ter um espaço onde eles possam falar e ser ouvidos é o início da construção desse projeto.

Programas e Projetos Desenvolvidos nas Escolas

Registramos os programas desenvolvidos nas três escolas em 2021 conforme a modalidade atendida.

- **MAIS EDUCAÇÃO:** Programa de educação integral que atende 100 crianças no contra turno. As crianças do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental permanecem na escola por 8 horas, sendo desenvolvidas atividades de Corpo e Movimento, Letramento, Matemática, Arte e Meio Ambiente.
- **APRENDER MAIS:** Programa de apoio à aprendizagem para os estudantes dos 4º e 5º anos. São atendidas 50 crianças com defasagem aprendizagem por professores no contraturno.
- **ESCOLA BEM CUIDADA:** Repasse de recursos financeiros à escola para compra de materiais pedagógicos, reparos e manutenção predial, sendo a per

capita de 100 reais por estudante. Com esse programa, houve maior agilidade e descentralização dos recursos nas escolas.

- **EJA MAIS:** Programa que visa articular os conhecimentos básicos aos da formação profissional. Formação em serviço para os profissionais das unidades escolares. Houve a primeira etapa de formação dos professores de EJA II (5ª a 8ª série) em parceria com a Fundação Florestan Fernandes para subsidiar a elaboração de projetos didáticos no primeiro semestre de 2022.
- **PROGRAMA CARTÃO-MERENDA:** Consistia num cartão em que a Prefeitura repassava R\$50,00 mensais por estudante, devido à pandemia, para a compra de alimentos nos mercados locais durante o período do ano de 2021.

CAIS – Centro de Atenção à Inclusão Social

É uma política de atendimento às crianças com deficiência, no contra turno e em sala de aula, a equipe do CAIS através dos professores itinerantes, realizam o acompanhamento de famílias e encaminham alunos para os serviços oferecidos pela cidade, nisso é possível ver um papel importante na intersecção das políticas de Assistência e Saúde com a comunidade.

Diagnosticamos que as três escolas atendem 70 crianças com diferentes deficiências, que são acompanhadas pela equipe de professoras itinerantes do CAIS, por estagiárias, dependendo do caso e por toda equipe escolar. Mais uma vez, vimos como é relevante a parceria e comunicação entre os serviços no território para agilidades nas intervenções.

Quintanilha – 50

Drummond – 17

Zélia - 3

A Importância da Articulação dos Serviços de Saúde, Educação e Assistência Social

Fluxo de Encaminhamentos / Protocolos

As escolas municipais quando detectam alguma situação de violência doméstica, abusos, negligência e falta de assistência das crianças e adolescentes, seguem o seguinte protocolo:

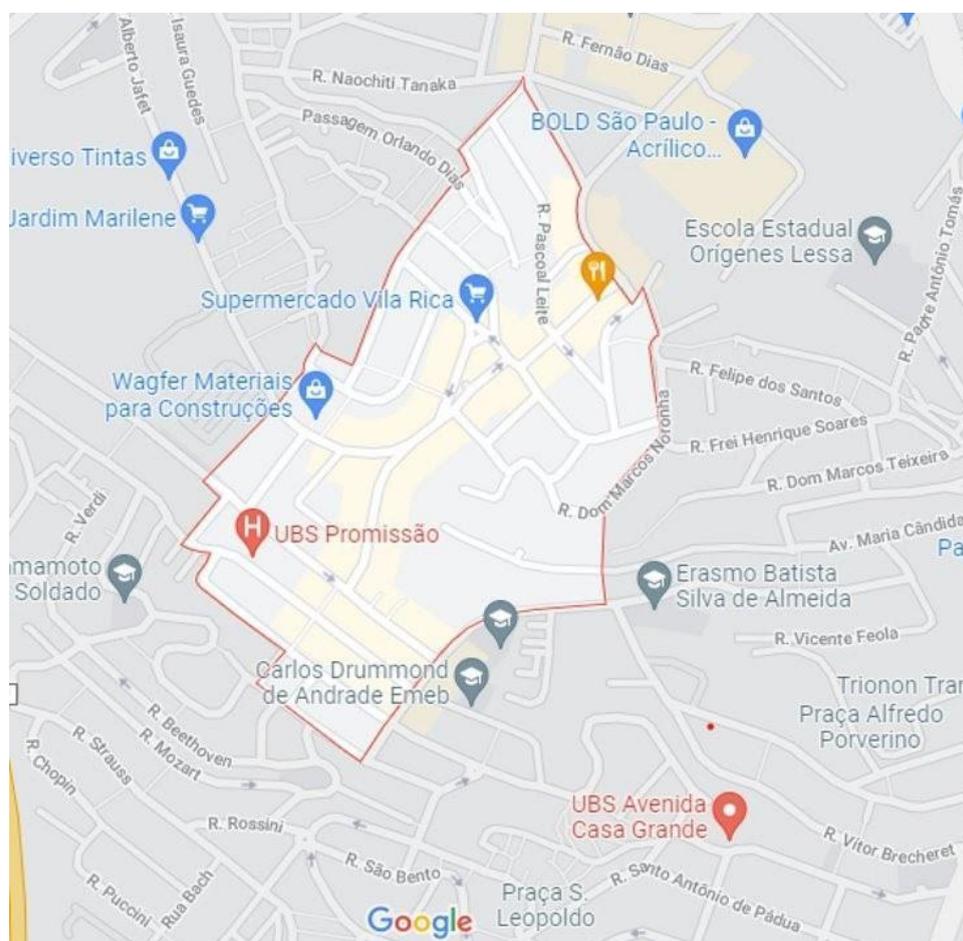
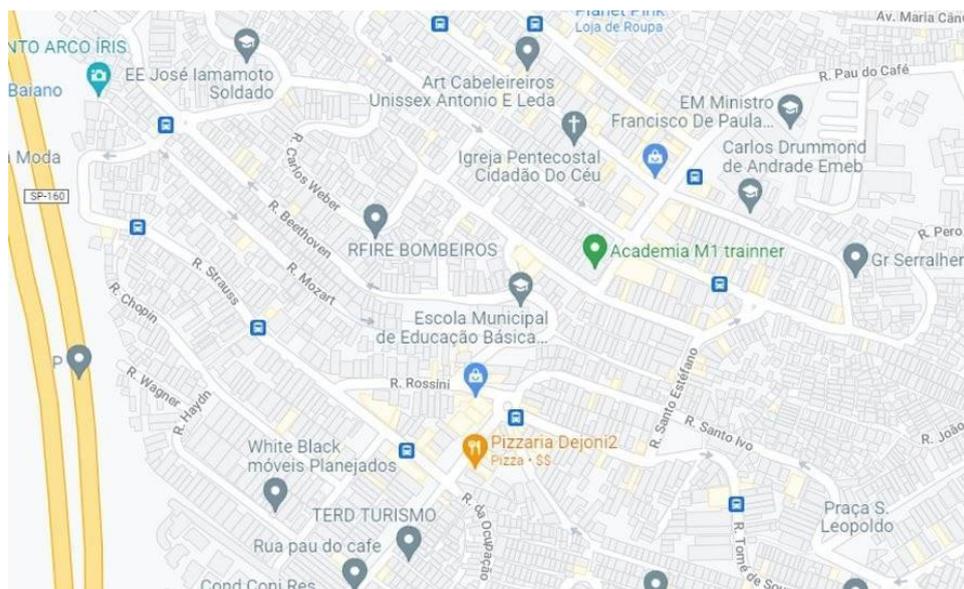
- Elaboração de relatório detalhado sobre o caso observado, que é encaminhado ao Núcleo Social, setor da Secretaria de Educação, composto por equipes de Assistentes Sociais e Psicólogos.
- Após a leitura e análise do registro, pela equipe supracitada, o relatório é encaminhado ao Conselho Tutelar, que verifica a procedência da ocorrência com visitas domiciliares.
- Comprovada a situação, o caso é encaminhado para o Ministério Público.

É importante ressaltar o trabalho do Núcleo Social na busca ativa dos estudantes faltosos antes e durante a pandemia com o ensino remoto e híbrido. Consideramos que a busca ativa deva ser permanente, à reflexão com os pais e responsáveis sobre o direito da criança em estudar, assim como a obrigação legal da escola em zelar para que criança e adolescente sejam frequentes.

Chegamos à conclusão que havendo um calendário sistemático entre os serviços, podemos analisar os casos de forma integrada.

Moradia dos Alunos e Mapas de Localização:

- **Jardim Gazuza:** Rua Bach, Rua Beethoven e Rua Mozart.
- **Jardim Marilene:** Rua Alberto Jafhe, Rua Dom Jorge de Mascarenhas, Rua Patativa e Rua Getúlio Vargas.
- **Jardim Promissão:** Rua Pau do Café, Rua Strauss, Rua Chopin e Rua Prudente de Moraes.



As crianças seguem a trajetória estudantil nas escolas municipais e a partir do Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série) e Ensino Médio são encaminhadas para as escolas estaduais da região. Os estudantes de EJA eram encaminhados para a escola Iamamoto,

entretanto desde o segundo semestre de 2020, foram encaminhados para a Escola Estadual Jornalista, situada no bairro Vila Nogueira, sendo mais distante de suas residências. Foi uma forma arbitrária sem nenhuma consulta prévia à Secretaria de Educação, à EM Francisco Quintanilha e aos estudantes.

Escolas Estaduais e Creches Conveniadas da Região:

Creche Conveniada: Creche Santa Maria - Endereço: Rua Chopin, 25 – Jardim Promissão



E.E. Jardim Arco-Íris: Rua Afonso Pena, 450 – Jd. Alvorada



E.E. General José Artigas: Av. Getúlio Vargas, 121 – Jd. Marilene



E.E. Soldado Iamamoto: R. Strauss, 697 – Jd. Arco-Íris



E.E. Prof. Roberto Frade Monte

A Saúde



UBS Promissão, 2021

Até aproximadamente 40 anos atrás, a região do bairro Promissão não tinha nenhum tipo de equipamento de saúde do SUS estruturado. Nessa época, os moradores ficavam restritos ao uso de alguns locais como o hospital São Lucas (atual Hospital Innova) para casos de urgência e emergência, à São Bernardo do Campo (referência de saúde para Diadema, mas apenas para convênios e particulares). Em Diadema foi criado o Hospital do Samcil, que no início era um barraco de madeira, e os moradores também podiam usar o Pronto Socorro de Diadema, que hoje é a Secretaria de Saúde. Não contavam com um tratamento médico contínuo, apenas atendimentos emergenciais e urgentes.

O bairro também contava com um farmacêutico conhecido como Seu Ferraz, que era visto como médico por muitos, atendia as demandas que não eram consideradas grandes problemas, como uma febre, dor de garganta, infecção urinária, cólicas, entre outros. Inclusive, se formavam até filas, aguardando seu atendimento. Os moradores e

profissionais relataram uma considerável precariedade no setor se comparados à situação presente, porém ainda hoje enfrentam desafios como falta de profissionais (principalmente médicos e enfermeiros), falta de medicamentos, quantidade insuficiente de computadores e sistemas de informação debilitados e que não funcionam com agilidade, infraestrutura deteriorada e espaço limitado.

O atendimento era realizado apenas quando os pacientes compareciam à UBS fisicamente. A UBS Promissão aderiu ao Programa Saúde da Família, hoje chamada de Estratégia Saúde da Família (ESF), a partir de 2008. As equipes da ESF são compostas por: médico generalista, especialista em Saúde da Família ou médico de Família e Comunidade; enfermeiro generalista ou especialista em Saúde da Família; auxiliar ou técnico de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde, todos os profissionais trabalham 40 horas semanais.

Atualmente, seis equipes da estratégia da saúde família se dividem para assistir a população de escrita na área de abrangência da UBS Promissão. Cada equipe conta com cinco agentes comunitários de saúde (ACS), totalizando assim 30 ACSs, um para cada micro área.

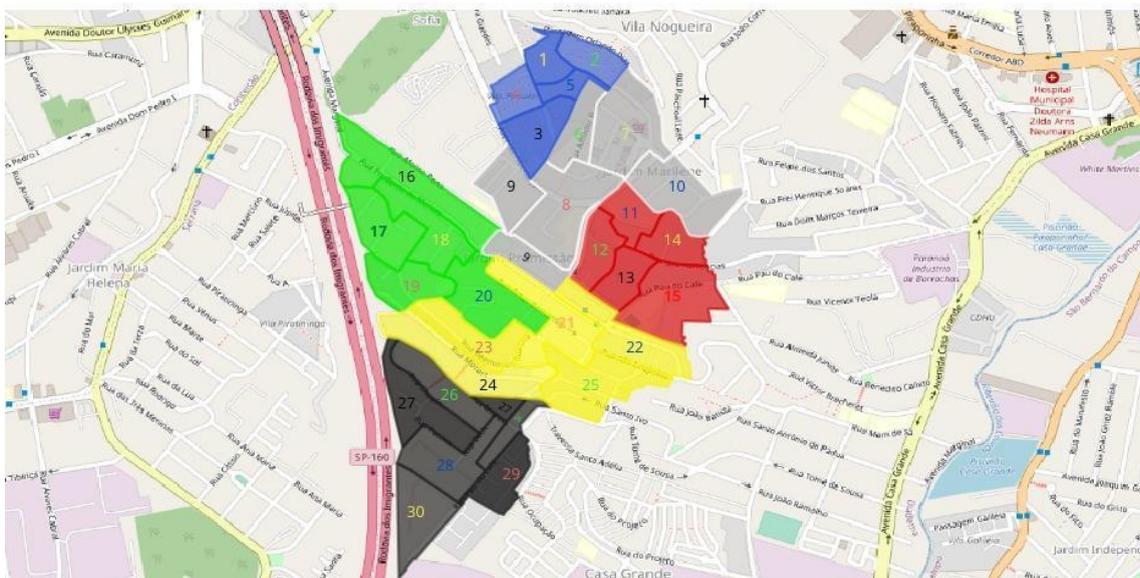
No início não existiam profissionais especializados em Saúde mental. Quando esta equipe surgiu, trabalhavam de maneira multiprofissional mas sem ligação entre as áreas, não havia discussão de casos, então não contavam com a rede de assistência à saúde.

Em 2008 foi criado o Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF), no Promissão formado por: médico pediatra, ginecologista/obstetra, psiquiatra, psicólogo, fonoaudiólogo, nutricionista, farmacêutico, assistente social, acupunturista e cirurgião dentista. Neste momento é que a equipe se tornou interdisciplinar, propiciando a discussão dos casos nos grupos de formados por profissionais de diversas áreas.

A partir dessa estrutura, os Agentes Comunitários de Saúde, que trabalham nas ruas, em contato direto com as casas, com a realidade e a vida dos usuários, levam as demandas e traduzem muito bem as necessidades da população da sua microárea para a equipe multiprofissional interdisciplinar. Após a coleta de informações e de casos,

ocorre o matriciamento onde estes são discutidos e os encaminhamentos necessários definidos em reunião, por profissionais da UBS e do CAPS, como assistente social, médico psiquiatra, psicólogo, fonoaudiólogo e agentes comunitários de saúde, decidindo o melhor a ser feito para resolver os problemas levantados.

Além dos acolhimentos, consultas médicas, tratamento odontológico, acompanhamento de pacientes diabéticos e hipertensos, pré-natal, puerpério e pediatria, equipe de saúde mental, assistência social, medicação e enfermagem, vigilância sanitária e controle e vacinação de rotina e sazonais, a UBS ainda oferece terapia ocupacional, terapia comunitária, meditação, planejamento familiar, assistência farmacêutica, dispensação de insulina e seus insumos, campanha de vacinação contra covid-19, acolhimento e tratamento de pacientes com sintomas respiratórios, marcação de consultas, entrega de guias e receitas, atendimento telefônico, orientações e direcionamentos, pesagem do bolsa família.



Mapa das equipes de Estratégia da Saúde da Família (ESF)

Em articulação com os setores da Educação e Assistência Social, a UBS Promissão conta, respectivamente, com o Programa Saúde na Escola (PSE) e a Associação Comunitária Cultural. O PSE é uma política intersetorial instituída em dezembro de 2007 pelo Decreto Presidencial nº 6286. Com foco em crianças, adolescentes, jovens e adultos que estudam na rede pública, os serviços de saúde levam

ações para as escolas, realizando orientações, teatros educativos, avaliação de saúde bucal e palestras temáticas (como tabaco, álcool e outras drogas). Já a Associação Comunitária Cultural nasce de um movimento dos próprios moradores do Promissão, partindo da necessidade de um espaço social para atendimento de demandas da comunidade.



Associação Comunitária e Cultural Arco-Íris, 2021

Conclusão

O trabalho desenvolvido para a Disciplina *Educação, Saúde e Assistência Social: redes complementares na proteção social básica* trouxe mais consciência ao grupo da importância dos governos que se envolveram com as políticas sociais, especialmente àqueles que ocorreram a partir de 1983. Na região do Promissão, até essa data, o único serviço que havia era o atendimento na escola estadual Quintanilha e um precário posto de saúde. Também por essa razão, o processo de pesquisa realizado indica a importância do retorno das informações à população local e aos funcionários dos serviços públicos

Desafios para 2022

1. Lutar pela melhoria dos espaços (enfrentando a precarização dos mesmos, por meio de solicitações quanto à manutenção, reforma e revitalização dos prédios dos serviços)
2. Articular a agenda entre os três serviços*, com vistas a:
 - 2.1. Atuação conjunta, para buscar a permanência do aluno na escola, Fortalecendo a relação entre os serviços e a família.
 - 2.2. Diminuir caminhos junto à burocracia, viabilizando as ações conjuntas.
 - 2.3. Aprofundar a história dos equipamentos do Promissão com registros audiovisuais, em especial dos equipamentos que serão demolidos para a implantação do Quarteirão da Educação.
 - 2.4. Construir uma proposta de formação interconselhos de modo a fortalecer a participação popular, fortalecendo a parceria com as Associações de Moradores e as Secretarias de Desenvolvimento Econômico e de Meio Ambiente - lutar pela qualidade de vida dos moradores.

2.5. Fortalecer os grêmios estudantis - lutar pela educação básica para o conjunto dos moradores do Promissão - manutenção do atendimento da EJA/Ensino Médio no local.

2.6. Socializar o relatório junto aos profissionais das Escola (contribuição aos PPPs/2022), da UBS e do CRAS

* A reunião sobre a agenda coletiva será marcada na primeira quinzena de fevereiro

APÊNDICES

1. Sínteses das entrevistas

1.1. Acesso à Saúde

Antes da inauguração da UBS, as pessoas do Promissão não tinham acesso à Saúde na região. Segundo a moradora Rosângela, “em questão de saúde, não tinha posto aqui no Promissão, então a gente ia na Piraporinha. Atravessava pelo Casa Grande naquele mato, e o pessoal usava pra passar pra chegar na Piraporinha, então a gente passava por ali e ia no posto”. Além disso, como a região não era asfaltada, o acesso das ambulâncias era inviável. Segundo a ACS Cristina Gomes, “muitas pessoas costumavam ir em um farmacêutico chamado Sr. Ferraz, muito conhecido aqui no Promissão. Ele tratava e medicava as pessoas, era como se fosse o médico do bairro. Ele faleceu no ano passado [em 2020], devido à COVID, deveria ter uns 90 anos”. Em outras entrevistas, outros moradores do bairro também destacam a importância do Sr. Ferraz para a população.

Seu Vicente conta que por volta de 1985, quando alguém da família ficava doente, eles acessavam o Samcil gratuitamente ou o São Lucas, por meio de algum tipo de convênio. O Samcil era uma casa pequena, de madeira, e o hospital era o São Lucas: “a gente era guiado pra lá pro São Lucas. Lá no Samcil, eles passavam e guiavam pro São Lucas. Se fosse pra internar, internavam no hospital São Lucas”.

Segundo a assistente social Sônia, “entre 1991/1992 foi inaugurada a UBS Promissão na Rua Prudente de Moraes, 300 (a 300m do centro cultural), já era um espaço bem maior, com infraestrutura e equipamentos para um melhor atendimento médico”.

Sônia complementa que o prefeito José Augusto (prefeito de Diadema entre 1989 e 1992) conseguiu ampliar o serviço de Saúde e construir novas UBS's: “Ele é médico e investiu muito na área de saúde. Hoje são 20 UBS's. A esposa de José Augusto foi secretária da saúde, médica, foi a melhor para a saúde, ela trouxe/fez uma

mudança, levou a equipe de saúde mental (psicólogos, fonoaudiólogos) para as UBSs, o que não havia na época e ainda não existia NASF.”

Sônia ainda conta que “havia pouquíssimas ACS (agente comunitário de saúde). A primeira equipe de estratégia de saúde da família foi no Promissão, a primeira equipe de PSF, para uma experiência. A primeira ACS que trabalhou na UBS, nem era paga, era voluntária, uma pessoa que morava na região. Então depois que começou mesmo o programa de saúde da família, foram aumentando as equipes e em 2008 as outras equipes foram criadas, assim na área de abrangência da UBS Promissão, totalizou-se seis equipes divididas em cinco micro-áreas cada uma.”

Como ressalta a ACS Cristina Gomes, a UBS não era onde é hoje. Ela era localizada onde atualmente é o Centro Cultural do Promissão, na Rua Pau do Café, e ao passar dos anos a UBS Promissão foi construída na Rua Prudente de Moraes, 300, onde ficava a Praça da Bíblia. Ela ficou no centro, no núcleo, então ela tá rodeada por todos os lados de escolas. São cinco escolas em volta dela, mais uma creche. E tem o polo esportivo, ao lado da Unidade. Esta mudança de localização reforça o potencial de articulação de atividades que podem ser desenvolvidas entre a UBS e os demais equipamentos do seu entorno. Cristina, que morou a sua vida toda na região, complementa que o atendimento da Saúde “hoje é diferente, nós levamos a consulta para o próprio paciente na residência, evoluímos muito”. Explicando que as consultas domiciliares são para os pacientes restritos e acamados.

1.2. Segurança e violência

Existe certa contradição entre as falas dos moradores. Alguns dizem que “naquela época não tinha bandido igual tem hoje”, e que “só tinha nóia”, outros dizem que “naquela época tinha bandido mesmo”, e que “hoje isso acabou e só tem nóia”. Entretanto, todos trazem um retrato da violência do local: “de vez em quando aparecia alguém morto lá no meio do matagal, mas vinha de outro lugar”.

Quando se fala sobre violência, os entrevistados apontam muitas vezes para o local onde hoje se localiza o bairro Jardim Gazuza. Segundo a ACS Cristina Gomes, a

região do Gazuza “era um terreno baldio, que lá era um matagal e as pessoas acabavam sendo violentadas, mulheres que já foram jogadas lá e estupradas”. Depois de um tempo, as pessoas começaram a invadir esse terreno. Para completar, as moradoras Rosângela e sua mãe, dona Geni, contam que na época da invasão, a Polícia tentou impedir com violência, mas não conseguiu. Hoje em dia, dizem que o Gazuza ainda é considerado uma região perigosa e com muitas pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Vale lembrar que para ter acesso a certos serviços como o posto do Piraporinha ou a feira, os moradores precisavam atravessar o mato, assim correndo riscos de serem assassinados ou sofrerem algum tipo de violência.

1.3. Povoamento e moradia

Na década de 60, não havia saneamento básico para os moradores de Diadema que entrevistamos. Seu Vicente conta que cavou um poço para ter acesso à água. Inclusive, seus vizinhos pegavam a água do poço dele e contribuíam para pagar a conta de luz, devido o uso da bomba para retirar a água do poço. Seu Adão diz que costumava pegar água emprestada dos seus vizinhos. Isso revela traços da solidariedade desta época.

Dona Geni conta que costumava pegar água em uma mina perto da casa dela. Ela conta que vários moradores costumavam pegar água e lavar as roupas neste lugar. Dizem que “a água não era tratada. [...] Em casa tinha que ferver e tratar em casa pra beber, né. Ou então coar no paninho, né, que às vezes tem aqueles bichinhos de rabinho”. Seu Adão diz que a água do poço às vezes era contaminada e fazia mal para ele. Além disso, Dona Geni conta que jogavam lixo no local onde as pessoas pegavam água. Ela lembra que naquela época não havia coleta de lixo, sem contar que o esgoto era a céu aberto.

Os entrevistados contam que a energia elétrica era “mais difícil” e “mais devagar”. Alguns puxavam uma fiação de um vizinho para ter luz elétrica em casa,

outros contam que usavam lampiões de querosene. Sr. Vicente usava energia elétrica para bombear a água do poço. Sr. Adão diz que a energia era de 110V e não de 220V, por isso não tinha chuveiro de água quente.

Quando Dona Geni chegou no Promissão, em 1963, “não tinha luz, não tinha água, não tinha esgoto, não tinha asfalto”. Rosângela, sua filha, diz que “a prefeitura não se importava em asfaltar rua, pra colocar luz, colocar água, asfalto, demorou. Eu já era grande, com uns sete ou oito anos quando começaram a colocar as pedras na rua, começaram a tratar o esgoto, a água, a luz.”, isto é, começaram a oferecer estes serviços em meados da década de 1970.

1.4. Infraestrutura urbana

Os moradores entrevistados contam que quando chegaram em Diadema, por volta das décadas de 60 e 70, havia poucos moradores no Promissão, e as casas eram barracos. Com o tempo, vieram mais moradores, e o Promissão “encheu de casinhas”, que no início eram barracos e aos poucos tornaram-se casas de alvenaria. A ACS Cristina Gomes detalha a evolução das habitações (de barracos para casas de alvenaria) nas diferentes áreas de atuação das UBS (equipe verde, equipe vermelha etc.).

Sr. Vicente conta como comprou o terreno onde mora hoje. Pelo relato dele, Sr. Nicolau supostamente era o dono do terreno, Sr. Joaquim Nogueira vendeu o terreno, mas a escritura aparentemente era do Sr. Antônio da Silva, que morava em São Caetano: “Era do Nicolau o dono do terreno, e o Joaquim Nogueira me vendeu, e o dono mesmo era de São Caetano”. Rosângela e Dona Geni lembram-se de que Sr. Nicolau tinha um barracão onde vendia lotes de terra, dos quais alguns não eram registrados no cartório. Elas contam que algumas pessoas até hoje não têm escritura porque “eles não assinam, eles não querem, já entraram com ação contra eles, mas não deu em nada.”

Um outro processo de povoamento que ocorreu no Promissão foi a “Invasão”. A Invasão aconteceu quando a população invadiu e se instalou em um grande matagal. O local até hoje é conhecido como “a Invasão”. Segundo a ACS Sonia, a Invasão “era um

terreno onde as pessoas necessitadas começaram a invadir, começaram a construir”. Houve uma ação violenta da Polícia para impedir a instalação dos moradores, que resistiram.

2. Relatos

2.1. Relato da Constituição do Grêmio Estudantil - “EJA Livre”

No segundo semestre, a equipe de professores de EJA da escola EM Francisco Quintanilha, apresentou a problemática existente dos estudantes serem encaminhados pela Diretoria Regional de Ensino para a escola distante de suas residências. Foi elaborado um projeto pedagógico com o intuito de constituir o primeiro grêmio estudantil da escola.

Contamos com a participação dos estagiários da USP na elaboração do questionário socioeconômico, estabelecendo o perfil dos estudantes de EJA. Uma das etapas do projeto pedagógico foi a sensibilização dos estudantes através da socialização do processo histórico de implementação da Educação de Jovens e Adultos no município de Diadema em dois marcos históricos: em 1987, com a implementação do S.E.J.A (Serviço de Educação de Jovens e Adultos) de 1ª a 4ª série, e em 1996 de 5ª a 8ª série através de mobilização popular.

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Cap. II. Seção I. LDB 9394/96 Dar voz a comunidade, educando, orientando e organizando grupos (grêmio estudantil, associações de moradores), visando a formação do cidadão consciente que luta e sabe de seus direitos dando confiança de seu lugar no mundo.

“É por essas razões que a importância da lei não é identificada e reconhecida como um instrumento linear ou mecânico de realização de direitos sociais. Ela acompanha o desenvolvimento contextual da cidadania em todos os países. A sua importância nasce do caráter contraditório que a acompanha: nela sempre reside uma dimensão de luta. Luta por inscrições mais democráticas, por efetivações mais realistas, contra descaracterizações mutiladoras, por sonhos de justiça. Todo o avanço da educação escolar além do ensino primário foi fruto de lutas conduzidas por uma

concepção democrática da sociedade em que se postula ou a igualdade de oportunidade ou mesmo a igualdade de condições sociais.” Cury, Carlos Roberto Jamil, 2002 p. 247

2.2. Relato da Apresentação da Disciplina PRG0021 no Circuito Cultural “Denise Fernandes” promovido pela Secretaria de Educação do Município de Diadema.

A Secretaria de Educação de Diadema organizou o Circuito Cultural “Denise Fernandes” com o objetivo de socializar as práticas e projetos da rede municipal valorizando o protagonismo dos estudantes e dos profissionais de Educação nas diferentes modalidades de Ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial, que foi realizado em 04 de dezembro de 2021, no Parque do Paço da cidade.

Com o objetivo de socializar as descobertas adquiridas durante o curso da Disciplina PGR0021 e o resultado com a constituição do Grêmio Estudantil “EJA livre”, conversamos com os estudantes e sistematizamos as ideias principais para serem divulgadas.

Organizamos a apresentação fazendo um resumo do Projeto com os objetivos, as metas, a metodologia de pesquisa e os resultados esperados. Sistematizamos o processo de eleição do Grêmio com os objetivos e finalidades de participação dos estudantes na gestão da escola.

Durante a apresentação, fomos convidando e explicando aos participantes que se aproximavam sobre o objetivo do Projeto Interdisciplinar como uma estratégia interdisciplinar de agir de forma integrada no Jd. Promissão com objetivo de melhorar a qualidade dos serviços prestados entre as três áreas: estreitamento e agilidade na comunicação e nas intervenções na realidade.

Outro aspecto ressaltado foi a inovação da parceria das Universidade de São Paulo (USP), com a PUC, a prefeitura de Diadema e as associações e lideranças comunitárias de bairro a fim de criar um movimento de participação cidadã, oportunizando aos estudantes de graduação a vivência prática no território.

A apresentação foi válida, mas acreditamos que teríamos uma maior abrangência se houvesse uma inscrição prévia de um público voltado para as três áreas. Portanto, foi muito significativo para nós professoras e os estudantes de EJA que estávamos presentes na experiência.

3. Relatórios de estágio de estudantes no 2º semestre: Os equipamentos como formadores parceiros da Universidade

3.1. Relatório de Lucas Marques Silva

Na primeira semana fiz parte do acolhimento da UBS com a enfermeira Cássia. Eu pude identificar pontos em que a rede pode ser melhorada a partir das experiências dos usuários que chegavam ao serviço, bem como a maneira que a unidade pode melhorar. Importante que tenha um grupo para usuários que chegam somente para conversar na unidade, o que otimizaria o tempo.

Também acompanhei e fiz trabalho na fila de vacinação contra COVID-19. Acompanhei o trabalho das ACS dentro do território, acompanhando a entrega de guias e orientação sobre saúde. me reuni com as enfermeiras para conversar sobre a confecção do mapa online para o território da UBS promessa, seguido da experiência pelas ruas da área de abrangência da unidade.

Na segunda semana tive contato com os médicos da UBS para ouvir o relato deles sobre os desafios do profissional no dia a dia e quais são suas considerações sobre o que pode ser melhorado. Continuei com as visitas domiciliares dentro do território, acompanhando as equipes de saúde da família (ESF). Como é um território extenso com 6 equipes de ESF, todos os dias procurei diversificar as áreas que acompanhei para conhecer os diferentes pontos da área de abrangência da UBS.

Na terceira semana participei de reuniões com o Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB), aprendendo sobre o matriciamento desenvolvido na UBS e dando sugestões de como podem ser feitos grupos para lidar com os principais problemas da UBS. Fiz visitas às escolas da região para aprender como é desenvolvido o programa da saúde nas escolas (PSE) na região. Dentro disso pude acompanhar as avaliações antropométricas, a vacinação dos escolares e as ações de saúde bucal.

Ainda na terceira semana auxiliei na produção de um vídeo que explica sobre a UBS, profissão para a assistência social e educação. No território tive a oportunidade de

conhecer ainda mais sobre as vulnerabilidades e desafios que a população enfrenta. As visitas domiciliares têm sido uma forma muito importante para identificar isso e auxiliar o usuário na tomada de decisão sobre como lidar com essas situações.

Na quarta semana tive oportunidade de contribuir com os conhecimentos adquiridos na universidade, por meio da avaliação dos espaços compartilhados para que fosse possível otimizar os fluxos. Além disso, pude contribuir para solucionar alguns problemas de informática, consertando impressoras e computadores. Também foi um momento de adentrar ainda mais no território e conhecer os conselheiros da UBS e verificar as demandas pendentes para comunidade.

Na quinta semana fiz trabalhos intersetoriais com a educação e assistência social, com a produção de um vídeo em conjunto das 3 áreas para explicar o que está posto como desafio na região do Promissão. Fiz parte da equipe responsável pelo Programa Saúde na Escola, no qual acompanhei a vacinação dos escolares e aplicação de testes rápidos para IST 's. Nessa semana acompanhei as reuniões de equipe de ESF, que foram muito esclarecedoras para entender o projeto terapêutico singular que é realizado na UBS.

Na sexta semana tive oportunidade de aprender mais sobre o Prontuário Eletrônico Cidadão (PEC), sendo capaz de extrair relatórios e realizar todos os tipos de cadastros. Com isso, pude auxiliar as agentes comunitárias que não possuem destreza com computadores a digitar mais rápido e utilizar atalhos. Por fim, passei todas as ferramentas de auxílio à gestão que conheço para os trabalhadores, de modo que mesmo não estando lá eles possam se empoderar e realizar trabalhos

Reflexão sobre o estágio

O estágio me proporcionou muitas experiências interessantes de como é o funcionamento de uma UBS, desde a recepção até as decisões tomadas pela diretoria. O acolhimento foi algo que me surpreendeu positivamente pela sua capacidade de ser resolutivo, mas ainda possui dificuldades de que todos os trabalhadores os façam.

Pude conhecer muito sobre o trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde e ver sua extrema importância para que a atenção básica e estratégia de saúde da família seja efetivada. A construção de vínculo com o usuário do SUS é uma ferramenta muito poderosa para que a UBS entenda o real desafio posto na saúde dele. Ficou claro que os Enfermeiros devem ter mais autonomia para atuarem, de modo que o trabalho dos médicos possam ser melhor aproveitados.

A UBS Promissão está dentro de um território muito vulnerável, com desafios de infraestrutura e falta de trabalhadores e pouca autonomia perante a prefeitura, mas é um espaço com muita potencialidade de transformar a saúde da região.

3.2. Relatório de João Vitor Pinheiro Reis e Rodrigo dos Santos Silva

HISTORICIDADE E TERRITÓRIO: caminhos traçados por uma escola na periferia de Diadema

João Vitor Pinheiro Reis ³

11855241

Rodrigo dos Santos Silva⁴

9041548

EDA1219-2021203 e EDA0223-2021203

RESUMO:

O texto que segue tem como objetivo debater os caminhos traçados por uma escola municipal na periferia de Diadema para o progresso da gestão democrática a partir do conhecimento do território, história e perfil da comunidade escolar. Através de entrevistas, questionários, observações em sala de aula e reuniões com a gestão da escola, analisamos as relações políticas e sociais no bairro em que se localiza a instituição, traçamos o perfil socioeconômico dos alunos e, a partir do Projeto Político-Pedagógico, buscamos elencar as confluências entre as teorias apresentadas no projeto e as ações que estão sendo desenvolvidas concretamente pela escola. Assim, observamos que a coordenação na escola em questão tem promovido a participação

³ Graduando em pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: joaovitor.pinheiroreis@usp.br

⁴ Graduando em pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: rodrigo.santos.silva@usp.br

popular dos estudantes e da comunidade por meio de ações que podem ser caracterizadas pela gestão democrática.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão democrática; Território; Grêmio estudantil; Coordenação; Projeto Político-Pedagógico.

INTRODUÇÃO

Influenciada por um histórico antidemocrático na política brasileira, as escolas encontram dificuldade na implementação de projetos que visem a participação da comunidade escolar. Inserida em um contexto em que as ações são delegadas sem a efetiva participação coletiva, muitas escolas encontram dificuldade na promoção da gestão democrática. (VASCONCELLOS, 2002).

O desenvolvimento de uma gestão participativa é um processo cujas delegações vão além do prédio escolar, para que seja construída é preciso que a equipe diretiva viabilize meios para que os alunos se apropriem do território onde vivem, realizando assim a integração escola-comunidade.

A fim de analisar a relação entre gestão democrática e território, foram realizadas observações em uma escola municipal da prefeitura de Diadema, cidade marcada pela forte coesão da população na luta por direitos e grande força sindical na década de 1990. Tratando-se de uma instituição que abarca o ensino fundamental anos iniciais, finais e educação de jovens e adultos, a EMEF Quintanilha Ribeiro possui um número de cerca de 925 estudantes, destes 187 educandos estão matriculados na EJA, além de um quadro com cerca de 42 professores.

Tendo como princípio a busca da historicidade local, ideou-se através da leitura de entrevistas e desenvolvimento de questionários com estudantes e moradores locais, conhecer as demandas da população do bairro e escola, desde os primeiros moradores que ocuparam o local, até os atuais, sobretudo os estudantes da Educação de Jovens e adultos, os quais foram centrais no desenvolvimento da pesquisa.

Nesse contexto, partindo das experiências trazidas pelos estudantes durante as aulas e debates observados, pontuou-se a importância do resgate histórico da região para o fortalecimento da gestão democrática, resgate esse que vem sendo desenvolvido pela coordenação escolar através de atividades oferecidas com uma disciplina da Universidade de São Paulo .

O ponto chave para o desenvolvimento da análise foi o projeto implementado pela gestão da escola analisada, o primeiro grêmio estudantil, denominado pelos educandos de EJA livre. O qual levantou a problemática que também será desenvolvida no presente artigo: De que maneira um grêmio estudantil pode viabilizar a integração escola - território e alunos - território e luta por direitos?

A LUTA POR DIREITOS E A COLETIVIDADE NOS BAIRROS DO PROMISSÃO E JARDIM ARCO-ÍRIS

Com os primeiros loteamentos sendo ocupados em meados da década de 1960, o bairro do Promissão tem uma história marcada pela luta e pela participação da população no desenvolvimento dos bens comuns na comunidade, as quais têm início nos primeiros anos de ocupação, uma vez que os moradores enfrentaram sequenciais despejos até a regularização do local, regularização esta alcançada através de muita luta dos residentes.

Formado sobretudo por operários das indústrias do ABCD, o bairro possuía forte influência dos movimentos sindicais, o que certamente influenciou que os moradores fossem organizados politicamente. Assembleias comunitárias eram desenvolvidas e possuíam ampla participação da comunidade, culminando no desenvolvimento e pavimentação do bairro na década de 80. Segundo entrevistas realizadas pelo centro de memória de Diadema, o bairro possuía difícil acesso, o que inviabilizou a entrada das máquinas para a pavimentação.

Diante disso, os moradores se organizaram de modo que a prefeitura disponibilizasse os materiais e orientações técnicas e eles entravam com a mão de obra, realizando a pavimentação com bloquetes e a implantação do esgoto.

Na década de 1960 a única escola do bairro era um grupo escolar feito de madeira e com pouca estrutura para receber os alunos. O desenvolvimento do bairro para a criação de escolas e unidades básicas de saúde foi pautado pelas sequenciais lutas da população, tanto diretas como nas obras realizadas pelos moradores, como indiretas no que tange a pressão exercida sobre a prefeitura.

Diante do breve histórico apresentado, é possível notar a riqueza de ações e lutas no bairro aqui referido. A escola se encontra em um ambiente rico de relações políticas e assembléias, as quais possuem demasiada força e coesão na comunidade desde sua ocupação. Enraizada nesse locus, a escola aprende no território e baliza suas ações a partir dele, tomando o que há de mais educativo no território escolar, assim como defende Matos (1998):

O território tornou-se, então, uma coisa preciosa para a escola, a sua última justificação e a sua bandeira de identidade. Porque o território oferece tudo aquilo de que a escola precisa para se reabilitar de séculos de inércia e de indiferença: a diversidade geo-cultural, a iniciativa local, a flexibilidade das soluções, o parceria, o mecenato, em suma, o lugar para a imaginação, para o protagonismo e para a acção.

Nesse contexto, pontua-se a importância do trabalho de resgate histórico que vem sendo implementado pela gestão da escola, uma vez que o conhecimento das lutas da comunidade e os sequenciais avanços no bairro resultados dessas lutas, podem servir de elemento norteador aos moradores e, muitos deles, alunos da escola a pautarem os atuais e futuros movimento por direitos.

ANÁLISE DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ESTUDANTES

Ao se pensar na relação que a escola possui com o território onde se encontra, notou-se que os estudantes da EJA, representam um elo interessante a ser analisado, uma vez que os estudantes são majoritariamente moradores da região, a EJA é a modalidade de ensino mais recente da instituição (iniciada em 2011) e que as suas trajetórias de vida e experiências foram construídas a partir da vivência dos territórios locais. Assim, pode-se dizer que os estudantes, enquanto sujeitos periféricos, em suas relações com o bairro carregam uma compreensão dos espaços que os tornam sujeitos políticos, como observam Marques e Diniz (2021). Além disso, a equipe de coordenação destacou que, ao longo dos anos, tem tido um aumento significativo do número de estudantes da EJA nascidos em Diadema e dos que já completaram o fundamental I durante o ensino regular.

Diante desse cenário, em conjunto com coordenação decidiu-se elaborar um questionário socioeconômico a fim de: conhecer o perfil dos estudantes, entender quais são os motivos que causam o abandono a escola, especialmente na transição do fundamental I para o fundamento II, e quais são as principais demandas e soluções referentes à região em que moram.

O questionário obteve a participação de 41 estudantes. Por meio das respostas foi possível observar os principais indicadores que respondem às indagações abordadas acima e as relações que possuem com o território. Segundo os estudantes, o início no território se caracteriza por 49% terem nascido em Diadema, São Bernardo do Campo ou São Paulo, confirmando o apontamento do relevante número de nascidos em Diadema e na região local, e temos também 49% que são nascidos na região do Nordeste. O êxodo nordestino em Diadema fica ainda mais latente quando se trata da origem familiar dos estudantes, em que 66% são nordestinas. Já sobre a moradia, a maior parte dos estudantes residem⁵ nos bairros do Casa Grande (44%), do Promissão (17%) e em seu entorno (20%), conforme o gráfico abaixo:

⁵ A relevância de residentes próximos à escola tende a ser maior, visto que 5 respostas não especificaram a localidade do bairro, e assim, não puderam ser incluídas.

Em qual bairro você mora?

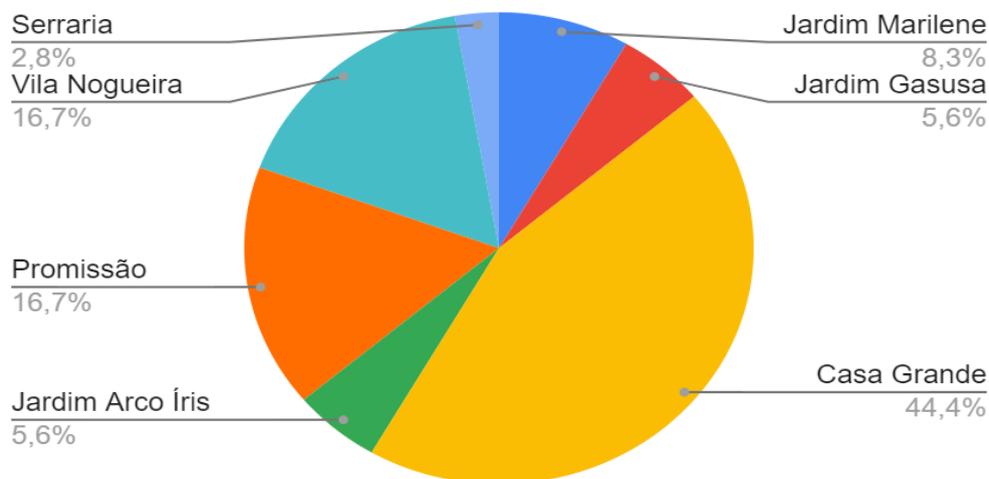
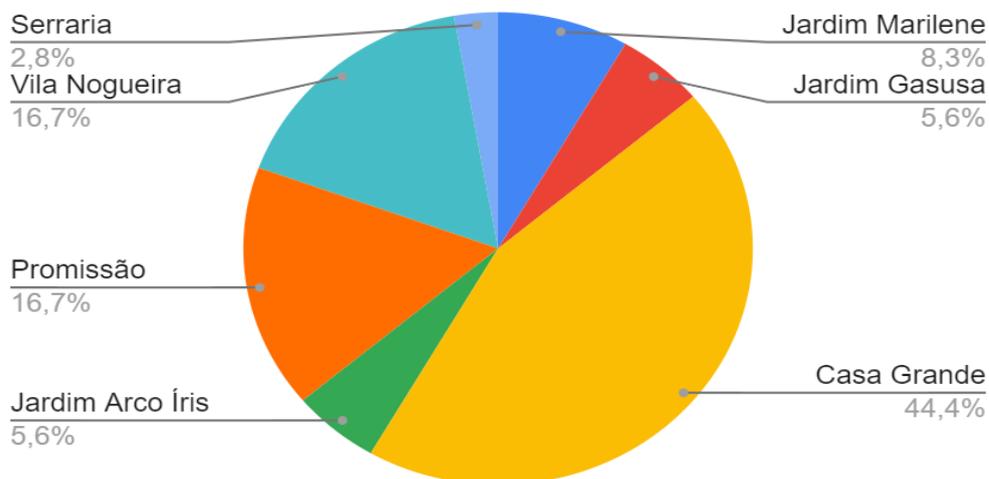


Figura 1 - Questionário socioeconômico

Em qual bairro você mora?



Fonte: figura dos autores

Deste modo, por meio das informações iniciais, verifica-se que em geral, o fato dos estudantes representarem a primeira ou no máximo a segunda geração da família no município de Diadema, impõem-se desafios para si e seus familiares na

garantia de acessos aos direitos básicos no território, ainda mais considerando que vieram de outro Estado e que 40% moram com 4 a 7 pessoas, um número maior que a média das famílias brasileiras segundo o IBGE⁶.

Dando continuidade ao questionário será possível notar alguns desses efeitos. Em relação ao ensino regular, cerca de 46% frequentou somente até o fundamental I, 40% já frequentou o Fundamental II e 13% ainda não haviam frequentado a escola. Dos que já frequentaram, 74% repetiram de ano uma vez ou mais. Sobre o trabalho, cerca de 80% já trabalharam, sendo que, as principais razões para isso são: a necessidade de dinheiro e o sustento das despesas de casa ou da família. Acrescenta-se ainda que 57% começam a trabalhar antes dos 14 anos, evidenciando que o trabalho teve forte influência nos estudos, posto que, a maioria dos estudantes precisaram trabalhar desde cedo para contribuir na renda familiar. Esses fatores impactam diretamente o abandono escolar, em que os principais motivos são a falta de tempo para estudar, a falta de apoio familiar e questões pessoais como o casamento ou os filhos.

Curiosamente mais a frente, nota-se que, para alguns, essa relação se inverte, pois na maioria dos casos, o retorno aos estudos acontece para conseguir emprego (28%), progredir no emprego atual ou conseguir um emprego melhor (26%) e adquirir maior conhecimento (28%), sendo que as principais ocupações dos estudantes que trabalham são: no lar (18%), no comércio (14%) e na indústria (14%). A partir disso, fica claro a importância de se ter programas de acesso e permanência na educação básica e de distribuição de renda para as famílias periféricas, para que essas pessoas tenham melhores condições de estudo e alcancem empregos mais qualificados.

Para as questões mais abrangentes, sobre as demandas, as temáticas mais relevantes são: a insegurança no bairro, a falta de espaços de lazer e a dificuldade de acesso ao transporte, esta última, já apontada pelos primeiros moradores da região no início do texto, ainda persiste como um dos principais problemas do bairro. Aparecem também, em menor escala, o estudo, a falta de emprego e a dificuldade com moradia.

⁶ Segundo o levantamento do IBGE, 3,3 é a média de integrantes por família no Brasil.

Dessa forma, se confirma um traço notório atribuído aos sujeitos periféricos, a dificuldade de acesso para se obter direitos básicos de sobrevivência .

Sobre as soluções elencadas, o estudo é apontado recorrentemente como uma saída para a superação dos problemas, em que a educação é vista como um direito e uma possibilidade para mudança da realidade vivida. Outra alternativa que também obteve destaque corresponde à maior participação na sociedade para a resolução das reivindicações. Esses apontamentos configuram uma noção progressista e fundamental dos estudantes ao se perceberem como sujeitos ativos e de se apropriarem da resolução das demandas do território em que habitam.

O GRÊMIO ESTUDANTIL INCITANDO A CIDADANIA

O pensamento crítico e o princípio da cidadania são fatores que devem repertoriar o currículo e o cotidiano escolar a fim de balizar a formação de sujeitos políticos. O grêmio estudantil emerge nas escolas como um meio de enraizar nos alunos um modo de pensamento que vá além do individual e passe a formá-los como seres sociais, com pensamento coletivo, ideais que se voltem à comunidade, cidadãos. A escola deixa de ser um local de ideias prontas e traça um caminho de construção coletiva, com pensamentos e ações voltadas para a comunidade. Assim como proposto na Lei de Diretrizes e Bases da educação:

Art. 12º. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola. (BRASIL, 1996).

Através do diálogo e participação - essência da gestão democrática, os alunos passam a contribuir para o desenvolvimento da escola através do grêmio, trazendo pautas a serem debatidas com a gestão e reivindicando por melhorias no lugar que será experienciado por eles, a escola.

Na perspectiva do diálogo SILVA e SANTOS (2019, p.5) ressaltam que:

A comunicação é um dos caminhos que perpassa pela gestão democrática, pois proporciona o engajamento dos segmentos no que diz respeito à melhoria da escola e, sobretudo, da educação. Quando a comunicação se faz presente entre os envolvidos, os rumos da escola são trilhados por caminhos necessários para a vivência de uma gestão escolar participativa.

O projeto da criação do grêmio estudantil “EJA livre” na escola aqui observada, traduz propriamente o que o autor pontua no que diz respeito à participação e diálogo para construção de uma gestão efetivamente democrática. Com eleição entre os alunos e um elencado de pautas que seriam prioridade de quem estivesse à frente do projeto, elegeu-se os representantes que, por decisão da maioria, seriam os que melhor os representam.

Em entrevista com os alunos que estavam mais engajados no desenvolvimento do grêmio, observou-se a potência política que a criação deste possuía, assim relatado pelo aluno eleito presidente:

O grêmio me ajuda a pensar de uma forma diferente, eu começo a pensar por todos os alunos. Eu como o presidente do grêmio preciso tomar decisões que sejam de melhoria para todos, não é individual. É um espaço de união de ideias. Silva, Bruno⁷: depoimento concedido a João Vítor e Rodrigo. [nov . 2021].

Observa-se que a fala do aluno parte de um lugar coletivo, o que mostra a maneira como a escola está traçando um caminho em que os educandos possam ter contato com as decisões e debates realizados pela comunidade escolar.

Quando questionada sobre as mudanças nas falas e ideias dos alunos após o início do processo de implementação do grêmio estudantil, a coordenadora relata ter observado maior engajamento dos alunos no que diz respeito à valorização e busca por melhorias dos bens comuns na escola. Além disso, diz que os educandos vêm desenvolvendo um maior apego com o território em que se localiza a escola, o qual, segundo nossa análise, também é onde a maior parcela dos alunos moram.

⁷ Nome fictício.

Paralelamente, conversamos com uma estudante que além de pertencer a chapa do grêmio é conselheira na escola desde que sua primeira filha estudou na instituição há mais de 15 anos. Ana ⁸ pontua que nunca houve tanto espaço para os alunos como na gestão aqui analisada, diz também que se sente importante, uma vez que a partir das reuniões e assembléias pode expor as verdadeiras necessidades dos alunos e da comunidade escolar como um todo.

É importante ressaltar que além de abrir espaço para as discussões com o grêmio, a escola trouxe os líderes da assembléia comunitária a fim de debater juntamente com os alunos as questões que dominavam a comunidade no momento, como a transferência da escola para outro local, visto que haverá uma reforma no prédio que terá a duração de cerca de dois anos.

Diante disso, nos parece evidente que a implementação de um grêmio estudantil, o primeiro da escola, desenvolveu nos alunos um sentimento de pertencimento, tanto com a escola como com o território, favorecendo o exercício da cidadania, no que diz respeito ao ambiente propício a troca de experiências e luta por direitos.

O PAPEL DA COORDENAÇÃO NA APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO PELOS ALUNOS

A coordenação da escola tem desenvolvido instrumentos em sua prática cotidiana no que tange ao incentivo dos alunos conhecerem o território e tomarem partido dos direitos pessoais e coletivos, de modo que, é possível observar iniciativas de uma gestão democrática para a adesão dessa pauta.

Logo no início da observação do estágio, notou-se uma inquietação da gestão sobre qual será o local da próxima escola que os estudantes da EJA vão ser alocados na transição para o ensino médio no ano seguinte, dado que nos últimos dois anos a escola disponível está mais distante. Com o passar dos dias, essa preocupação se tornou uma questão dos estudantes, tanto como tema de debate das aulas quanto de se apropriarem

⁸ Nome fictício.

de ações de intervenção ocorridas no bairro, como um abaixo-assinado da associação de moradores.

A fim de expandir a capacidade que os estudantes possuem de se inteirar e intervir nos acontecimentos do território, verifica-se que o princípio da gestão democrática, destinado a “a participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes” (LDB, 1996), tem sido seguido pela coordenação através da construção uma relação de proximidade com conselheiros e associações de bairro.

Essa ligação se potencializou ainda mais com a realização da disciplina optativa da USP “Educação, Saúde e Assistência Social”, uma vez que, o bairro do jardim Promissão em Diadema foi um dos pólos para construção de redes complementares de proteção social básica. Dessa forma, promoveu-se ações de integração no território entre os equipamentos das três áreas, firmando uma forte parceria de diálogo contínuo entre as escolas e os órgãos da UBS e de assistência social do bairro, sendo que a escola analisada foi o órgão mais ativo durante todo o processo.

Nesse sentido, a coordenação socializou a proposta com os estudantes da EJA, os conselheiros e os representantes das associações de bairro, e os convidou para o acompanhamento das atividades. Dessa forma ocorreram encontros coletivos para o mapeamento dos equipamentos no bairro, debate sobre como a escola pode utilizar recursos de manutenção empregando moradores da região para que o dinheiro fique dentro do território e entrevistas com os estudantes da EJA para o resgate histórico da escola e do bairro. Essas iniciativas denotam uma capacidade de liderança da escola para traçar uma política de ação, e levar os outros a segui-la (PARO, 2015), mostrando também que, a gestão democrática não se dá pela espontaneidade, mas sim, pela inserção e participação dos sujeitos atuantes em um projeto construído coletivamente.

Assim, percebe-se que a forma de gestão analisada carrega elementos constitutivos da gestão democrática que podem ser caracterizados por: participação, autonomia, transparência e pluralidade (ARAÚJO, 2000).

Tratando especificamente das condutas da equipe de coordenação, há uma parte do PPP da escola que expressa o papel da função de coordenador:

O coordenador, dentro do contexto escolar, assume o papel de agente transformador da prática pedagógica à medida que cabe a ele, segundo Freire (1996), “estar atento ao caráter pedagógico das relações de aprendizagem dentro da escola” e, dentro dessa perspectiva, compete a esse profissional, viabilizar um ambiente democrático e participativo, adequado para a promoção da aprendizagem. (EMEF Quintanilha Ribeiro, 2020, p.37).

Nota-se que esse trecho dialoga intrinsecamente com as experiências elencadas acima, demonstrando uma correspondência entre o que é dito na teoria e realizado na prática.

Além disso, cabe ressaltar, que o perfil da equipe de coordenação converge com a temática territorial, pois a vice-diretora Fernanda⁹ já atuou na secretaria de educação e a coordenadora pedagógica Alessandra¹⁰ é originária de um centro de atendimento de inclusão, ambas no município de Diadema, assim, a experiência anterior de instrumentalizar as pessoas como sujeitos ativos no território em que moram reverbera no processo de escolarização.

Na mesma lógica, destaca-se a visão da vice-diretora Fernanda sobre a atuação de uma estudante nos conselhos por mais de 30 anos, como um exemplo a ser seguido por todos estudantes da EJA, em que fica nítido o potencial da participação popular para a conscientização da cidadania independentemente da condição econômica em que a pessoa se encontra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, analisar os caminhos traçados pela escola no que concerne a construção da gestão democrática a partir do território, historicidade e ações de participação da comunidade escolar como o grêmio estudantil.

⁹ Nome fictício.

¹⁰ Nome fictício.

Para além dos referenciais teóricos, as entrevistas e questionários com os alunos EJA viabilizaram o maior conhecimento do perfil desses estudantes, mostrando o que já era esperado, a maioria dos estudantes reside nas proximidades da escola. Pensando nessa questão, pontuamos as estratégias acertadas da coordenação no que se refere às iniciativas que fomentam a apropriação do território pelos alunos, tomando-o como ponto de partida para desenvolvimento do PPP e dos projetos de integração, como o grêmio estudantil.

Foi possível chegar, assim, a algumas conclusões: a escola têm desenvolvido um projeto efetivamente democrático, visto que realiza a integração com o território; a maioria dos estudantes mora nas redondezas da escola, mostrando a importância de se realizar esta integração; e a criação do grêmio estudantil mobilizou os educandos politicamente, tornando-os mais ligados aos assuntos da escola e do bairro, trazendo-os para participação ativa nos assuntos da escola e, além disso, instigando-os a pensar de modo crítico e com senso de coletividade.

Em vista disso, mostra-se que a escola tem seguido o princípio da gestão democrática instituído na (LDB, 1996). Por meio de mecanismos como grêmio estudantil e integração com a Universidade de São Paulo, ideou-se um projeto de gestão que tem trilhado um caminho rumo a efetiva gestão democrática.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adilson César de. **Gestão democrática da educação: a posição dos docentes**. PPGE/UnB. Brasília. Dissertação de Mestrado, mimeog., 2000.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 06 dez. 2021

DA SILVA, Alex Vieira; DA SILVA SANTOS, Vinícius André. n. 16- **O GRÊMIO ESTUDANTIL E A GESTÃO DEMOCRÁTICA: UM ESTUDO DE CASO NO**

MUNICÍPIO DE MESSIAS-ALAGOAS. **Jornal de Políticas Educacionais**, v. 13, 2019.

MATOS, Manuel. **O meu fascínio pelo território educativo**, 1998. a Página da Educação. Disponível em: <https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=75&doc=7536&mid=2>

MARQUES, Raphael e DINIZ, Rodrigo. **Decifrando o acesso a direitos a partir das experiências nos territórios de vivência**. In: ARREGUI, Carola e KOGA, Dirce (org.). *Construção de conhecimentos em Serviço Social: entre periferias, territorialidades, narrativas, experiências e cartografias*. São Paulo, 2021. Capítulo 4.

PARO, V. H. **Diretor escolar: educador ou gerente?** São Paulo: Cortez, 2015. Capítulo 2.

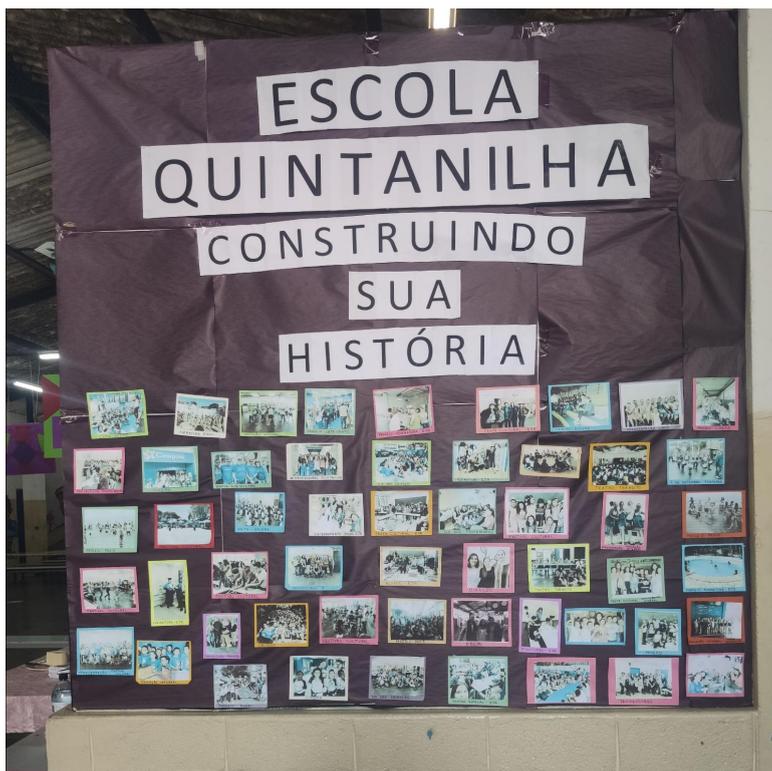
VASCONCELLOS, C. dos S. **Sobre o trabalho da equipe diretiva no processo de mudança da prática pedagógica: por uma gestão democrática**. São Paulo: Cortez, 2019. p. 74.

<https://labsfac.ufsc.br/2016/05/23/dados-do-ibge-queda-substancial-no-tamanho-das-familias-brasileiras/> - IBGE

ANEXOS

A) FOTOS

1- Encontro da disciplina da USP com a presença de representantes das escolas, da UBS, associações de bairro e estudantes da USP para apresentação da história da escola e conhecimento dos equipamentos do bairro







2- Eleição do grêmio “EJA livre”





PARTICIPE DA ELEIÇÃO!
ELEIÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL: E.J.A LIVRE

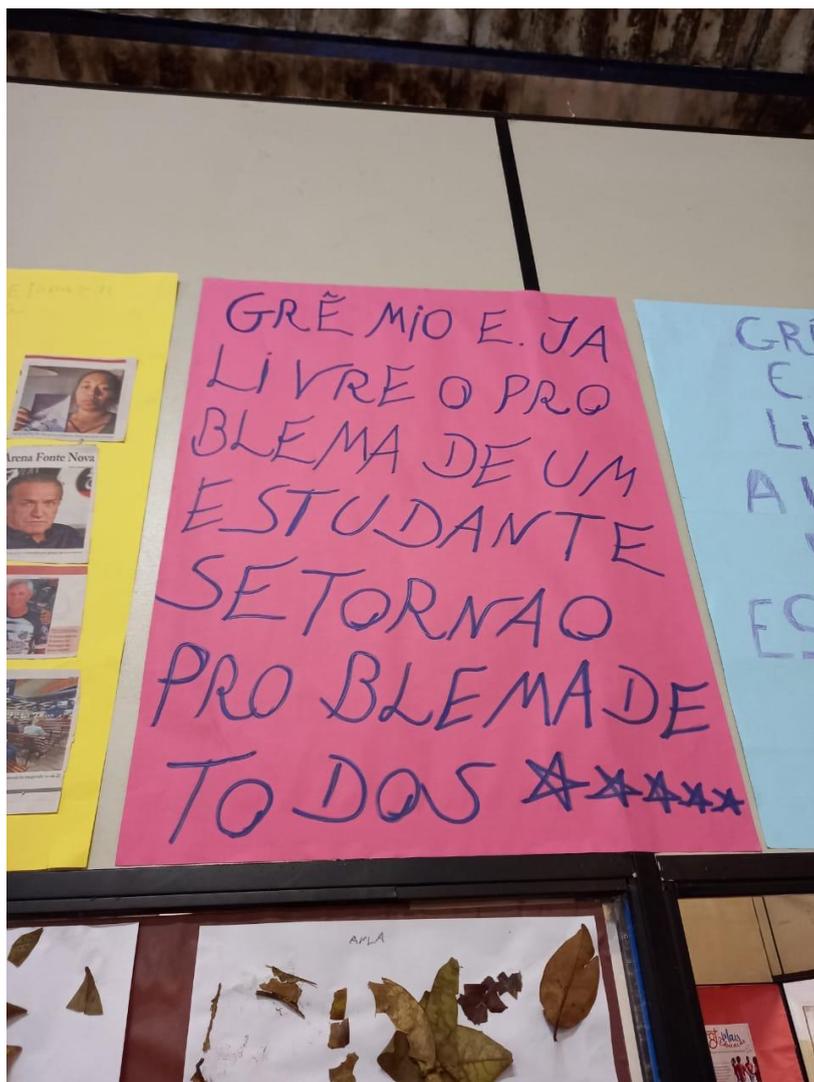
DIA: 11/11/2021 LOCAL: ESCOLA QUINTANILHA HORÁRIO: 19H00

OBJETIVOS DO GRÊMIO

- DEFENDER OS INTERESSES INDIVIDUAIS E COLETIVOS DOS ESTUDANTES
- INCENTIVAR AS ATIVIDADES ESCOLARES, DE ESPORTE, DE CULTURA E DE LAZER
- SOLICITAR ESCOLA DO ENSINO MÉDIO PRÓXIMO DA RESIDÊNCIA.
- PARTICIPAR DA ESCOLA

Nutricionista DT
Elaine Laureiro
Marina Piotta
Nutricionistas

@gremioquintanilha@educar.gov.br
elaine.laureiro@ciadema.ce.gov.br
marina.piotta@ciadema.ce.gov.br



3- Aula de apresentação da proposta do questionário aos estudantes da EJA com a presença dos estudantes João e Rodrigo



B) SÍNTESE DE RETORNO PARA A ESCOLA

Nossa experiência de estágio buscou analisar as relações entre a escola e o território, de maneira que haja uma integração e, a partir dela, se promova uma gestão democrática. Em nossas observações, notamos que a escola é um ambiente aberto para o diálogo e, ainda mais aberta após a criação do grêmio estudantil na educação de jovens e adultos.

Um dos pontos que mais nos chamou a atenção foi a forte relação da escola com as assembléias comunitárias e seus líderes. Em um dos nossos encontros pudemos participar de uma reunião em que os líderes das assembléias estavam presentes, o que nos pareceu um ambiente rico em troca experiências e extremamente favorável ao diálogo e, de fato instigante ao engajamento dos jovens na política, seja na escola, no bairro ou em ambos, o que parece ser o objetivo da gestão da escola.

Através do Projeto Político-Pedagógico da escola é possível pontuar que há um alinhamento entre a teoria colocada no PPP com as práticas desenvolvidas na escola. Por meio da ponte entre ensino, pesquisa e extensão realizada com a Universidade de São Paulo, observou-se um ambiente rico de trocas entre as duas instituições.

Sobretudo, na atuação da coordenação, em possibilitar que os estudantes e representantes de comunidade acompanhassem as atividades da disciplina. Deste modo, mostrou-se a universidade pública em perspectiva para sujeitos que são sistematicamente excluídos desse espaço, ampliando o horizonte dos estudantes e pluralizando as atividades.

Em relação ao questionário aplicado aos estudantes da EJA, destacou-se que há um aumento de estudantes nascidos em Diadema e suas proximidades, a maioria tem necessidade de trabalhar por ter que contribuir nas despesas familiares, de modo geral, os estudantes possuem dificuldades de acesso aos direitos básicos, e que para a superação dos problemas, boa parte dos estudantes entendem a educação e da participação como um caminho. Dessa forma, nota-se ainda mais a importância das ações integradas entre as áreas de educação, saúde e assistência social, sendo a sua continuidade fundamental para auxiliar a comunidade e dar apoio a trajetória dos estudantes.

ANEXOS

1. Transcrições das entrevistas

1.1 Entrevista com Sônia - assistente social

Em 1987 o que existia era a Promoção Humana, constituída por seis assistentes sociais que tinham que dar conta de tudo no município (transporte, habitação, saúde) e atender toda demanda social, ainda não haviam serviços específicos para isso.

A UBS Promissão funcionava numa casa térrea na rua Pau do Café, 1500, onde atualmente está localizado o Centro Cultural do Jardim Promissão.

Foi desenvolvido um trabalho em equipe (assistente social, técnicos de enfermagem, médicos), numa comunidade ao redor da Rua Amador Bueno, onde havia um centro comunitário e seu espaço podia ser usado para desenvolver alguns projetos, como o grupo de crianças que eram acompanhadas, palestras, grupo de gestantes, orientações sobre aleitamento materno. Na época se discutia o direito das crianças, ainda não havia o ECA, mesmo assim já era feito um acompanhamento das mesmas, o trabalho era feito diretamente por uma única assistente social.

As seis assistentes sociais da promoção humana tiveram que se dividir para atender toda a área do município, uma delas foi para habitação.

Entre 1991/1992 foi inaugurada a UBS Promissão na rua Prudente de Moraes, 300 (a 300m do centro cultural), já era um espaço bem maior, com infraestrutura e equipamentos para um melhor atendimento médico.

Na época de 1990, houve uma discussão sobre desfazer a promoção humana (não ter mais esse serviço) e as assistentes sociais serem lotadas nas UBS's e uma delas na habitação e assim foi feito.

Na nova UBS começou a ser implantado a assistência social, quando os "mais necessitados" começaram a ser atendidos pela assistência social. E diziam: "o pessoal da Sônia 'assistente social' chegou."

Sônia: "e foi uma luta para toda a equipe que trabalhava na UBS entender que não era meu pessoal, mas o pessoal de toda a UBS que precisava ser atendido do mesmo jeito, por todos, mas aí fomos conquistando espaço e isso foi acabando".

O Promissão é e sempre foi constituído por comunidades, mas na época eram barracos de madeira, vielas sem pavimentação, não havia grande circulação de ônibus, apenas as ruas principais eram pavimentadas, aquelas por onde passava o ônibus. Até hoje os ônibus que passam pelas comunidades precisam ser de modelo pequeno, pois há ruas muito estreitas. Nessa época haviam apenas 5 UBS's em Diadema.

O José Augusto (prefeito da época) conseguiu ampliar o serviço de saúde e construir novas UBS's. Ele é médico e investiu muito na área de saúde. Hoje são 20 UBS's. A esposa de José Augusto foi secretária da saúde, médica, foi a melhor para a saúde, ela trouxe/fez uma mudança, levou a equipe de saúde mental (psicólogos, fonoaudiólogos) para as UBSs, o que não havia na época e ainda não existia NASF.

Depois de José Augusto, veio o prefeito Filippi, que é engenheiro, então tinha uma visão toda voltada para habitação, começou a organizar toda a região de favela, de comunidade. Sônia/assistente social: "pois eram muitos barracos e caíam muitos barracos, muita gente chegou a morrer soterrada quando chovia, era uma coisa muito triste, muito triste mesmo, assim, começou a urbanização".

Houve um movimento muito interessante que na época o coordenador da atenção básica (que era o Douglas), que tinha toda uma visão social, toda uma visão do SUS, mudou um pouco o modelo médico, ampliou as equipes e a Maria Edite (uma pediatra da época) já tinha começado, ela foi secretária de saúde na gestão do Filippi, tudo PT, começaram a vir psicólogos, fonoaudiólogos e as unidades aumentando e todas constituídas com esses profissionais, e ainda médicos e enfermeiros.

Haviam pouquíssimas ACS's (agente comunitário de saúde). A primeira equipe de estratégia da saúde da família foi no Promissão, a primeira equipe de PSF, para uma experiência. A primeira ACS que trabalhou na UBS, nem era paga, era voluntária, uma pessoa que morava na região. Então depois que começou mesmo o programa de saúde da família, foram aumentando as equipes e em 2008 as outras equipes foram criadas,

assim na área de abrangência da UBS Promissão, totalizou-se seis equipes divididas em cinco micro-áreas cada uma.

O Douglas fez um processo chamado territorialização, para conhecerem a área de abrangência. Os profissionais da UBS (técnicos de enfermagem, enfermeiros, médicos, dentistas, saúde mental) saíam e realizavam as visitas residenciais nas casas dos pacientes, pois anteriormente todos os usuários deveriam se deslocar e ir até a UBS. Assim os profissionais começaram a ter uma noção do que era o território e as condições que os usuários enfrentavam diariamente e foram percebendo por que quando chovia o paciente faltava na consulta, a dificuldade de subir um barranco, por que quando chovia o paciente chegava atrasado. Quando os profissionais conheceram a realidade dos usuários, como eles moravam, os problemas que os afrontavam, começaram a mudar a visão que tinham da população, a entender o motivo de tanta evasão, falta nas consultas, atrasos, rispidez,...

Sônia/Assistente Social: "E isso foi muito proveitoso, muito mesmo".

A questão da habitação foi melhorando. Se percebeu que não podiam ficar sem a "promoção humana", era preciso um lugar que fosse exclusivo do serviço social, Foi então que criaram o departamento de cidadania e ação social. Não existia CREAS, CRAS, SUAS, nenhuma política social. Na mesma época foi criada a casa Beth Lobo (para mulheres vítimas de violência doméstica).

O departamento de cidadania era localizado apenas em um lugar, o pessoal ia até lá, depois foi evoluindo e começou a ter os projetos habitacionais, a construção dos predinhos no lugar da "invasão". O primeiro lugar foi o Gazuzá, que era um "favelão", o primeiro projeto habitacional, onde muita gente saiu e muita gente ocupou. Na época foi preciso a ação da polícia e da cavalaria, pois muitas pessoas estavam invadindo os predinhos. A Assistente Social tinha que ir na frente, dizendo quais as famílias que já moravam lá e quais não faziam parte do território, então o oficial de justiça separava quem iria ficar e quem iria sair.

A Assistente social já conhecia as famílias moradoras, foi o primeiro projeto habitacional do Promissão. Naquela época ainda existia a promoção humana. Quem

construía as casas eram os próprios moradores, a caixa financiava. A prefeitura montava as equipes, por exemplo: equipe de creche que cuidava das crianças enquanto as mães estavam trabalhando na construção. Definiam quem ia fazer o serviço de alvenaria, construção, encanamento, isto era de domingo a domingo, arquitetos e engenheiros contratados pela prefeitura que davam toda a orientação, as reuniões com os engenheiros eram feitas no Itaim Bibi em São Paulo.

"Descendo a rua do progresso, era pura terra, numa das travessas da Amador Bueno havia uma associação onde eram feitas muitas atividades da UBS e ao redor era tudo barraquinho de madeira. Teve um processo que não foi inteiramente planejado, mas todos conseguiram construir sua casa de alvenaria, hoje não há mais barraco".

No Gazuzza tinha um "terrenão" para fazer a construção dos predinhos, a prefeitura desapropriou, o pessoal invadiu a parte que iam fazer os prédios, haviam pessoas que realmente precisavam e não tinham condições e tinha gente que já tinha casa, mas mesmo assim ocuparam o terreno, então assistente social fez uma ficha social para filtrar quem realmente precisava de quem não tinha necessidade.

O terreno que era apenas para construção de predinhos, acabou sendo dividido, uma parte foram construídas as casinhas e do outro lado os predinhos, e então não se deixou entrar mais ninguém.

Hoje a assistência social tem opções de encaminhamento. Na Rua Pau do Café, altura do número 1700 foram construídos predinhos no lugar de uma grande favela com barracos de madeira e sem saneamento básico, conhecida como invasão.

1.2 Entrevista com Sônia - ACS

1º áudio:

Sônia: Cheguei em 88, aqui em São Paulo, Frequentava UBS, a UBS já era aqui onde está hoje, depois eu trabalhei como voluntária por um tempo, depois foi implantado o PSF aqui na UBS promessa pela doutora Maria de Lourdes

Renata: Ah a Sonia falou desse nome, que era o pediatra

Sonia: depois veio depois ele foi legalizado ele pegaram os moradores da comunidade, pegaram eu que sou a Sonia, a Andreia, a Lília e a Renata né, na época tinha só uma equipe de PSF né, e depois eu fui agente da minha casa mesmo ne, eu fui agente da minha casa

Renata: Soninha, você lembra a Sonia me falou alguma coisa da Rua Amador Bueno que foi a primeira

Sonia: Não amador Bueno eu não conheço, eu faço ela hoje, no meu tempo lá eu só conhecia a Getúlio Vargas,

a primeira foi a nossa equipe a vermelha

Sonia: Aí depois que implantou a primeira equipe é que surgiu as outras equipes de saúde em casa

Renata: Só, eu entrei aqui em 2007, aí em 2007 só existia a vermelha e azul, depois é que veio aquele montão

Sonia: porque primeiro foi ó, primeiro foi uma só, que foi a primeira que foi estabelecida pela Dra lá, Dra Maria de Lourdes né, depois dessa primeira foi que surgiu a segunda, que é a azul hoje, que faz parte lado da João Batista que abrange a Amador Bueno, a progresso, aí depois se tornou PSF a UBS toda. Antes a UBS ela era mista, tinha o PSF e tinha o atendimento normal da UBS, aí depois foi que implantou a saúde em casa na UBS toda aqui pro bairro aí foi quando eles pegaram e vieram novos, novas equipes e aí veio a verde, a branca, a amarela, a preta

Renata: Ai So, conta o que você lembra como que era, por exemplo, a área preta que lá no final da pau do café era um barranco lá, como que era a infraestrutura

Sonia: a preta ali eu não conheço nada, tudo que eu conheço só que do Marilene, só aqui do Marilene. O Marilene ele foi o começo. Ele foi, sempre tinha um comércio ele sempre foi bom de comércio, sempre teve o mercado, a escola ali o Frade Monte, na época quando eu cheguei era uma escola de madeira e depois foi que foi construído de

alvenaria . O Artiga já existia, era uma escola que já existia, já tinha essas duas escolas, aonde era o UBS lá em cima que hoje é o centro cultural já existia também quando a UBS vem pra cá l[a eles colocaram, fizeram o centro cultural pra onde tinha aula de violão, capoeira, a biblioteca, onde as pessoas vão poder livro pegar o livro, as crianças podiam pesquisar os trabalhos de escola, tinha aula de dança aula, de dança também, inclusive a minha sobrinha, ela tocava violão lá no centro cultural. Tinha os professores que dava aula de graça, que foi a prefeitura que colocou eles lá pro pessoal.

Renata: So já era asfaltado, já tinha esse negocio do saneamento?

Sim, essa parte, a rua aqui de cima já era asfaltado, ali no centro cultural quando tinha a UBS, a primeira já era asfaltada, o que ainda não estava bem definido pela prefeitura. O que não estava bem definida era dentro das vielas porque aí foi quando veio a rede de esgoto e aí eles foram fazendo o saneamento básico dentro da comunidade

Renata: Era barraco

Sonia: tinha muita casa de barraco, muita casa de barraco, aos poucos moradores foram tendo condições e construindo de alvenaria. Muitas casas foram vendidas e as pessoas que foram comprando já foram melhorando, aí já começou a surgir uma casa melhorzinha aqui outra ali ai já foi criando um estímulo. Ai a prefeitura entrou com encanação do escoto, ai foi ficando uma coisa legal. e aí depois veio à luz, cada um com seu relógio de luz, a água cada um com seu relógio individual, cada um pagando aquilo que consumia, você tinha na mão como ver o que foi que você gastou, porque antes não, antes você tinha na sua casa, a minha agua era na sua casa, então era aquela coisa, faltava muita água também na época, muita água faltava, ficava as vezes dois, três dias sem água. As pessoas tinha que encher balde de água, aí depois que veio a água pra cada um, ai a maioria das pessoas têm caixa d'água porque devido falta anterior, então todo mundo tem sua a caixa d'água pra reservar. E ai eles fizeram a, começaram a fazer as vielas, a prefeitura começou a fazer as vielas entre as casas, começou a colocar nome

Renata: So quando você começou a trabalhar, por exemplo não tinha nada dividido entre as equipes, vocês foram fazer essa divisão. Ai

Sonia: Quando foi implantada a primeira vez, que era só um PSF, ai nós eramos 4 agente de saúde

Renata: Aí minha dúvida é a seguinte o trabalho de vocês foi cadastrar todas as famílias e conhecer uma a uma

Sonia: depois que implantou o PSF, ai foi fazer o cadastro, fazer levantamento de quantas pessoas moravam ali, as condições essas pessoas, ai foi quando começou a levar fazer o levantamento de quantos hipertensos quantos diabéticos quantas gestantes. Ai esse trabalho veio ter uma qualidade depois do PSF porque até então o paciente vinha até a UBS e a vida dele acaba aqui, tinha o atendimento e acabava aqui, não tinha essa coisa de ir atrás como hoje. Que nem agora essa guia, eu acabei de chegar da área, a gui para amanhã, eu liguei a filha já vai buscar. Antigamente não, antigamente o pessoal chegava, dormia aqui para ser atendido

Eu mesma consegui vaga de dentista aqui vindo aqui 5 horas da manhã para ficar na fila. Porque assim 6 horas da tarde, eles colocavam a placa de vagas que tinha, e a gente amanhecia, vinha 5 horas da manhã pra fila para garantir a vaga

Sonia: Se você quisesse passar. É que assim gente, tudo no começo é desse jeito, você chega você vai ter uma visão porque né o mundo tem que andar pra frente porque lugar tal da começando a mudar, então a lógica é mudar, não da pra você ficar ali parado

O mundo te força a mudar ne, a situação te força a mudar

Sonia: Só que ai foi uma mudança para melhor, ai é uma mudança para melhor.

Renata: So você já tava aqui, a Sonia contou de uma época que por exemplo quando tinha a invasão, a rua do progresso, ai tiravam as pessoas, como que era?

Sonia: A invasão era um terreno que tava la ne e ai as pessoas necessitadas, começaram a invadir, começaram a construir... Ai começou as mudanças, quando chegou luz, agua, você com seu relógio, você pagando o que você tava consumindo, ficou uma coisa legal, veio os postes de luz, as vielas eram escuras. Você pra ter a sua viela clara, você tinha a sua lâmpada na porta, na porta e tal

Só que assim todo mundo entrou pra dentro você apagava a luz. Mas ai veio os postes de luz onde ficava a noite toda a viela acesa.

Renata: Ai So, por exemplo a invasão né, que a Sonia pediu para te perguntar, você lembra de alguma coisa? você a Sonia por começou assim, ela reconhecia a pessoas que moravam na área, nessa época da invasão que ia construir os prédios tiveram que chegar la com a cavalaria e ia falando, ó esse aqui morava, esse não morava, esse morava, porque se não tinham os esperto que não morava ali. Você lembra de alguma coisa?

Cris: Não, isso daí foi no Cazuzo. Desculpa cortar a Sonia, a cavalaria foi no Cazuzo, desculpa Sonia.

Sonia: Não foi aqui na invasão não. A invasão Re, a invasão na verdade, quando eu entrei, o pessoal começou a invadir, a construir barracos. Nós não fazíamos aquela área.

Renata: Que é a Rua do Progresso.

Sonia: Não, Pau do Café. Que é aonde elas fazem.

Renata: Ah, lá no 1700?

Sonia: Isso

Renata: Ah tá

Sonia: Ali a gente, é aquilo que a Cris falou, as ruas principais, elas eram pavimentadas por causa que tinha o ônibus, aquela coisa toda, que era o retrato da cidade né, que era o acesso...

Renata: Era bem pouco ônibus

Sonia: É, também.. Porque no começo, ce sabe né, até o pessoal chamava de Poeirinha. “Ah lá vem o poeirinha” Entendeu? Aí a invasão depois foi se formando, mas assim, ainda não tinha nem pego essa parte da invasão. A invasão ela veio depois, que o pessoal entrou pra cadastrar, pra fazer tudo o que fez, aí depois, agora construiu uns apartamentos. Mas bem no começo era só a invasão, eles vinham, passava aqui, mas assim, eles passavam pela porta. Como ela era uma UBS mista, eles não passavam pelo

médico do PSF, eles passavam direto na UBS, era diferenciado. Porque uma coisa era o PSF, outra coisa era a UBS mista. E aí depois foi que veio o PSF pra lá, porque eles viram que era uma área carente e que era a cara do PSF. Aí foi quando veio. Mas no começo mesmo, era só o Marilene que era coberto pelo PSF, aí depois veio a azul, que foi aqui na Progresso, que eles foram vendo o que precisava, até chegar onde chegou hoje. A UBS toda é PSF, saúde em casa.

Renata: É, Cris, lá onde cê falou da cavalaria

Cris: Foi no Gazuza.

Renata: É, lá no 817, lá?

Cris: É, em frente à Associação ali. Aquelas casas em frente. Ali foi invadido pela cavalaria, por volta, deixa eu ver... de 94.

Renata: Aí gente, então só o serviço de assistência que existia, certo? Que a Sonia que foi lá e dizia “essa família é daqui, essa família não é daqui”

É porque na verdade a Sonia, como era assistente social, tudo que era o social naquele tempo, tudo ia pro social. Então ela pegou de tudo. A Sonia era da assistência social da UBS. Então tudo, ela pegava tudo. Invasão, Gazuza, tudo. Tudo que a UBS Promissão cobrisse, ela, como assistente social, ela era assistente social da UBS, de tudo aquilo que tava em volta. Então, ah lá do Cazuzza. Ah não tem assistente social no Casa Grande. Cê acha que caía onde? Caía aqui. Então a Sonia, quando não tinha tudo caía.. É a mesma coisa que se aqui hoje não tiver e lá tiver, a gente não vai direcionar pra lá? Então era a mesma coisa. Então a Sonia, ela andava bem mais, ela via bem mais porque assim, aonde tinha um chamado, a Sonia tava lá, por ser assistente social. Então a Sonia nessa parte aí não tinha aquela coisa "não, eu só venho até aqui". Não, ela era tudo. Porta aberta, ela tinha, ela era tudo. Independente se era aqui no Marilene, se era lá no Cazuzza. Aí é por isso que ela sabe de tudo isso, porque ela era a assistente social da UBS. Então ela viu muita coisa, ela viu o começo da invasão, o começo do Cazuzza, essa parte da cavalaria. Porque foi um tempo que eu lembro que teve muito helicóptero, muita coisa, muita viatura, ficou uma coisa que ficou bem agitada, essas coisas assim.

Então ela, por ser assistente social, ela pegava de tudo. Por isso ela tem esse conhecimento todo.

Renata: Gente, cês sabem dizer de quando.. Ela me falou de onde tinha barranco, que aí chovia, aí caía barraco. Mas isso era lá do tempo dela. Vocês como moradoras, vocês conheceram isso? Tinha favela aqui?

Não, a favela existe, a única coisa que mudou, não se fala favela, se fala comunidade. Mas antigamente eles mesmo, “onde ce mora?” “ah moro ali na favela” “na favela não sei o que, favela x, favela z”. Hoje não, hoje não se fala favela, se fala comunidade. Porque é uma comunidade. Hoje a visão é outra.

Cris: Não pode ficar falando favela. Tem que falar comunidade.

Ah porque não existe mais essa palavra “favela” na verdade, agora é comunidade. Porque não tem, é.. mudou muito. Não tem nem assim... Se você entrar hoje lá dentro, tem uma coisa totalmente diferente. As casas são todas construídas, tudo alvenaria, tudo bonitinho, entendeu? A pessoa tem o seu relógio de água, seu relógio de luz. Então assim ó, ó a diferença.

Cris: Tem uma certa ordem.

Cê tem duas escolas próxima, cê tem mercado próximo, cê tem UBS praticamente dentro da sua casa.

Renata: São 3 escolas.. É o Artigas, Quintanilha e Frade Monte

É mas se vc ver, ó. Aqui nós temo uma escola, aqui tem outra. Meu, aqui no bairro tá ótimo!

Cris: O Promissão aqui tá rodeado de escolas.

Você tem mercado, você tem ó, se você subir ali ???

Cris: A única coisa que a gente precisaria melhorar mais é as condições aqui dentro. Recursos aqui dentro né?

Renata: Aqui dentro da UBS?

Cris: Isso. E ter um banco, que faz falta pra nós, moradores.. Um posto policial... Seria muito bacana se tivesse essas pequenas coisas assim. No meu ver. Desculpa Sonia, a entrevista é sua e eu to dando ??

Sonia: Não, pode falar! Não, mas é conhecimento, porque assim, é como, você nasceu e se criou. Eu não, eu já cheguei aqui em 88

Cris: Não, eu nasci e fui criada aqui

Sonia: Você tem uma visão bem maior. Você é bem mais segura do que tá falando.

Renata: Aí antes, ô Cris, cê lembra como que era isso aqui antes de existir UBS? Ia pra onde, por exemplo, não existia UBS nem aqui nem lá em cima na Pau do Café. Aí ia pra onde, como que era isso?

Cris: Ó, eu vou falar na linguagem do povão. To falando o que o povo fazia e minha mãe também fazia. Passava-se no posto lá em cima, quando era lá no Promissão, lá no Centro Cultural antigamente, passava. Quando não tinha médico, era o farmacêutico Senhor Ferraz. Farmacêutico muito antigo aqui na região, muito conhecido, e ele automedicava os pacientes. E depois ia pro pronto socorro, que é o Sancil. Conhecido como Sancil hoje. Assim, um pouquinho do que...

Renata: De como era.. E como que a população aqui, Cris, do que eles mais sentiam falta?

Cris: De atendimento né?

Renata: Não, então, saúde. Educação era tranquilo?

Cris: Educação sempre teve.

Renata: Habitação, foi a parte de esgoto que ???

Cris: Habitação e saúde.

Renata: Era o que mais pegava?

Cris: Era o que mais pegava. E saneamento básico né porque as ruas, antigamente, as ruas era de barro isso aqui era tudo de barro. Então só tinha a principal aqui. A principal, Getúlio Vargas, Prudente de Moraes e Afonso Pena aqui. Aonde que passava o ônibus, o caminho do ônibus. Então assim, mudou, melhorou-se muito, que nem a Sonia falou, melhorou-se muito. É claro que a cada dia a gente tem que melhorar ainda mais. Mas a gente, perto do que a gente já passou, a gente evoluiu muito bem.

Renata: Gente, eu sei que cês não são da equipe preta. A Sonia disse o seguinte, sabe os dois predinhos lá? Ela falou sobre isso e sobre o tráfico de drogas aqui no Promissão.

Cris: É grande.

Renata: Então, eu queria por exemplo, eu sempre trabalhei aqui dentro e nunca tive noção do tamanho que é esse tráfico.

Cris: Totalmente, é... Vou ser sincera com você. A droga tá dominando, infelizmente, tá dominando a situação.

Renata: E assim, as ACS têm acesso livre. Eles não barram..?

Cris: Acesso livre. Pelo contrário, eles são muito educados com nós ???? To mentindo, Sonia?

Sonia: Não. Eu mesma nunca tive problema.

Cris: Se eles tiver fazendo as vendas deles e a gente tiver passando, eles “pessoal, deixa as moças passar, as moças do postinho”, é assim que eles falam. Não sei se na área da Sonia é assim, pelo menos na minha área é assim. E eu acredito que na área da Sonia também seja assim. Bom, desculpa Sonia eu vou pra lá que.. Desculpa atrapalhar sua entrevista.

Renata: Brigada Cris!

Sonia: Ce ajudou

Renata: Ce ajudou, Cris, muito obrigada.

Sonia: Que tem coisa unidadeque é assim...

[conversas sobre a]

Renata: Aí ela falou que usava a Associação pra fazer os encontros, Sonia, cê é dessa época?

Sonia: Não, aí eu já não sei.

Renata: E isso que ela, por exemplo, que ainda nem tinha a Ubs era pequena, que era praticamente uma casa.

Cris: Aí essa parte eu já desconheço. É que eu entrei aqui em 2008.

É, mas aí deve ser do tempo dela, lá atrás, isso aí deve ser muito bem lá atrás né.

Cris: Eu to te relatando alguns relatos ...

Renata: Que você conhece, né, Cris.

Cris: Do que eu conheço e como moradora! Agora, como Agente de Saúde

Renata: Que ano cê entrou, Cris:

Cris: 2008

Renata: Ah lá, acho que foi em 2008 que dividiu tudo então.

Cris: 2007 teve o início do PSF I, o II e os demais.

Renata: Todos né, são 6

Sonia: Não, o I já era implantado.

Cris: Não, o I e o II já tinha. Os demais PSF foi a partir de setembro de 2007.

Renata: Brigada, tá, Cris?

Cris: de nada

2º áudio

Sonia: Só tinha o Samcil, era para tudo e se eu não estou enganada, não sei se existia o hospital infantil também, se eu não to enganada, na época também já tinha ginecologista, pediatra dentista. Assim não sei, não lembro de psicólogo, não lembro quando chegou psicólogo

Renata: Eu também não lembro o ano que a Sonia falou, mas entrou saúde mental só depois, com uma secretaria de saúde a Sonia, ela falou que a secretaria foi muito atenciosa nessa parte, aí entrou com psico e fono

Sonia: Você tá vendo que já começou a melhorar? Já começou a melhorar ai, porque não tinha saúde mental, ja entrou a saúde mental, já entou a fono ne

Pq com certeza é uma coisa que naquela época já precisava

Eu acho que assim, se você ver hoje é a parte que é mais das pedidas é a parte do psicólogo, do psiquiatra do social

Renata: Você sabe se além da UBS da parte de saude, do crescimento do psf falar alguma parte de social

Sonia: do social, o social sempre trabalhou junto né, o serviço social sempre esteve presente, sempre, pq tudo que era parte social, a procura sonia do social, tudo tinha que passar pela social

mãe que não trouxe criança, chama o povo do social

Renata: ah ela falou disso, tudo, tudo, tudo era do social, ah lá vem o povo da sonia

Sonia: tudo era social, uma criança que não consegue vaga na escola

ela tem esse conhecimento porque assim, era uma coisa muito solicitada ne

tudo ia pro social,

Renata: a mulher tem um conhecimento, é um conhecimento ambulante aquilo ali

Sonia: é porque só tinha ela, mão tinha outra coisa, tudo que rodava ia pro social, não tinha como, social, social em tudo, não tem como, não tem como não ter assistência social.

Renata: So, você lembra de como era, aquela parte da habitação que eu falei, certo, as pessoas vinham e tavam comprando os terrenos aqui, aí você lembra de alguma coisa, de como foi dividido isso

Sonia: Essa parte da divisão, como que entrava... o que sei é o seguinte as pessoas que vão pra invadir, sempre vão na calada da noite, enfia um pau de madeira, ele fala que esse pedaço de terra é dele e pronto. tem aqueles que chega e pega o melhor pedaço de terra, melhor pedaço do terreno.. tem aquele que só vai pra pegar o pedaço do terreno, ele determina esse pedaço de terreno aqui e ele nem vai usar, só pra vender para ganhar dinheiro em cima

Renata: Só desde quando você tá aqui, esse negócio de tráfico de drogas, tô te perguntando disso, porque a sonia falou muito disso quando as pessoas era mais simples, já existia Sonia, a quantidade sônia, antes tinha menos bandido e agora é mais?

Sonia: essa parte aí acho que sempre teve, porque sempre teve e só vai aumentando só vai aumentando cada dia mais aí entra um monte de coisa, falta de emprego, estímulo , problema familiares e por ai vai, é um conjunto de tudo né

Renata: e assim, a UBS, a ubs igual você falou tudo chegava aqui, tudo que é social caia

Sonia: até hoje vai primeiro pra cá, as vezes não consegue distinguir, porque se ele quer uma informação ele vai aonde, vai na ubs

ah queria saber como que eu faço, pro meu filho passar com a psicóloga, ah sempre eles vão correr aqui, porque eles tinham aqui assistência social, então você vai atrás da assistência social

Renata: tudo era ela..

Sonia você lembra alguma coisa sobre CRAS, você lembra alguma coisa que a população invés de vir aqui, ia direto lá

Sonia: Aqui quando abriu primeiro foi um banco, era um banco, depois virou o CRAS, ai foi quando veio o Bolso Família, ai cada bairro ia ter um CRAS e aí tinha o nosso, daqui da região, que era pra ver essa parte aí das coisas sociais, na verdade era um trabalho voltado pro social, o cras era isso, era um trabalho voltado pro social eles que iam atrás do pessoal, depois que vieram os agentes de saúde, que vieram atrás tudo era eles, aí depois que descobriram os agentes de saúde, tudo era eles

1.3 Entrevista com Dona Geni e Rosângela

Entrevista de Renata (Re) com Rosangela (Ro) e Dona Geni (G):

Acesso à entrevista em: <https://photos.app.goo.gl/ZcD9CspnLpp49eMF8>

Início da transcrição do Murilo

Re: Então agora a gente vai conversar com a Rosangela e a Dona Geni, moradoras do Promissão, do Jd. Arco-Íris, da Rua Mozart, nº95. Elas vão explicar quando elas chegaram aqui, que ano e como foi a vida delas no Promissão. Vamos lá. Que ano vocês chegaram?

Ro: Eu acho que foi em fevereiro de 64, porque pelo que a mãe fala, eles vieram de São Bernardo pra cá, compraram o terreno e vieram pra cá, só que aqui tinham poucas casas, dava pra contar nos dedos, só que não tinha luz, não tinha água, não tinha esgoto, não tinha asfalto, não tinha nada. Era muito difícil né porque, pra pegar um ônibus, não tinha, só tinha asfalto lá na parte de cima lá do Promissão. Aqui nessa parte do Arco-Íris não tinha, não tinha asfalto, então não entrava carro, não passava ônibus, não passava nada.

Re: Aí, Rô, quando você era bebê, criança...

Ro: Isso quando a mãe chegou, mas isso aí durou muitos anos, a prefeitura não se importava em asfaltar rua, pra colocar luz, colocar água, asfalto, demorou. Eu já era grande, com uns sete ou oito anos quando começaram a colocar as pedras na rua, começaram a tratar o esgoto, a água, a luz. A mãe usava a mina pra lavar roupa.

G: Ali embaixo tinha uma mina, a gente lavava ali, e usava água dali.

Ro: A água não era tratada.

G: Não era tratada não.

Re: O esgoto também não?

Ro: Não, era a céu aberto.

G: A gente lavava roupa assim, no batedor, igual antigamente, de madeira, e aí pegava a água com uma bacia, enchia d'água e molhava a roupa e taca no batedor, batedor, batedor... (risos). Aí já tinha o mato né, já estava ali né, a roupa estava ali, aí depois deixava um tempo, aí depois a gente pegava, batia de novo e torcia, trazia pra casa, e pra usar em casa também tinha que carregar água de lá.

Re: Certo. Aí essa água não era filtrada, era do jeito que vinha da mina?

G: Não era tratada, era do jeito que vinha...

Ro: Em casa tinha que ferver e tratar em casa pra beber, né.

G: Ou então coar no paninho, né, que às vezes tem aqueles bichinhos de rabinho, sabe? Então tinha que coar no pano pra depois usar. Agora pra tomar banho não, ia ferver, não tinha chuveiro, tinha que esquentar água pra tomar banho de bacia né, [ininteligível] em questão de saúde, não tinha posto aqui no Promissão, então a gente ia na Piraporinha. Atravessava pelo Casa Grande naquele mato, tinha um mato né, e o pessoal usava pra passar pra chegar na Piraporinha, então a gente passava por ali e ia no posto. Você não lembra do posto lá?

Re: Isso, a UBS do Piraporinha é aquela UBS que fica lá do lado do terminal.

Ro: Isso, aquela mesmo.

G: Daquela pracinha.

Re: Aí vocês andavam daqui até lá?

G: Até lá. Não tinha condução naquele tempo.

Re: Ia tudo no passo até lá?

Ro: Tudo na canela.

G: E carregando criança! E aí, não sei depois de quanto tempo, fizeram o posto aí no Promissão. Você lembra?

Ro: Não, não lembro.

Re: Não, eu sei que a Sonia chegou em 1987, e já existia o posto.

Ro: Então, mas você vê, o posto aí era pequeno, mas tinha que atender todo mundo. Só tinha o posto, o pronto-socorro e o Hospital São Lucas, único hospital que tinha era esse.

Re: São Lucas era onde?

Ro: Era no Diadema, pra lá do lado das casas da Marisa. Aí tem uma entrada assim, ainda tem lá até hoje.

Re: o HM e o Samcil foram feitos quando?

Ro: O Samcil tem também há muito tempo. O São Lucas é mais velho.

Re: Ah, primeiro foi o São Lucas, aí lá que atendia toda a população de Diadema.

Ro: Lá e no pronto-socorro de Diadema. O pronto socorro naquela época era encostado onde é o quarteirão. Não tem aquela ladeira subindo assim? Então, antigamente era ali o pronto-socorro. Lá em cima, aí subia aquela rampa assim pra lá em cima.

Re: Tudo a pé?

Ro: tudo a pé. Quando a gente precisava ir tinha que cortar o mato até lá no centro.

Re: Aí gente, aqui era tudo casa de madeira?

Ro: Tudo de madeira.

G: Tudo barraco.

Re: Aí igual vocês falaram que eram poucos barracos...

Ro: Era pouca gente, dava pra contar nos dedos as casas. A mãe lembra quantas pessoas tinham, por que eu já não lembro. Eu sei que na minha época já tinha mais. Assim que ela veio pra cá eram menos casas né, era muito mato, não tinha assim a rua né, era tudo mato, então cada um tinha que limpar o seu terreno e fazer a sua casa.

G: Tinha os lotes de terreno, mas só tinha o lugar de passar, mas era sem asfalto, sem nada. E poucos moradores. Aí depois, conforme o povo foi comprando, foi limpando e construindo né, aí num instante formou o Arco-Íris, mas era puro mato aqui. Pra ir no Marilene, você passava dentro do mato (risos).

Re: Uma trilha né?

Ro: Uma trilha de mato que as pessoas iam passando e amassando e formava um trilho no meio do “mataréu”. Pra gente ir pra escola era a mesma coisa. Tinha que passar dentro do mato. Eram poucas casas lá no Marilene. Aquela parte que tem o açougue e o Santiago, ali, era tudo aberto, aí tinha um campo de futebol embaixo, aí era aberto e o pouco que tinha de casa era barraco. Aí tinha aquelas vendinhas como no interior. Não era igual agora que tem supermercado, Atacadão, tem Uber...

Re: Comércio, loja...

Ro: Não, era tudo na canela. Loja não tinha.

G: Não tinha nada:

Ro: Não tinha negócio de loja, de roupa por aqui não, e nem negócio de comprar carne, frango. Frango tinha que comprar vivo pra você matar em casa.

G- Como é que chama aquele lugar mesmo? Era longe. Pra você comer um frango, vixi... você tinha que andar e ainda trazer vivo pra comer, matar em casa.

Ro: Era no Portinari né.

Re: Vocês tinham que ir até o Portinari?

G: Tinha uma avícola.

Ro: O cara criava galinha assim, à solta.

Continuação da entrevista anterior

Início da transcrição do Christian

Ro: Ai o cara criava galinha e você falava assim “eu quero aquela lá”, aí ele ia lá com um gancho e catava, amarrava as pernas e você trazia inteiro vivo pra matar em casa, limpar e cozinhar. Não é que nem agora “Nossa, vou comprar um filé de frango”.

Re: Não tinha já força, geladeira?

Ro: Não tinha eletricidade

Re: Era tudo no lampião?

Ro: Era tudo no lampião e vela. Não tinha eletricidade, Renata. Não tinha água encanada. Não tinha asfalto. Não tinha nada dessas coisas. Era interior mesmo. Depois que foi evoluindo, né? Não tinha mercado, nada desses luxos que a gente tem. Não falei para você que pra buscar frango tinha que ir ali embaixo? Era o lugar mais perto que nós tínhamos. Não tinha igreja. Para ir para os lugares, nós “cortava” o mato aqui, na canela e chegava lá onde tem aquela santa grande. Então, lá eles celebravam a missa de domingo. A minha mãe fechava os barracos e nós íamos tudo a pé. Não tinha ônibus. É igual passa na TV naquele tempo do interior em que a turma andava de carroça. Tudo a pé, chegava com as canelas tudo cinzenta, mas “nóis” ia.

Re: Ro, você lembra, mais ou menos, em que ano foi chegando essa energia que trouxeram para cá?

Ro: Eu não lembro Renata. Eu ainda era criança.

G: Eu sei que demorou

Ro: Eu tinha mais ou menos uns 10 anos. Tem que fazer as contas

Re: A senhora chegou aqui em que ano?

Ro: 64

Re: 64 mais 10, então em 74

Ro: Quando o Naldo nasceu, já tinha eletricidade, né? Porque eu lembro que aí depois a minha tia deu um Tv pra gente, era a nossa alegria, porque antes não podia, nem rádio. Quando a mãe ouvia rádio a gente tinha que fazer silêncio, senão ela não ouvia. Era novela no rádio. Naquela época a gente não tinha televisão ainda, então ela escutava novela no rádio e não podia fazer um “piu”, porque às vezes a pilha tava ruim e tava baixo o rádio. Agora todo mundo pode assistir na internet essas coisas. Ela viu a parte ruim também.

Re: Ro, quando veio o asfalto e ônibus pra cá em Poeirinha?

Ro: Asfaltaram primeiro lá em cima. O asfalto para chegar aqui em baixo demorou muitos anos. Passavam só na rua principal. Aqui era um barro total. Era barro vermelho.

Re: Ro, a rua principal é aquela que corta...

Ro: É aquela que corta o Marilene e passa em frente do posto. era a que vem do Diadema pra cá. Aquela que pega do posto e pega o Marilene e que vai pro Piraporinha, só a principal.

Re: O caminho do ônibus mesmo?

Ro: Isso, só no caminho do ônibus era asfaltado. O resto ficou muitos anos sem asfalto, muitos anos depois...

Re: então só passava no caminho do ônibus. Ai chamavam de...?

Ro: Poeirinha

Re: Por que?

Ro: Porque só passava ele, lotado. Passava e você tinha que pegar pendurado na porta. Se você não fosse pendurado na porta, você tinha que esperar mais uma ou duas horas no ponto, porque era uma linha de ônibus só. Oh, quer ver? Eu comecei a trabalhar no Piraporinha em 82 e não tinha asfalto nessa época.

Re: 82? Nossa, 40 anos...

Ro: Não tinha asfalto. Porque entrava prefeito e saía prefeito e não asfaltaram as ruas. Aí eu lembro que levava um paninho pra me limpar quando chegava ali em cima, porque quando chovia era uma tristeza. Barro total. Aí eu levava um paninho e quando a gente chegava na rua principal a gente tirava o barro do sapato, porque o ônibus ia lotado. Os outros sujavam você. Porque se você tirasse o pé de dentro do ônibus, você não arrumava lugar pra por de novo.

Re: Ai Ro, só existia aquele ônibus grandão?

Ro: Isso, só a salinha de ônibus. O horário era normal, igual esses de agora. Só que tinha uma linha só. Era o Promissão. Que vinha pra cá era só o Promissão. Ai a gente apelidou de Poeirinha. Porque ele ia lotado e voltava lotado. Demorava pra passar, quando passava... quem pegou, bem, quem não pegou vai na canela.

Re: Aí, vocês primeiro iam na UBS em Piraporinha...

Ro e G: Isso

Re: Vocês lembram quando fizeram essa UBS aqui na Pau do Café?

Ro: O ano eu não lembro não.

Re: Você era pequena, Ro?

Ro: Num é, é que a gente não guarda essas coisas. Eu sei que esse meu irmão que entrou aqui agora, ele é o mais novo. Naquele época quando ele era criança, já tinha. Ele tem 47 anos. Então faz mais de 40 anos que tem.

G: Quando o Nado nasceu, eu levava ele no Piraporinha. Aí depois fez o posto aqui, eu levava ele aqui. Mas ele era pequeno ai.

Ro: Entre 40 e 50 anos

Re: Tem bastante tempo né?

Ro: Tem. Ele funcionou durante muitos anos. Depois, muito tempo... ai que fizeram esse aqui de baixo

Re: Aqui pra baixo, a Sônia disse que veio em 1991 ou 92.

Ro: Então tem 30 anos... porque antes funcionava só lá, que é a biblioteca agora. Era bem pequeno ali.

Re: Não é o prédio que é hoje, né?

Ro: E tinha tudo. Só não tinha farmácia, né? Naquele tempo você tinha que comprar os remédios. Não tinha esse negócio de "Você passa no médico, vai ali e pega o remédio". Não, você passa no médico e se vira pra comprar o remédio.

Re: Gente, um agente de saúde lá do posto falou que tinha um farmacêutico aqui...

Ro e G: Sim, o seu Ferraz

Re: Isso! E que antes de ter a UBS aqui. Ele ia no seu Ferraz e ele que medicava o pessoal.

Ro: Medicou por muitos anos. Ele morreu agora na pandemia, mas a Farmácia Prates era dele e continua ainda na família dele.

G; Era um bom farmacêutico.

Ro: Ele atuou em mais de 40 anos. Muitos anos... ele atendeu a todo mundo. Ele atendeu a mãe. Se a mãe não tivesse passado por ele, ela teria morrido, porque ela tava com um problema no coração e eles não descobriram.

G: Através dele que ela descobriu. Porque ele deu o endereço do cardiologista do Diadema e foi batata !

Ro: Tinha o seu Ferraz e a farmácia dele é a Prates, né? Ainda tem no Marilene.

G: Agora é o filho dele que toma conta.

Re: Ai então ele, antes de ter a UBS, ele que ajudava.

Ro: mesmo com a UBS, ele continuou até há pouco tempo. Ele morreu agora na pandemia, mas até esses tempos, ele atendia, continuou atendendo.

Re: Ah, então, esse homem... foi a ACS [agente comunitária de Saúde] que me falou. Nunca tinha ouvido falar dele.

Ro: Ele ajudou muita gente. Ele tratou do meu sobrinho e meu sobrinho já tem mais de 40 anos. Ele tratou dele quando ele era pequenininho. Ele atendeu por muitas décadas.

Re: Ai aqui, Dona Geni, em alguns pontos do Promissão, a gente sabe que as pessoas foram se alojando, elas não compravam lote. Elas chegavam e se alojavam, montavam a casinha. Ai no seu caso, a senhora comprou o seu lote e montou a sua casinha aqui?

Ro: O dono do terreno aqui do Arco-Íris era o Sr. Nicolau. Ele tinha um barracão que ele atendia aqui no Promissão. Aí ele vendia os lotes, só que alguns lotes ele registrou em cartório, outros não, mesmo comprando dele. Então, até hoje, muita gente não tem escritura. A gente só tem o papel de compra e venda que ele fez. Metade do Arco-íris é registrada em cartório. Mesmo assim, o pessoal tem o contrato de compra e venda. Agora, os filhos não querem assinar em cartório e continua do mesmo jeito.

Re: Então se precisasse, vocês conseguiriam essa escritura?

Ro: Sim.

Re: E o pessoal não quer?

Ro: Não, eles não assinam, eles não querem, Já entraram com ação contra eles, mas não deu em nada.

Re: Certo. Ai a parte igual você fala que vocês iam lá na Sônia e pedia lá pra ela. Ai, Ro, o que que era?

Ro: Eu, particularmente, fui falar com a Sônia poucas vezes. A gente ficava lá só o tempo que a Kimberly tava tratando com a psicóloga (aquela outra Sônia que aposentou).

Re: Ah tá, a Soninha?

Ro: Isso, ela aposentou também. A Kimberly tratou com ela. E quando a Kimberly tratava com ela a gente ficava lá conversando com a Sônia. Mas teve alguns sobrinhos, mais velhos, que já se tratou com ela. A Fabiana agora leva a menina.

Re: O que a menina precisa?

Ro: Ela precisa de tratamento porque ela tem problema. Ela tava se tratando na APAE e deram alta pra ela passar no psiquiatra. Mas até agora não conseguiram psiquiatra pra ela. Ai, de vez em quando, ela conversa com a Sônia. Ela (Sônia) sempre ajudou a Fabiana, porque a Fabiana teve um problema com o marido, porque ele também tem problema. A Sônia até chamou ele pra ir lá conversar com ela, mas ele não quis. Ele tem surto psicótico.

G: acho que a menina puxou pra ele

Ro: Eu, particularmente, não tenho muito o que falar. O pouco que tenho pra falar é isso. Eu sei que ajudou muito a Fabiana. Ela me ajudou assim... dando conselhos. Porque no tempo que a Kimberly era pequena, a Kimberly era muito agitada.

Re: Você que cuidava dela?

Ro: É. Aí eu passava ela com a psicóloga, mas ela não tinha nada. Tanto é que a filha dela é agitada igual.

Re: Vocês sabem de algum caso que precisou da Assistência Social pra casa... transporte..

Ro: Daqui? Daqui não.

Re: O pessoal procurava muito transporte porque aqui não tem, né?

Ro: Então, eu ouvi falar, uma vez. uma senhora nessa época que eu tava com a Kimberly, mas eu nem sei o nome dessa senhora. Ela falou que tratava o filho dela, porque parece que ele tinha problemas com drogas e a Sônia que orientava e dava os vale-transporte para ele tratar o filho, porque acho que ele tem uns surtos também. Às vezes eu vejo ele na rua e vejo ele falando sozinho. Agora ele já é adulto. Eu não sei o nome da senhora, a gente se conhecia na sala né, ela reunia todo mundo e conversava com todo mundo e aconselhava todo mundo.

Re: Ro, fala daquela parte que você me explicou sobre o posto. Antes, todo mundo tinha que ir lá e depois passou aos médicos irem para a rua.

Ro: Então, naquela época não tinha essas coisas dos médicos fazerem visita domiciliar, né? Aí a gente que tinha que ir até eles. Não tinha nem os agentes de saúde. Só tinha os médicos e as enfermeiras. As enfermeiras atendem dentro do posto e os médicos também. Depois que você passava, você comprava o medicamento. Não tinha esse negócio, igual hoje em dia, de “você precisa de um dipirona e tá com a receita, vai lá no posto que tem”. Igual o remédio de pressão, eu e minha mãe pega lá na farmácia com a receita do posto. Naquela época você tinha que comprar, você tinha que se virar, você tinha que arcar com os custos da condução para levar o doente. Não é igual agora que tem ambulância e SAMU. Naquela época era difícil, não tinha ambulância pra entrar nas estradas de terra. Não tinha como, você tinha que se virar. Minha mãe foi de caminhão pra ter meu irmão, ela foi até lá em cima.

G: Eu fui a pé até o açai. Peguei o caminhão pra ir.

Ro: Foi uma carona ainda. Não entrava ônibus e nem carro naquelas estradas. A rua era de terra e esburacada.

Re: E aí você foi no Samcil?

Ro: Não, foi no São Lucas.

Re: Eu pensei no Samcil porque é pertinho.

Ro: é o mais perto, mas não tinha ainda. Ter, podia até ter, mas não atendiam gestantes.

Re: Certo

Ro: hoje em dia você chama um Uber, né?

B: Na hora da dor, o importante é alguém te socorrer. O pior era quando o caminhão era alto, como que fazia pra subir com dor? (risos)

Re: Olha, quando vocês chegaram e não tinha nada praticamente. Vocês, por exemplo, sabe o CRAS que existia do lado da UBS, você já foi lá?

Ro: No CRAS? Não.

Re: Que era do lado da UBS...do lado do Poli?

Ro: Não, fui uma vez só.

B: Nunca fui.

Re: E a escola? Como que era?

Ro: A escola era de madeira. Era aquela do Marilene. Só tinha aquela, era a mais perto. Aí começava já na primeira série não tinha essas coisas de pré. Entrava com 7 anos. E ia até a oitava série, não tinha outra. Aí depois de alguns anos que fizeram o Quintanilha, aí no Quintanilha coloram até a oitava. Aí depois, lá pro Vila Nogueira, que foram colocando outras escolas. Ai que foi colocando colegial. Naquele tempo a gente falava colegial, né? Ai que colocaram do primeiro até o terceiro do colegial, mas eu não cheguei a fazer. Eu só fiz da primeira até a oitava. Agora tem, antes não tinha. Só tinha até a oitava série.

Re: E comércio? É aquilo que você explicou da galinha, né?

Ro: É... e tinha aquelas vendinhas antigas que vendiam a linguiça, o pão, a mortadela, o feijão com arroz. Ai a mãe e o pai faziam a compra assim.

Re: Ai, aqui, a Rua Mozart virou uma rua, certo? Mas eu ouvi que aqui nessa parte tinha muita viela.

Ro: Vuela não tinha

Re: Aqui nessa parte não? No Arco-Íris..

Ro: Porque esse meio aqui onde você vê essas casas que tá com as quadras, não tinham casas aqui. Era um buraco, era uma vala pra falar a verdade.

G: A gente pegava água ali.

Ro: a mãe lavava roupa ali. E eram uns buracos, tanto é que o pessoal enchia de lixo ali. Muito depois que veio o aterro. Aí aterraram tudo, aí o pessoal aproveitou e invadiu. Porque só tinha casa desse lado e outro lado, que é a Beethoven. Nesse meio não tinha. Era vazio. Tinham as minas que o pessoal pegava a água e era isso. Mais para cima, fizeram uma vala, onde tem uma quadra. Era onde o pessoal jogavam lixo. Porque não tinha coleta de lixo naquela época. Muitos anos depois que começaram a asfaltar e fazer a coleta de lixo. Ai aterraram, fizeram o aterro ali. Ai que o pessoal começou a usar ali pra fazer as casas.

G: Creche também não tinha...

Ro: Não tinha creche, escolinha... não tinha nada.

Re: E tinha pouca coisa. Tinha só a Prates, a farmácia?

Ro: A Prates era bem do lado de cá e era bem pequena.

Re: E só tinha ela?

Ro: Só tinha ela. Por aqui, só. Ou então lá no centro de Diadema. Lá no Piraporinha, que tava começando. O Piraporinha que também era pequeno.

Re: Ai assim, vocês usavam mais o Piraporinha do que o centro de Diadema?

Ro: Não. A gente usava mais o centro por conta do pronto-socorro e por causa do São Lucas.

Re: Ah, usava mais o centrão?

Ro: Isso

Re: E vocês tinham que ir a pé até lá, né?

Ro: E dentro do mato, chegava lá com a canela toda raspada. A gente se acostuma com tudo.

Re: Eu não conheço o São Lucas. Eu só fui de ônibus até o centro. Pra lá, eu não conheço.

Ro: Agora tá tudo diferente, né? Você pode falar que tem tudo. Por aqui, também,. Chegou até a passar ônibus, mas eles tiraram por conta do pessoal que tem carro, porque eles deixavam o carro na rua.

Re: Ah, então é por isso que a rua era praticamente fina?

Ro: Isso. Chegou a passar ônibus e era bom pra gente. Um dia pro Diadema e outro ia pro Piraporinha, mas por causa dos bacanas que têm carro e fica na rua, tiraram. Disseram que tava dando muito acidente. Ai pra pegar ônibus, a gente tem que ir até lá em cima.

Re: Isso mesmo. Lá na Pau do Café, né?

Ro: Isso

Re: E é uma subidinha, né?

Ro: É. A mãe mesmo não aguenta mais. A mãe só sai de casa de Uber.

Re: Ah, e vem cá. Aqui é muito perigoso?

Ro: É. Já foi mais. Depende da época, porque tem época que tá cheio de gente fazendo as coisas erradas. Todo lugar é perigoso. Mas aqui, o pessoal tem medo do Gazuza que é aqui perto. Porque tem muito roubo lá. Aqui ninguém mexe com a gente .

[Transcrição do Áudio/Vídeo de 4:41]

Ro: [...] do mato ali, aí pegaram e começaram, porque muita gente não tinha onde morar. Aí foram invadindo, foram cortando mato e invadindo. A Polícia tentou impedir, mas não conseguiu. O pessoal chegou até apanhar, mas não conseguiu tirar o pessoal.

Muitos ficaram, outros saíram, outros entraram. Hoje todo mundo tem casa, escola. Tem tudo lá, tem linha de ônibus.

G: Antes era tudo barraco

Ro: Agora tem tudo lá. Tem escola, tem igreja, tem linha de ônibus. Dentro do Gazuza.

Re: Me explica uma coisa pra eu entender, que às vezes fica um pouco confuso na minha cabeça. O Gazuza é a ocupação, certo?

Ro e G: Isso

Re: Certo. Vê se eu estou errada. Lá pra baixo no Gazuza, vai dar na Imigrantes, é isso?

Ro: Tem uma parte que dá. Tem uma parte lá de cima que dá perto do Imigrantes.

Re: Certo. Qual que é, eu também não conheço lá no fundão...

Ro: Nem lá no fundão eu também não conheço.

Re: Ah tá, até o fundão..;

Ro: Eu sei que é feio ali.

Re: Eu tenho medo de lá. Eu também nunca fui.

Ro: Eu fui um tempo desse, porque uma conhecida nossa mora pra lá. Ela foi comprar casa justo lá. Dá medo de entrar ali, porque tem gente mal-encarada. Você vai passando e eles vão te encarando. Então eu fui uma vez só. Antes não, antes quando começou o pessoal queria um lugar pra morar, não pra fazer bagunça.

Re: Sabe a associação que tem ali perto?

Ro: Sei

Re: Então, uma vez tinha que ir até a associação, porque a reforma da UBS eles passaram pra lá. Aí eu lembro que eu ia até lá com medo e com o crachá no peito (risos)

Ro: Ai ninguém ia mexer com você, né?

Re: Isso, com o “crachazão” no peito e ninguém ia mexer comigo, mas só por isso só também.

Ro: Não, mas geralmente eles não mexem com quem eles conhecem. Igual aqui, ninguém nunca mexeu com a gente. Os rapazes ficam ali fumando droga, bebendo, passa a noite. Mas você pode passar pra lá e pra cá e eles não mexem com você. De jeito nenhum. Não entram na casa da gente. Por aqui, eu não ouvi falar que eles entraram na casa de ninguém.

Re: Ai Ro, essa coisa de droga. Eu sei que sempre existiu...

Ro: Escondido, né?

Re: Isso. Aqui no Promissão, onde é que é pior?

Ro: Então, eles falam que é pior aqui no Gazuza e lá no Pombal. Diz que ali...

Re: Onde que é o Pombal? Eu não sei...

Ro: Do outro lado da passarela, ali em baixo tem uns predinhos, uma favela. Ali chama Pombal. Lá rola baile funk. Aqui no Gazuza também. Diz que ali é ruim, diz que ali direto a Polícia tá lá. É muita bagunça.

Re: Eu nunca ouvi falar Pombal, eu nunca ouvi falar.

Ro: Então, é ali pra baixo, do outro lado. Não tem a passarela ali em baixo?

Re: Tem

Ro: Então, ali no outro lado da passarela.

Re: Ah, mas lá não é mais Promissão, né?

Ro e G: Não

Ro: Aqui é. Então, aqui eles não consideram Promissão. Eles falam “a gente conhece aqui como Arco-Íris”. Agora começam a falar que aqui é Casa Grande.

Re: É, mas tudo virou Casa Grande e Vila Nogueira, né?

Ro: É, então, diz que tudo virou.

Re: Mas é separado: o Arco-íris, Gazuzza e o Portinari. Mas agora eu vi, todo mundo fala que é Vila Nogueira e Casa Grande.

Ro: Antes aqui num era não. Aqui era Arco-íris.

1.4 Entrevista com Sr. Vicente

Entrevista do Sr. Vicente, realizada e gravada por Renata.

Começo da entrevista na pasta:
https://drive.google.com/drive/folders/1LzMYYSL_CSn0wWs-uzvPaOho6iJuXcI?usp=sharing

Acesso à entrevista em: <https://photos.app.goo.gl/T9DYiy6SxjbsLgf7A>

Início da transcrição de Murilo

R: Hoje a gente vai conversar com o Sr. Vicente, que tem 73 anos e chegou aqui no bairro com 25 anos. Hoje ele mora na Rua Bach, número 45. Aliás, ele mora nesse endereço desde quando ele chegou.

V: 1973

R: E como foi, Sr. Vicente?

V: Ah, naquela época lá o nosso prefeito era o Lauro Michels, o avô do Lauro Michels [Lauro Michels Sobrinho], o avô.

[Nota: Lauro Michels é tio-avô do prefeito anterior de Diadema, Lauro Michels Sobrinho].

A gente comprou o terreno naquela época, aí apareceu outro dono. Aí naquela época eu tive que ir no Nogueira pro Nogueira poder comprar o terreno pra mim poder ficar, porque eu tava com dois anos que eu tava pagando. Aí eu fui no Lauro Michel, conversei com ele, que é o Vô do Lauro Michel, ele já morreu né. Aí ele foi e falou “não, senhor, o senhor comprou o terreno, vai ser do senhor”. Aí o dono do terreno chegou lá com a escritura, mais a mulher, polícia, tudo... aí fui lá, conversei, [contei que eu fui no] Joaquim Nogueira, Joaquim Nogueira, o Joaquim Nogueira pegou e comprou o terreno, pagou à vista e falou “o senhor fica lá”. E tô lá até hoje, graças a Deus. Só que ali naquela época era só chão, não tinha nada, só era mato. Eu mudei lá no meio duma mata fechada. [não entendi], tinha bastante gado lá, cabrito, porco, carneiro, tinha de tudo lá. E a rua não era uma rua assim de terra, era cheia de mato, só tinha um trilhozinho nessa época. Não esqueço como hoje, eu plantava cada abóbora grandona, bonita... Então naquela época a gente ia no postinho, eu levava meu neto no postinho

R: Em qual?

V: Aquele lá em cima, antigamente era lá em cima.

R: Antes disso, Sr. Vicente, onde vocês iam? Antes de existir esse postinho

V: Em lugar nenhum

R: Não ia no médico?

V: Não, não tinha

R: O primeiro terreno o senhor lembra de quem o senhor comprou?

V: Não, não conheço não

R: Foi do Sr. Nicolau?

V: Era do Nicolau o terreno, e o Joaquim Nogueira me vendeu, e o dono mesmo era de São Caetano, aí nós fomos no Joaquim Nogueira, a polícia foi junto, porque homem ficou cismado de mim e levou a polícia, levou tudo pra lá. Aí nós fomos no Joaquim Nogueira, chegou lá, o Joaquim comprou o terreno à vista. Ele falou “não, eu vendi o

terreno pra ele”, ele falou “mas o terreno é meu”, ele falou “mas agora ele não pode sair que ele já construiu lá”, ele falou “não, eu vi umas *teia [telhas, provavelmente]* lá”, aí eu falei “não, mas é minha, é um barraco mas é meu”. Eu tinha furado um poço, puxado luz, tudo. Aí ele foi e falou assim: “eu dou 24 horas para o senhor mudar” , e eu falei assim: “e eu dou cinco para o senhor sair daqui” (risos). Aí nós conversamos, aí eu falei assim: “meu senhor, o senhor assina o contrato pro Joaquim Nogueira e ele segura o contrato e a escritura, e quando eu pagar pro Joaquim Nogueira, que eu terminar de pra imobiliária, ele me devolve os papéis e eu vou no Nicolau pra ele fazer o registro da escritura”.

R: Ah então o senhor tem a escritura de lá

V: Tenho, tenho escritura

R: O Sr. Nicolau era o homem de São Caetano?

V:Não, o Sr.Nicolau era da nossa região.

R: Ele era daqui? Ele que vendia os votos?

V: Ele que vendia

R: Certo.

V: Aí o Joaquim Nogueira comprou o terreno, pagou à vista, aí eu fiquei morando lá, aí quando eu terminei de pagar assim [gravação interrompida]

Áudio seguinte:

R: Sr. Vicente, vê se eu entendi direitinho: O senhor chegou aqui e comprou um terreno do Sr. Joaquim Nogueira. Certo?

V: Certo

R: Quem vendia os terrenos como corretor de imóveis era o Sr. Nicolau. É isso?

V: Ele [Sr. Nicolau] que era o dono, e quem vendia os terrenos era Joaquim Nogueira.

R: O Joaquim Nogueira que era o corretor então?

V: Ele que era o corretor.

R: Aí o Sr. Antonio da Silva é o que veio de São Caetano dizendo que era o dono do terreno. Foi assim?

V: Certo.

R: Aí esse Sr. Antonio da Silva chegou e disse que tinha escritura do terreno, mas foi o Sr. Nicolau, por intermédio do Joaquim Nogueira que vendeu pro senhor?

V: Isso, e a escritura que era do Sr. Antonio da Silva veio na mão do Joaquim Nogueira. Quando eu terminei de pagar, o Joaquim Nogueira pegou a escritura e passou pro Nicolau. Sr. Nicolau que colhia as escrituras do terrenos que vendia, se desse problema, que nem deu. Você entendeu?

R: Agora eu entendi. O Sr. Antonio então falou que tinha a escritura. Aí ele passou essa escritura pro Sr. Nicolau. O senhor comprou do Sr. Nicolau e o Sr. Nicolau deu uma escritura pro senhor.

V: Isso. Aí, nesse intervalo, ele tava doente no Samcil. Naquela época no Samcil tinha bastante convênio, e eu tinha convênio no Samcil também. Aí, o que aconteceu, eu trabalhava na Trorion naquela época. Aí o que que aconteceu, o Nicolau tava de cama, passando mal, aí fui lá, conversei com a filha dele e com a esposa dele. Falei “eu preciso do Sr. Nicolau”. Ela falou “respeito”. Eu falei assim “Eu quero que ele assine os papéis. Se ele não puder vir, eu vou lá, a senhora vai junto comigo [pra vermos] pelo menos se dá pra ele assinar o papel lá no hospital mesmo, [por] que eu já fui lá no cartório, já tá registrado todinho, só precisa da assinatura dele”

R: Do Sr. Nicolau

V: É, e ele assinando, a minha escritura já fica liberada.

R: Só que aí ele precisava assinar, Só ele estava no hospital.

V: Tava no Hospital. Aí ele já tava com 6 meses que ele tava internado. Aí falei com a filha dele e ela falou assim “eu vou com o senhor lá. O Senhor já tá com os papéis em mãos?”. Falei “tá tudo em mão”. Aí marcamos uma hora e nós fomos. Pedi saída na feira e nós fomos. Chegamos lá ele tava lá, abracei ele, nossa, eu gostava muito dele, abracei ele [trecho ininteligível] e contei a história pra ele todinha, ele falou assim “os papéis estão com o senhor?”, eu falei assim “estão”, aí entreguei, ele assinou, aí ele falou assim “agora o senhor leva no cartório pra registrar de novo por que eu assinei [trecho ininteligível]. Aí tornei a levar no cartório de novo. Aí isso foi que nem hoje, ele tava bonzinho, quando foi amanhã ele morreu. Mas [parece que foi] só pra modo de fazer mesmo a escritura. Tem muita gente ali que não tem escritura mais disso daí.

R: Porque o Sr. Nicolau faleceu e não deu tempo de ele assinar as escrituras.

V: Ficou as filhas, a mulher, mas ninguém... Sabe pessoa que incomoda? Senta e esquece do mundo? Assim que eu terminei [de pagar], corri atrás. Falei assim “acabei de pagar? O terreno é meu?”, fui na escritura e falaram “agora é do senhor, o senhor pagou, agora tá certo”, e eu falei: “eu quero a escritura”. E corri atrás.

R: Certo. Aí, Sr. Vicente, onde que entra o Lauro Michels nessa história?

V: O avô do Lauro Michels?

R: O prefeito, isso, o avô dele.

V: Ele entra na planta da casa

R: Quando o senhor foi construir?

V: Isso, quando fui construir. Aí ele entra com a assinatura dele. Ele andava lá no meio de nós, arregaçava a calça, andava de calça arregaçada no meio da rua, ia lá em casa tomar o meu café. Na minha casa não é... você não foi lá ainda né?

R: Não, eu não conheço lá.

V: Mas uma turma daqui já foi lá. A Sueli já foi lá em casa. Quando a mulher morreu [esposa do Sr. Vicente, provavelmente] elas foram lá. Então, aí ele ia lá em casa, tomava um cafezinho, sentava lá, conversava: “qualquer coisa que o senhor precisar, o senhor me avisa”. Nesse caso ele entrou na época que eu fui fazer a planta da casa. Aí o advogado da época, o Milton Capel, não sei se você conhece o Milton Capel, de Diadema.

R: Não

V: Ele é vereador e advogado. Aí ele que fez a planta pra mim. Aí nós fomos lá, aí o Lauro Michels assinou, beleza toda.

R: Então nessa época o senhor morava na casinha de madeira que o senhor construiu. Aí o Sr. Lauro Michels entrou e ele que ajudou a formar a planta da sua casa. É isso?

V: É. Isso.

R: Certo, e até então, conta pra mim, quando o senhor teve seus filhos, o senhor disse que não tinha onde levar as crianças, eles não iam no médico?

V: Não, nós ia no médico, mas ia lá no Samcil.

R: Antes do Samcil, o que existia, Sr. Vicente?

V: Antes do Samcil? Eu lembro de uma casa lá de madeira

R: Lá onde?

V: Sei lá, do lado do Samcil, por aí, tinha uma casa, tinha uns médicos que atendiam a gente ali. [pausa]. Não, nessa época já tinha o Samcil. Tinha por que eu levava os meninos lá. Nessa época já tinha o Samcil. Só que era bem pequenininho. Não era *graaande* igual agora, aquele prédio. Ele era pequeno, era um tipo de um barracão. A padaria do “São da Vila” (ou “São Dávila”, a padaria não existe mais) era de madeira. Eu saía de lá pra buscar pão, porque não tinha nem bar, não tinha padaria, não tinha nada. Eu vinha buscar pão de lá do Arco-Íris, debaixo de chuva, aquele barrão danado.

O São da Vila era de madeira, essas tábuas deitadas assim, feito aqueles barracão. O Samcil era um barracãozinho assim.

R: O senhor ouviu falar sobre o hospital São Lucas?

V: Vi. Fiquei internado lá uma vez também.

R: E isso faz quanto tempo?

V: Ah, isso foi 1985, por aí.

R: Certo, mas então, me tira essa dúvida. O Samcil ainda não era um hospital né?

V: Não era.

R: Ele só atendia as pessoas mas não era um hospital. O hospital mesmo que vocês tinham era o São Lucas. É isso.

V: Isso, a gente era guiado pra lá pro São Lucas. Ia lá no Samcil, eles passavam e guiavam pro São Lucas. Se fosse pra internar, internavam no hospital São Lucas.

R: Certo. O que mais o senhor lembra daquela época?

V: Ah, eu vou te falar, tem tanta coisa que eu nem quase lembro muito.

R: Deixa eu ver se ajudo o senhor. Como que era a luz naquela época, a energia elétrica?

V: A energia? Ah, era muito devagar, nossa, muito devagar demais. A gente vivia mais no escuro com lamparina, com aquelas luzinhas apagadas, bem fraquinhas. Os postes eram postes de eucalipto, de madeira. Então quando acabava, já não tinha força, e quando acabava, aí você ficava no escuro. E eu comprava aqueles lampiões de desligar, de querosene, vela, ficava aquele monte de vela dentro de casa.

R: Desde quando o senhor veio morar?

V: Isso, quando eu tava no começo morando lá na casa.

R: O senhor veio da onde, Sr. Vicente?

V: Eu vim de Londrina.

R: Ah tá. Aí conheceu a sua esposa aqui ou ela também veio de lá?

V: Não, viemos juntos. Eu, ela e a filha, essa mais velha que eu tenho. Ela era pequenininha e nós viemos. Isso na estação da Luz, aí eu tinha um cunhado que morava aqui no Bandeirante. Aí eu peguei e arrumei um táxi e vim pra casa do meu cunhado, fiquei uma semana com ele e arrumei um quarto pra eu morar de aluguel, fiquei 11 meses pagando aluguel e já comprei o terreno, com 11 meses que eu tava trabalhando comprei o terreno. Eu falei “não quero saber de aluguel não, eu quero a minha casa”.

Início da transcrição de Christian

R: Certo. Como era, seu Vicente, lá na sua casinha de madeira, a parte de água?

V: Era um poço. Eu que furei. 35 metros.

R: Uau, parabéns seu Vicente.

V: Eu arrumei um “posseiro” pra me ajudar. Ele cansava... aí eu descia... Nossa, tinha uma disposição danada. A Força que eu tinha era de ver a água do poço. 35 metros,,, Quando eu descia lá em baixo, falava “tem que achar essa água”

R: Nossa, se o senhor tem disposição hoje, imagina quando era novo...

V: Eu furei e quando deu no meio do poço, a água mina assim: beirando a parede, né? E ele não, ele soltou no meio a mina de água. Você marcava no relógio, 15 minutos e água tava batendo no joelho. E eu tirava aquelas pedras branquinhas. E tinha uma pedra bem grandona... fui cortando com a picareta. Quando tirou aquela pedra, aquele tufão de água! Quase que me derruba de costas. E deu gás e tirei o gás. O posseiro falou “eu não desço”. Eu falei “eu desço”. Ele falou assim “o senhor num tem experiência de nada”. Eu falei assim “eu sei, perai”. Aí fui num depósito e comprei um fio cobre, aqueles de por na terra. Ai finquei fora do poço. Aí ele falou “nem desce, nem desce. O senhor vai

morrer lá embaixo". Peguei umas folhas de eucalipto verde, enrolei tudinho em mim, com galho, e amarrei bem amarrado e descí. Ai sentia aquele cheiro do gás, mas não era muito. As folhas do eucalipto não deixavam. Aí cheguei lá embaixo, enfiei um pedaço de ferro e amarrei o fio de arame e falei "pode puxar o arame", aí ele puxou. Ai eu falei "pode amarrar aí". Aí ele amarrou. "Agora o senhor pode descer a corda com o balde que eu vou começar a trabalhar". Aí ele falou "O senhor tá louco?". Falei "Desce um copo de pinga junto". Aí ele desceu, tomei um copo de pinga e fui pra baixo. E a água subindo... Quando começou a sair água mesmo, acabou o gás.

R: Ah,.. o gás tampou lá embaixo...

V: Então acabou o gás. E o eucalipto também... E porque o arame. Você olhava assim, o arame ficava vermelhinho que nem a sua blusa, porque o gás pega no arame e fica vermelho, sabe? Ia puxando lá pra fora e eu trabalhando. Aí quando acabei eu catei as pedras que tinha lá e água tava aqui na minha cintura. Ai eu falei pra ele "Me tira pra fora que agora não dá mais, né?". Ele falou "Eu preciso entrar?". Eu falei "Não, também não".

R: O senhor saiu?

V: Saí fora, ai quando eu tava fora chegou um japonês numa firma falando assim "Oh João, você sabe onde tem um poço pra gente pegar um pouco de água? É porque na firma não tem água. Ai eu fui e falei assim "Ah.. acabei de furar um agora". Ele falou "Mas tem água?". Ai eu falei "a água que tem aí já dá pro senhor levar". Ai ele falou assim "Mas puxando um sarinho?". Ai eu falei assim "É, encosta aí que eu puxo pro senhor". Ai enchi o tamborim todinho pra ele, ele colocou na camionete e falou "seu Eugênio, eu não vou prometer nada pro senhor. Amanhã nós conversa". Ai quando foi no outro dia ele veio buscar água, ele trouxe uma bomba e era cara aquilo lá... trouxe bomba, mangueira, caixinha de luz de força pra já ligar já na força. Ele fez tudo a ligação e colocou lá. "Isso aí é seu, Seu Vicente". Ai eu falei assim "Quando o senhor precisar, você pode vir buscar". Eu pegava a mangueira e quando ele chegava, ele encostava o caminhãozinho dele lá dia de sábado, eu via ele indo trabalhar na firma. Eu pegava a mangueira e levava lá no caminhãozinho dele.

R: Era uma bomba? Me explica uma coisa seu Vicente. Se não tinha força elétrica, por exemplo, pra ligar as luzes de casa. Como que tinha força d'água? Como que era?

V: Não, mas já tinha ligado na rua a força.

R: E não tinha força em casa?

V: Tinha. Eu liguei porque meu vizinho, que era mais antigo que eu, tinha uma casona e então ele puxou uns fiozão de força para a minha casa.

R: E a época que o senhor fala que vivia de querosene?

V: É porque a gente antes de puxar esses fios de força lá em casa, a gente usava querosene.

R: Ah, tá.

V: Ai meu vizinho arrumou essa força, veio pra casa. Aí eu pagava, ajudava ele a pagar a conta de luz, então eu não deixava de pagar. Eu pagava tudo.

R: Ah, então o senhor fez um poço e só então depois é que veio essa bomba?

V: Isso, Aí ele trouxe, colocou pra mim e aí pegou os fios que eram da luz do meu vizinho, né? Ai ligou e puxava a água. Ligava a bomba lá e enchia. Pra mim era bom. Eu ia trabalhar e a mulher ficava lá sossegada, porque se precisasse de água você ia lá e ligava a bomba e enchia os tambores. Não precisava ficar puxando.

R: Seu Vicente, tinha o poço só na sua casa ou na casa de cada um?

V: Aonde eu tava morando, o único que furou um poço foi eu. Os outros começaram, cansaram e pararam.

R: Isso. Aí pegavam água do senhor?

V: Pegavam

R: E era um poço só, né?

V: Pegavam. Eu falava “a força tá aí. Só ligar”. Vizinho jogava a mangueira por cima da parede lá e enchia os tambor, depois devolvia. Também, quando chegava perto de pagar as contas, eles davam um dinheirinho pra ajudar.

R: Certo, pra pagar a conta de força, né?

V: E eu vou te falar, eu sofri fia. Nossa... eu fiz o barraco, fazia o piso embaixo, eu socava a terra, porque a terra era vermelha e fazia o cerco em volta do esgoto, uma parte de madeira e outra de papelão. Quando a chuva vinha era aquele sufoco danado. Eu falo assim, mas não gosto nem de lembrar, não gosto. Era um sufoco. Às vezes a mulher deitava e eu deitava, aí a chuva vinha e entrada aquela enxurrada por debaixo da parede, virava aquele lamaceiro dentro de casa. Minha filha sofria hein, Deus me livre. Eu não gosto de lembrar desse passado não.

R: Então vamos lembrar de quando melhorou então.

V: Ah.. quando melhorou eu vou te falar hein... eu gostei! Eu fiz dois cômodos, né? Esses dois cômodos que eu fiz foi porque eu joguei nesses bicheiros que tem aí na rua, nessas casinhas de bicheiro. Eu ía passando assim. Eu tava morando num barraco. Aí eu passei num bicheiro e falei assim “Oh dona, mas você tá fazendo jogo de bicho?”. Ela disse “eu tô”. Eu falei “joga num bicho ai pra mim”. Ela disse “Qual é?”. “Ah... qualquer um que a senhora tiver no seu pensamento”. Naquele tempo, 200 cruzeirinhos era dinheiro hein. Para você ganhar, dava um trabalho “desgramado”. E não que eu ganhei 200 cruzeirinhos no jogo do bicho! Joguei de manhã e à tarde saiu. Ai eu fui lá, dei 10 cruzeirinhos pra ela. E ela "Não, seu Vicente. isso é muito”. “Muito? Se eu não tivesse ganhado. Eu ganhei”. A i fui lá no depósito comprei material pra fazer dois cômodos e banheiro numa pancada só, laje e tudo. Em uma semana, coloquei um pedreiro lá que levantou dois cômodos e um banheiro. Um pedreiro e um ajudante. Paguei eles e ainda sobrou dinheiro pra mim. Ai eu falei “Ai sim, agora vai”. Às vezes, eu tava dentro de casa assim e caía um pé de chuva e eu ficava sossegado, “agora pode cair chuva à vontade”. Mas dá saudade daquele tempinho lá hein. Vou te falar, sofri bastante. Hoje não. Tenho uma casa, aumentamos. Se você for ali na minha casa. Pega dali e vai lá naquela frentona lá.

R: É grande então, hein.

V: É... pega daqui, no fundo, e vai lá na frente onde estão aqueles “vitrozão” lá.

R: É praticamente um terreno.

V: 25 metros. Tá tudo contruído, em baixo e em cima. Tenho três casas no terreno.

R: Construiu a de baixo, depois a do meio e depois a do outro?

V: tenho uma no fundo e aí eu fiz mais uma casinha pro menino.

R: Tem quantas casas no quintal?

V: Tem 3

R: São três casas?

V: Tem a casinha lá no fundo do meu filho, tipo um barracãozinho, bem feitinho. E eu fiz. Gastei duas semanas e foi eu mesmo que fiz. Ai eu fiz pro menino jogar videogame, pra ele não ficar na rua. Ficava na rua, bebendo, posava na rua.

R: Ah, tá.

V: Esse que vai casar agora... Mas agora ele endireitou, agora tá bom. Tem a casinha lá pra ele jogar e tem a outra casa que ele ganhou lá no fundo, que tá vazia. Ele vai casar dezembro agora e vai morar lá. E em cima é só pra ele jogar *snooker*, jogar um videogame, tomar a cervejinha dele. É desse tamanho aqui...

R: Ah, é uma sala grande. Uma sala boa.

V: É desse tamanho aqui. Só pra ele se divertir. Ele chama os colegas. Agora não, por conta da pandemia. Ai eu falava “quando vocês tomarem a vacina, aí vocês vêm. Agora não”.

R: É, tá certo.

V: Enquanto não tomarem a vacina, não. Eu falei “eu já tomei a minha vacina. Agora espera a vez de vocês. Quando vocês tomarem, podem entrar quando vocês quiserem”

R: Ai, seu Vicente. O senhor falou para mim que andava no meio do matagal...

V: Isso... era mato mesmo só tinha um trioquinho assim. Por onde os animais andavam, formava um trioquinho no chão e o matinho de lado, aí você andava no meio.

R: E quando veio surgindo asfalto e rua...?

V: Lá, esse trioquinho já era rua, né? Mas só que tava tudo no mato. Aí foi indo, eu não tenho lembrança quando o asfalto veio. Não sei se foi em 1973, 1974 ou 1975... Acho que foi em 1976 que começou o asfalto lá onde eu moro, porque nos outros lugares tinham. Lá no Vila Nogueira. O Vila Nogueira era mato pra caramba. Aquela UBS da Vila Nogueira era um casa de madeira, aquelas madeiras deitadas. Ai eu ia lá conversar com as meninas lá, ai eu falava “quando eu precisar, eu sei que eu posso vir aqui”. Elas falavam “pode vir. Se precisar de encaminhamento, a gente encaminha”. E era assim. É que eu tinha convênio também, né? O meu convênio era o Príncipe Humberto lá em São Bernardo, não sei se você já ouviu falar.

R: Não, não conhecia.

V: São Bernardo... Príncipe Humberto é um grandão que tem ali perto do INSS...

R: Não, eu não conheço.

V: Príncipe Humberto é um hospital.

R: Como chama?

V: Príncipe Humberto.

R: Príncipe Humberto? Eu não conhecia.

V: Minha esposa ganhou neném lá nesse hospital. Eu tinha convênio lá. Eu tinha dois convênios: eu tinha lá e tinha no Samcil. Na época em que o doutor João era diretor do Samcil.

R: Meu vô também teve no Samcil. Nossa... levou lá no comecinho. Quando começou a montar o Sancio. A minha mãe fala até hoje que ele comprou esse convênio do

Samcil, mas a gente mora muito longe. Ele acabou abandonando. Aí chegou tudo. Transporte... ônibus... o senhor lembra quando você começou a pegar ônibus?

V: Se eu te contar, você chora.

R: Fica à vontade.

V: Pra ir pro Brooklyn em São Paulo. Às vezes, saía na chuva e ia comprar leite pras meninas. Saía às 6 horas. Trabalhava até às seis horas da tarde. Trabalhava fazendo hora extra e falava pro meu encarregado “Não, pode ir que já tá tudo marcadinha pra buscar leite lá pras crianças.” Por aqui você não encontrava. Os mercados aqui eram todos pequenos e não tinham esse leite. Era o Leite Ninho. E eu tinha que buscar umas 4 latinhas de leite, desse tamanho. Duas pra cada menina. E quando eu saía da firma eu falava pro chefe “Eu acho que vou ficar até às 18h. Depois das 18h eu tenho que ir lá pra São Paulo pra buscar leite pras crianças”. Ele falava que tava tudo bem. Aí eu ficava, tava construindo também lá em casa, aí eu aproveitava o embalo. Ai esse pra esse Brooklyn era um ônibus só. Ele vinha de Santo André, passava ali na Vila Nogueira, pegava ele e ia ele já pegava na porta, ficava pendurado na porta que ele lá dentro tava cheio só tinha esse ônibus quase pra ir pra lá de uma em uma hora que passava esse ônibus Promissão não ia falar de ônibus

Início da transcrição de Sophia

Acesso à continuação da entrevista em:

<https://photos.app.goo.gl/JR7n9A6iTAGmDmqF7>

V: (...) pegava ele e ia ele já pegava na porta, ficava pendurado na porta, que ele lá dentro tava cheio. Só tinha esse ônibus quase pra ir pra lá, de uma em uma hora que passava esse ônibus. Promissão não ia falar de ônibus ...(inaudível) matagal? (inaudível). Então, pra você pegar um ônibus pra ir pra cidade, ce tinha que ir na Vila Nogueira e ficar lá no ponto. Se tivesse passado aquela hora, cê ia lá uma hora, uma

hora e meia, duas hora pra passar outro. Se tivesse chovendo, meu deus do céu, aí eu ia minha fia lá no Brooklyn pegava esse Brooklyn aí.

Quando surgia uma vaguinha era ... todo mundo ficava sentado, eu de pé mesmo. tinha ... senta um pouquinho, eu “não, não, tá bom, pode ficar sossegado”. Ir embora daqui da vila nogueira, lá no centro de sp, minha fia, de pé dentro do ônibus. Aí chegava lá, ia lá na farmácia, na... Era farmácia, né. Que lembra daquele do Paulo Maluf, o negócio do Leve Leite, tal tal lá...

R: Hm, sim!

V: Foi naquela época lá. Paulo Maluf foi um bom governador em São Paulo, Paulo Maluf. Aí ele.. Fui lá buscar, minha fia, não pagava nada não. Já tinha que ligar, um encarregado da firma ligava lá e as menina já deixava no jeito pra só chegar lá e pegar. Aí eu chegava lá, papelzinho na mão, assinatura do encarregado, tudo.. “Trabalha nessa firma?” “É”. Aí pegava entregava. Aí eu pegava, punha na bolsa e saía, pegava o ônibus lá e ia embora. Tinha dia que eu chegava em casa meia noite. Chegava na Vila Nogueira 22h30, 23h. De lá do vila nogueira eu ia de pé. Não tinha condução!

R: Nossa..

V: Fazia essa vida. Toda vez eu fazia essa vida aí. E quando tava chovendo? tinha que andar com duas roupas, uma no corpo e uma na bolsa. pra chegar na onde que ce ia la receber esses material, ia no banheiro, tirava aquela roupa molhada e ponhava a roupa enxuta, pra depois receber o material e vim embora. aí a chuva tinha parado, cê tava com a roupa molhada dentro da bolsa. duas bolsa, uma pra carregar o leite, outra pra carregar a roupa. eu, quando eu fazia o planejamento, assim, eu falava pra mulher “ponha essa roupa assim assim já separado”. foi, o projeto é grande. todas vez er assim, todas vez que ia lá, de mês em mês, tinha uma data certinha do mês, todo dia 15 eu ia. ou com chuva ou com sol, tinha que ir. acabava o leite, tinha que ir buscar né. se ocê não vai no dia certo, aí tem que esperar o outro mês pra ce buscar, e não entrega, tinha data certinha. é contada ai, o povo que vai era tudo contadinho, tudo marcadinho, a sua vaga tá lá. e se falhasse uma, duas vez cortava. aí não pegava mais (risos). é, eu falava pra muié assim “eu poso lá mas que eu pego eu pego” (risos)

R: Certo

V: Eu tinha dinheiro pra comprar, mas só que por aqui não achava. o leite só tinha lá, só, o leve leite era só em são paulo só nessa drogaria grandona que tinha lá

R: quando o senhor precisava comprar as coisas de mercado, onde era?

V: comprava aqui pela vila nogueira, marlene. mas era, assim, não era mercado igual vila ? não, era tipo casa sabe aquelas casa antiga?

R: Uhum. As vendinhas

V: É, era um aqui, outro lá. Essa igreja que tem no marlene, ela era de madeira, uma madeira, tudo fechadinha. bonito sabe? Ah, dá saudade minha fia, dá saudade. aquele tempo não tinha celular se tivesse pra eu tirar foto, ce ia ver

R: o senhor tem alguma foto daquela época?

V: Não tenho, minha fia. Não tenho lembrança. Eu já procurei lá quando eu ia na igreja pra mim ver, não tem lembrança. Meu deus do céu. eu alembro, era passado aquele vermelhão no piso, sabe, as menina passava. ce ia na missa lá na igreja e ficava... dava gosto de entrar, nossa.

R: Era bonita

V: era bonita. hoje eu sinto saudade daquele tempinho. foi sofrido, mas eu tenho saudade. E hoje as coisa tão tudo mais fácil, ce sai pra fora da porta de trás, do portão, tudo fácil, gás. gás eu pra pegar um gás, um bujão de gás, eu ia lá no

[interrompidos]

V: pegar um bujão de gás eu ia lá no sao da vila? que é a padaria. era o unico lugar que vendia bujão de gás por aqui. todo mundo ia lá buscar, não tinha assim como toda ? casa grande, tem outro la no serraria, tem outro aqui no marlene. era só lá. na rua não passava, assim como passa hoje, não passava não. não passava gás na rua de jeito nenhum.

R: E antes era como? Era fogão...

V: eu me lembro que eu fiz um forno de assar pão, quando eu aprendi trabalhar de pedreiro, eu fiz um forno pra assar pão... quando eu ia fazer compra eu comprava farinha, fermento, pra fazer o pão né, e lá perto de casa tinha muito ? assim seco, pegava aquele monte de lenha, levava lá pra casa. Fiz o forno e encostado no forno eu fiz um fogão de lenha. aí eu fui numa oficina lá, o cara fez uma chapa de por em cima do fogão ... e a mulher usava, fazia o almoço ali, no fogão de lenha. e assava pão. eu não tinha dinheiro pra comprar o gás, então tinha madeira pra fazer fogo.

R: Onde o senhor trabalhava?

V: eu trabalhava na ? ali na vila são josé.

R: ia a pé até lá?

V: não, tinha um ônibus da firma que vinha buscar a gente até o promissão. essa rua aqui ó, só tinha essa rua aqui que era asfaltada só.

R: A prudente de morais

V: é. e ainda cheio de buraco e terra vermelha. e a outra lá que vai pro vila nogueira, só. no mais, era chão, chão só, cê olhava só via o vermelhão só. passava um carro tinha que [ininteligível]. aqui era igual interior. minha filha, olha, quando eu alembro disso daí... tem horas que eu to deitado no sofá assim, tô assistindo televisão e vejo aquelas terrinha de chão, que passa na televisão, aí eu começo a lembrar, falo “já passei por isso”. dá saudade. dá saudade, nossa, como dá. e eu puxava corda lá no ? nos pé onde eu tava de boia fria. chegou um dia e eu falei pra muié pro empreiteiro, assim falei “ó, to indo embora” ele falou “pra onde?” eu falei “pra casa, que é sao paulo”. “eu não acredito” eu falei “é, o senhor acerta o que o senhor tem de acertar comigo que eu to indo embora”. peguei a enxada, rodei ela quebrei, peguei a moringa que tava d’água lá, peguei a moringa também. só levei minha ? que tava comigo pra casa.

R: E seu vicente, veio fazendo... [interrompidos]

V: aí pego juntei, cheguei em casa e falei pra muie “vamo embora pra São Paulo?” assim, “vamo embora?” "cê ta louco sem saber onde que é?” falei “não, não , junta a mala aí, pode juntar a mala. eu vou ali no banco tirar, sacar um dinheiro ali pra nois, aí

já vai sumir”. aí já fui no banco, tirei o dinheiro, fui lá tinha uma rodoviária assim, né, fui lá já comprei as passagens pra ela, pra mim falei “vamo agora, daqui a pouco nois tá saindo”. Só acabemo de almoçar, lavou a louça peguei o ?? de lavar louça, dentro do saco pegou uns 4 saco de louça, de panela umas coisa lá. eu, ela e essa menina também, era pequeninha também, de 4.

R: ah ela é de lá?

V: É de lá. Aí eu peguei, fui na casa do meu pai e falei assim Oh, tem moinho de café tem 2 saco de arroz tem 2 saco de feijão falei assim vamo comigo lá e s menino que tá aí o outro meu irmão? falei vamo lá ces pega senão os outro vai lá o dono da casa que eu vou deixar a chave la com a vizinha eles vão pegar pra eles. deixei 2 saco de arroz 2 saco de feijão, né. eu trabalhava de boia fria aí na fazendo que eu ia trabalhar vinha os cara lá gostava muito de mim sabe? Pegava e me dava sacos de arroz, limpinho! arroz, num precisava ce mandar na ? pra limpar, tava limpo já assim 60 kg. ele me dava. aí ele falava assim “não, seu geraldo se não quiser trabalhar de boia fria e quiser trabalhar aqui na fazenda aí eu falei tá bom aí ... São Paulo

R: aí o senhor chegou aqui aí tinha poucas casas

V: nossa aqui quando eu cheguei no Bandeirante eu fiquei uma semana só na casa do meu cunhado depois eu já arrumei um canto pra morar. Morar junto com familia num gira não, sabe porque... cada qual no seu canto. fiquei uma semana e já arrumei um... era numa casa aqui, outra lá no Promissao, outra lá no vila nogueira.. aquela mesinha apagadinha.. falei meu deus a pessoa ficar doente aqui vinha pra onde? o pronto socorro de diadema era desse tamanho aqui ó.

R: uma sala

V: é, uma sala só.. uma sala só. não quisesse ficasse lá pra fora pode tá chovendo sol, esperar o medico vir atender era ali, não tinha outro canto

R: E onde era isso? Lá onde era o Samcil, é isso?

V: nao nao diadema. onde é ?? hoje. diadema. ali perto da praça das moça ali sabe

R: Sei, a praça da moça eu sei

V: É, subindo a praça da moça antes de chegar no cemitério em cima ao lado esquerdo assim era onde que era o funeral?. não sei se ??? mas era grandão sabe. era ali que era o pronto socorro.

R: Nossa, era bem miudinho, se é do tamanho daqui..

V: É.. tinha esse tamanho aqui. Era o pronto socorro de Diadema, era uma coisinha de nada. Osh, mas a gente sofria minha fia 13:42

Transcrição por Murilo:

V: Osh, mas a gente sofria, minha fia. Pra passar no médico lá era embolado. Tava chovendo e você tava lá fora lá esperando. Não tinha coberta, não tinha nada. Tinha uma telhinha na beiradinha lá, ficava bem 10, 12 pessoas embaixo.

R: Aí quando chegou a UBS aqui, primeiro chegou a Piraporinha né? Então tinha o Samcil, a Piraporinha. É isso? E por último fizeram aqui. É isso? Aí quando o senhor começou a usar aqui, como era o atendimento? Era igual hoje? Chegava, era atendido, marcava consulta? Como que era?

V: Você passava na hora na consulta também. Passava na hora. Mas esse tempo ali foi legalzinho. Onde é esse prezinho [no sentido de pré-escola] né?

R: Isso! No Centro cultural.

V: Isso, ali.

R: O senhor lembra se tinha muito médico?

V: Ah, naquela época lá era dois médicos que atendiam

R: Pra atender todo mundo?

V: E eu não esqueço não, até hoje. Acho que era o Dr. Rubens. Você lembra do Dr. Rubens aqui?

R: Não, não, eu não conheci.

V: Aqui tinha o Dr. Rubens, acho que ele trabalhava lá.

R: Não, eu não conheci o Dr. Rubens

V: Um médico legal. Atendia as crianças bem. Eu levava minhas filhas lá. Nossa, que beleza. Porque era pertinho. Quando abriu ali [a UBS Piraporinha] eu achei uma beleza. [não entendi] a gente não tinha carro, então a gente ia de pé. Levava a menina nas costas e vamo que vamo (risos). Uma vez eu levei minha filha quase morrendo. Deu sarampo nela, e o sarampo só de sair por fora, ficou por dentro.

R: Ah tá.

V: Saiu um pouquinho por fora, mas mais estava por dentro. Aí fui com ela. Eu só ia rezando pra não chover. Você já pensou uma pessoa com sarampo tomar chuva. Cheguei lá, o médico falou assim “vamo internar?”. Falei “Ah não” [ininteligível]. Falei “não, doutor, não vou internar não. Não tem um jeito aí de dar uns remédios pra ela?” Ele falou “A gente vai dar os remédios, mas o certo é internar. Deixar internada aqui até amanhã”. Aí eu falei pra Cida e a Cida falou assim “não, eu fico aqui”. Eu falei “não, nós vamos tudo embora. Vai ficar ninguém aqui”. Aí eu falei pro doutor lá e eles deram uns remédios, umas injeções nela, tudo. Aí ela foi voltando àquela cor vermelha, foi voltando ao normal, aí acabou a febre, a febre abaixou. Ficamos esperando. Saímos de lá oito horas da noite. Chegamos em casa mais de nove horas, quase dez horas. De pé! Aquela luz de Santana ali, as luzinhas apagadinhas... os postes eram tudo de eucalipto [ele diz “acalípio”]. Naquele tempo não tinha bandido não.

R: Era tranquilo

V: De vez em quando aparecia alguém morto lá no meio do matagal, mas vinha de outro lugar. Matava pra lá e vinha lá e jogava lá perto de casa no mato. Mas assim, dizer que tinha bandido, que mexia nas casas igual mexem hoje, não, fia, você podia deixar a porta aberta, dormir com a porta aberta.

R: Nossa. Era tranquilo aqui.

V: Era sossegado. Tinha uns caras lá que fumavam umas maconha, umas coisas, e ficavam atrás do meu barraco lá. Aí eu abri a janela assim e falei assim “Vocês não estão deixando eu dormir não? Eu to indo trabalhar”. Aí eu pegava na geladeira uma garrafa de vinho, entregava lá. “Vai tomando isso daí. Pode ficar conversando aí”. Aí eles tomavam lá. [e eles responderam:] “Ó, o senhor pode tá dormindo, pode trabalhar, que aqui nós toma conta”. Nunca mexiam. Nunca.

R: E encheu rápido de casinhas?

V: Enchia. Depois que eu mudei lá, não tinha muito, aí encheu.

R: Foi bem rápido?

V: Você vê que hoje perto da minha casa tem uma casa que é igual a um prédio. A Sônia foi lá. Lembra da Sônia?

R: [Sônia] Social.

V: É, foi a Sônia, [foi também] aquela Soninha que trabalhava aí.

R: Psicóloga.

V: E aquela Soninha? O que que deu?

R: Ela se aposentou

V: É?

R: Ela se aposentou, mas ela tá bem. Tá bem. Graças a Deus, ela, a Valéria, estão todas bem. A Sônia Social.

V: Óia vai dar meio dia.

R: Então vamos, Sr. Vicente. Então vamos. Muito obrigada, tá, Sr. Vicente.

V: Encerrou?

R: Encerrou... Ah, uma coisa, Sr. Vicente, sabe sobre aquela farmácia Prates? O senhor usava lá também? Daquele farmacêutico.

V: Não, não tenho lembrança dela não.

R: Então tá ótimo. Sr. Vicente, muito obrigada

1.5 Entrevista com Sr. Adão

Acesso da entrevista em: <https://photos.app.goo.gl/Zyu1j5urHBFxJdkJA>

Parte transcrita por Christian Tanigava

R: Qual é o endereço da sua casa hoje, seu Adão?

A: Rua Getúlio Vargas. Número 190, casa 80.

R: Ai, seu Adão, eu ia pedir pro senhor contar a história desde quando o senhor chegou aqui no bairro do Promissão.

A: Quando eu cheguei aqui, eu morava lá do outro lado na rua Pau do Café. Isso aqui era só barro. Aqui no lugar desse japonês aí era um supermercado. Supermercado Bom Dia. Aqui não tinha posto não. Ali aonde é aquela farmácia nem padaria e nem nada. Então depois que fez a padaria. A única padaria que tinha aqui era aquela padaria, que é o açougue, que era do seu Marcelo. Lembra dele não?

R: Não...

A: Farmácia? Era aquela farmacinha que era do Ferraz.

R: Essa farmácia era aquele farmacêutico que sempre ajudava...

A: Isso, o Ferraz.

R: ... que sempre fazia consulta...

A: Sim, o Ferraz era um farmacêutico muito bom. Melhor do que qualquer médico que tem por aí. Um senhor muito atencioso, estudado, um cara gente boa. Isso aqui era tudo

barro. Aqui quando você ia pra lá, tinha uma linha de ônibus. Tinha seis ônibus só. Se você perdesse o primeiro ônibus, você não conseguia mais. Cansei de ir pro trabalho de pé. No caso, eu perdia o ônibus e não tinha mais. Você o que tinha muito aqui na época?

R: Não

A: Aqui tinha muito bandido.

R: O senhor chegou aqui com quantos anos?

A: Eu? Cheguei aqui novo, tinha 29 anos.

R: Hoje o senhor tem quantos anos?

A: Hoje tô com 70.

R: 41 anos...

A: É, tô aqui há 40 anos já. Muito antigo. Aqui não tinha nada, tudo barro. Ali naquele no Madeleine era tudo barro. Onde é aquele Vila Rita ali era tudo barro. Aquela feira era tudo barro, a feira de domingo. Isso aqui era tudo esquisito, não tinha nada. Pra você fazer compra tinha aquele barateiro Extra, agora é o Assaí.

R: Certo.

A: Você sabe que a gente teve que fazer umas trilhas de cortar caminho, né? [inaudível]. Mas às vezes você queria economizar, cortar caminho e era assaltado, porque era mato, né? Você deixa de ir na feira de manhãzinha pra ir à tarde, você só pega coisa que não vale mais nada. Então era bem por causa disso, você pensava em cortar caminho e era pior.

R: Mas assim... há 40 anos atrás era assim?

A: Onde é o Assaí hoje ali era um mato. Tinha uma vareda assim...

R: Mas assim, há tanto tempo assim era violento já?

A: Agora tá bom. Mas agora é muito diferente, aquele tempo era pior.

R: Não tinha luz, né?

A: Hoje tem “nóia”. Naquele tempo tinha bandido mesmo, que assaltava armado e matava pessoa, sequestrava. Hoje é difícil ver isso. Aqui em Diadema veio melhorar nos anos 83 quando o Gilson foi eleito.

R: Quem foi eleito?

A: O Gilson, ele foi o primeiro prefeito. A gente saía daqui pra São Bernardo e era reconhecido pelos pés, por causa do barro. Chegava e o sapato era só o barro. Ai foi melhorando, o Gilson foi o prefeito por 6 anos. Depois veio o José Augusto. Depois o Filippi. Ai a coisa foi andando, mas naqueles tempos lá isso daqui era terrível. Ali onde é a farmácia ali depois que montou a padaria, aí foi melhorando. Nós só tinha padaria lá onde é aquele açougue e aquela padaria no Vila Nogueira em frente à farmácia que era do Tião e mais nada. Mercado tinha esse aqui e tinha um mercado chamado São Mateus e aqui o Mercado Bom Dia que era do japonês, mais nada. Aqui num tinha um posto de saúde... nada nada.

R: Seu Adão, o senhor veio da onde?

A: De onde? Da Paraíba

R: O senhor veio pra trabalhar aqui em São Paulo? E ai o primeiro lugar que o senhor foi ali na Pau do Café? Que altura da Pau do Café?

A: Eu morava na Pau do Café, depois com o tempo que foi que eu mudei pra ali.

R: Então, a Pau do Café... que altura que era?

A: (inaudível). Era barro, tudo barro. Esse núcleo ai tinha umas 500 famílias só.

R: E como que era o núcleo?

A: Ah... era tudo rua, mato. Ali em baixo tinha um senhor que chamavam “senhor da mandioca”, era um plantio de mandioca ali. Era esquisito ali...

R: Ah, é? Por quê?

A: Ah... não tinha quase ninguém. Era aquilo que eu falei, não tinha nada aqui. Tinha esse mercado aqui, mas pra mim não tinha nada. Não tinha casa, não tinha nada. Aonde é o ginásio ali era uma quadra. Aqui também não era nada. Os postos de saúde tinha nada aqui. Era tudo terra.

R: Como que era pra conseguir a luz e a água?

A: A água você pegava emprestado de outra pessoa. A luz não tinha jeito mesmo, nós só tinha 110. Tomava banho na água fria. Naquele tempo era friiia. Tinha gente que adoecia, tinha pneumonia. Era tudo gelado e frio. Isso aqui fazia um frio que você precisava ver, você tremia. Daqui, por exemplo, você já não via mais uma pessoa. Uma cerração que caía na sua frente e você não via ele.

Início da transcrição de Murilo

R: Aí, igual o senhor falou, os seus parentes ficavam doentes né, com gripe, com pneumonia. Pra onde as pessoas iam quando ficavam doentes?

A: Antigo Samcil

R: E antes do Samcil? Quando o senhor chegou aqui não tinha Samcil ainda.

A: Tinha sim, já tinha já. É antigo.

R: É, mas não era aquele prédio.

A: Não, era coisinha... coisa pouca.

R: Eu ouvi – vê se eu tô certa – que era uma casinha de madeira.

A: É, era de madeira sim. Essa escola, que tinha escola aqui, aquela escola do Madalena ali, era de madeira. Aqui onde é essa escola aqui, o Artiga aqui, era um campo de rodeio. Aqui vinha Tônico e Tinoco, esses cantores vinham tudo fazer música ali. Aqui não tinha nada aqui. Não tinha nada aqui. Não tinha esse negócio desse Artiga. Não tinha nada não. O depósito de material, tinha a Arlete ali e um depósitozinho ali, lá em

cima lá, bem.. só um negocinho de madeira assim, um terreno assim cheio de areia, pedra. Alfonso, aquele que faleceu esses dias de COVID também, ele era dono daquilo ali. Só tinha esses dois depósitos: da Arlete, k era mais fraquinho.

R: Quando o senhor chegou aqui, o senhor já comprou um lote?

A: É. Quando eu vim pra cá, eu era solteiro, sozinho, eu morava em Jabaquara lá. Eu vinha trabalhar em São Berardo ali com uns primos meus, que moravam perto da 35. Eles eram da Rota e me traziam pra cá, me traziam até São Bernardo, que eu trabalhava em São Bernardo.

R: E o senhor vinha de carro?

A: É, eu vinha na viatura com eles pra cá. Eu vinha de ônibus, mas os ônibus me atrasavam e eu perdia a hora. Aí eles disseram “*não, você vai mais nós agora [você vai conosco agora] todo dia cedinho*”.

R: Então já tinha avenida pros carros passarem?

A: É, os primos meus que eram da Rota e aí me traziam. Ônibus mesmo não tinha não. Não sei se você já ouviu falar na empresa [ininteligível, talvez “de ônibus chamada de”] “*Brooks*”?

R: Não

A: Tinha esse Brooks aí que passava de hora em hora. E esse Promissão, que era um azulzinho que a gente chamava de “*Poeirinha*”. Promissão. Em Diadema toda só tinha seis ônibus. Era o que tinha. Seis ônibus só. Aqui não tinha [ininteligível] negócio de Felipe, nem Gilson, nem nada assim. [ininteligível, talvez “depois”] foi que o Gilson surgiu e saiu candidato e nós elegemos ele. Ganhou. Aí as coisas começaram a andar, começou a fazer as coisas, começou a melhorar, começou a fazer coisa, começou a asfaltar, aquele [não entendi] não tinha nada também, começaram a arrumar aquilo ali, e foi arrumando, arrumando, arrumando... Quem fez Diadema foi o PT, foi o Partido dos Trabalhadores. E Lula morava em São Bernardo, era o sindicato, era um cara lutador, foi candidato ao governo [ininteligível], e ninguém queria porque os caras prenderam

ele, eu tava lá no dia que prenderam ele, igual aquele laço que laçaram, ia pegar nele ia me laçando também [não fez muito sentido para mim, talvez esteja faltando alguma palavra]. Em São Bernardo, ali perto daquele campo da Vila Euclides ali. Fazia greve ali. E aí foi que começou. Queira ou não queira, o PT foi quem surgiu nesse país nosso aqui e arrumou isso aí. Muita coisa aqui, muita cidade aqui, em Diadema principalmente. Mas isso aqui era o Lauro Michels. Sempre quando você arrumava um terreninho, comprava um materialzinho, ele carregava lá. Se você precisa comprar areia, pedra, cimento, às vezes um bloco, uma madeira, ele sempre passava e ele catava lá.

R: Ele não deixava fazer

A: É, o Lauro Michels, *véio*, o velho do Lauro Michels, ele é avô desse Lauro Michels novo aí.

R: Aí o senhor estava em Jabaquara, né? O senhor lembra com quantos anos o senhor veio pra cá?

A: Não, aí eu vim quando foi em 80 mesmo eu já vim pra cá já, porque eu perdi muita hora morando no Jabaquara [ininteligível] eu vim pra cá, trabalhar aqui. Aí quando eu vim pra cá, eu morava em uns parentes meus, parente assim, da Paraíba [não entendi]. Aí depois eu comprei um terreninho assim e fiz uma [não entendi].

R: O senhor comprou esse terreninho de quem?

A: Eu comprei, nem lembro mais, acho que essa pessoa nem existe mais.

R: Por acaso foi de um Sr. Nicolau? O senhor lembra?

A: Nicolau? Daqui?

R: Isso

A: É, eu ouvi falar dessa pessoa.

R: Ouviu? O senhor lembra dele?

A: Se eu lembro dele? Mais ou menos assim, por longe, trabalhava, não tinha tempo de entrar na rua, era solteiro, depois foi que eu casei, fui lá pro Norte, casei, depois voltei pra cá de novo. Aí eu fiquei morando lá naquela casa da frente, aí depois surgiu ali, um rapaz tava vendendo, queria ir embora, eu fui, comprei ali e mudei pra ali e construí ali, morava lá na Pau do Café. Perto da Dona Odete.

A gravação é interrompida e a conversa continua no vídeo seguinte.

R: Não conheço

A: Não conhece não? É perto daquela viela que vai andando assim, em frente àquele negócio que é tipo uma farmacinha, subindo aqui direto aqui. Foi o primeiro [terreno] que eu comprei, foi lá. Era um terreninho lá, era desse tamanho assim, mais ou menos isso aqui, deu pra fazer uma cozinha e um quartinho pra dormir. Eu era solteiro mesmo né.

R: Que foi a parte de madeira

A: Morava eu e meu irmão.

R: Tá, que foi a casinha que o senhor falou que foi a primeira.

A: Foi a primeira.

R: Certo. Aí me explica, Sr. Adão. O senhor conseguiu os dois quatinhos. Aí o senhor disse que na hora que o senhor foi comprar esse material, pra construir a sua casa, no lugar desses dois quatinhos, aí eles pegavam esse material e não deixavam o senhor construir. É isso?

A: É. Não. Os materiais que eu comprei foram umas folhas de madeirite, uma esteira e uma folha de coisa pra fazer uma porta. Era uma porta só, só entrava e saía, um quarto só. Tinha a entrada aqui, isso aqui e saía por aqui. Não tinha negócio de sair lá. Aqui tinha uma cama aqui, um fogãozinho aqui, de duas bocas, um botijão, a cama de solteiro, a beliche. Morava eu e meu irmão, e mais nada, tinha só isso só. A água a gente pegava água do poço.

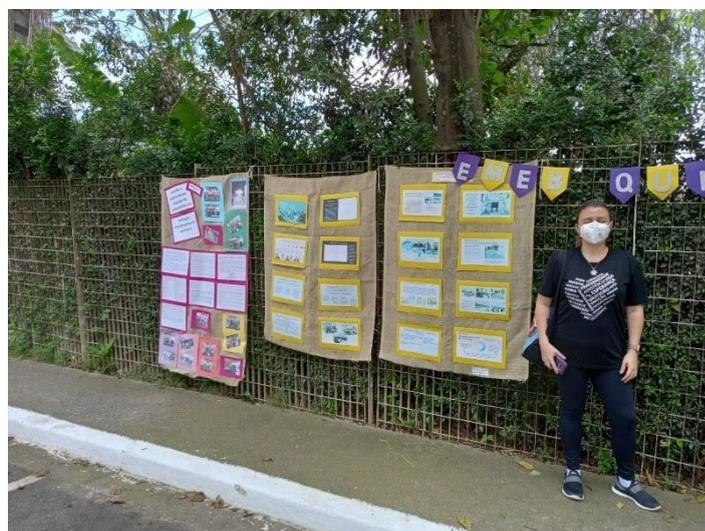
R: Certo. Luz era aquele que o senhor falou que vinha de um vizinho pro outro né.

A: Porque não tinha. Água encanada era difícil demais né, porque a energia era 110, e pra tomar banho você esquentava a água, porque a 110 não mexe com chuveiro não, só 220. Mas não tinha chuveiro porque não tinha 220, só tinha 110. Aí depois foi melhorando, muito tempo, eu fui pra comissão, eu e mais outros aí, fomos puxando luz aí, luz, água, pedindo aí, [ininteligível]. Aí foi melhorando, melhorou, melhorou, um pouco [depois] a gente tinha água, tinha luz, mas muito tempo também, não foi assim não. Você pegava a água de poço, e aquela água de poço tava me fazendo mal. Porque tem um poço aqui e tem uma cisterna aqui, e aquilo ali contaminava né, aí foi que a gente da comissão e tal foi pedindo água... [ininteligível]. E aí foi melhorando e hoje tá aí. Você mora aí e anda aí... tem casa boa que vale 200 conto, 300 conto. Entendeu? Acabou-se aquela bandidagem. Tem nóia, porque nóia tem em todo canto né

R: É, eu vi ali perto da casa do [ininteligível, pois Sr. Adão falou por cima]

A: É, é uma palavra muito feia, mas infelizmente a gente tem que falar, viu. Nóia, vagabundo, fazer o que? Nem isso aqui é igual [ele aparentemente gesticula algo que faz a Renata rir], por que não tem emprego, mas a pessoa tem que viver pelo menos sem fazer isso aí né, mas infelizmente hoje tem muito nóia, só quem dá jeito nisso aí é a polícia, a polícia não dá jeito nisso aí também, não tá nem aí também, o governo não liga pra isso aí, o pessoal se iludiu com o Bolsonaro, elegeram ele, ele e o Dória, eles prometeram muita coisa, não fizeram nada de jeito nenhum, e hoje tá aí, bandidagem aí, muito nóia, roubando, usando droga, onde você sente o cheiro de maconha **[gravação interrompida]**

2. Fotografias





Acervo de Fotos - Seu Adão - Década de 1980







Acervo de Fotos - UBS Promissão - Década de 1990





Acervo de Fotos - UBS Promissão - Década de 2000



Acervo de Fotos - Seu Adão - Década de 2000

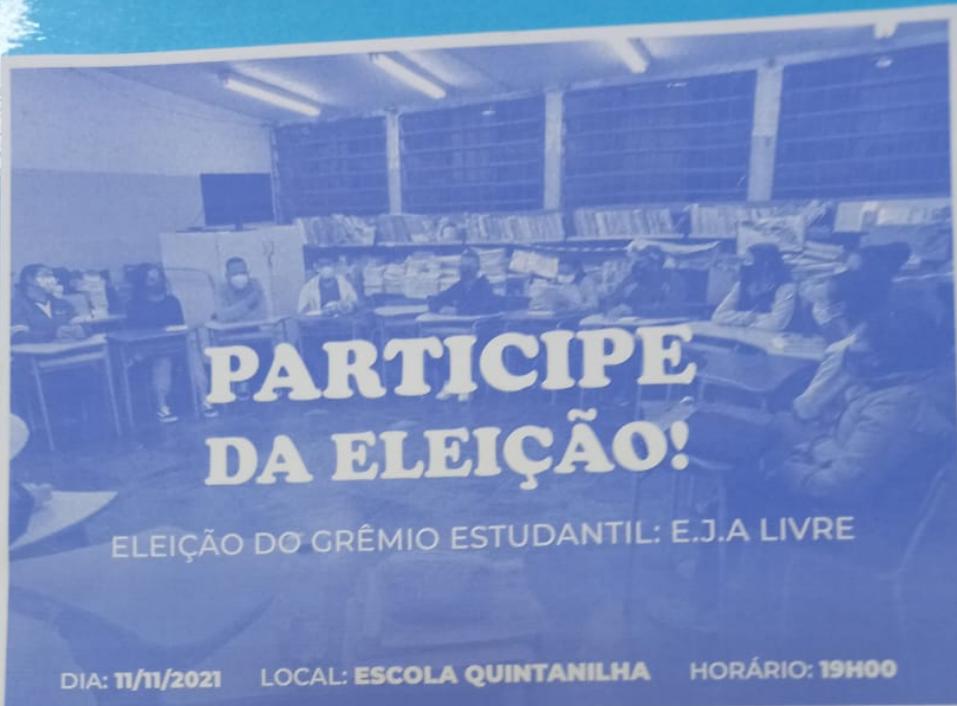


Equipe ESF - Agentes Comunitárias de Saúde, Médico e Enfermeira da Família



Equipe ESF - Agentes Comunitárias de Saúde, Médico e Enfermeira da Família





PARTICIPE DA ELEIÇÃO!

ELEIÇÃO DO GRÊMIO ESTUDANTIL: E.J.A LIVRE

DIA: 11/11/2021 LOCAL: ESCOLA QUINTANILHA HORÁRIO: 19H00

OBJETIVOS DO GRÊMIO

DEFENDER OS INTERESSES INDIVIDUAIS E COLETIVOS DOS ESTUDANTES

INCENTIVAR AS ATIVIDADES ESCOLARES, DE ESPORTE, DE CULTURA E DE LAZER

SOLICITAR ESCOLA DO ENSINO MÉDIO PRÓXIMO DA RESIDÊNCIA.

PARTICIPAR DA ESCOLA

Nutricionista RT

Angela Loureiro
Elaine Loureiro
Marina Piotta

angela.loureiro@diadema.sp.gov.br
elaine.loureiro@diadema.sp.gov.br
marina.piotta@diadema.sp.gov.br

Nutricionistas